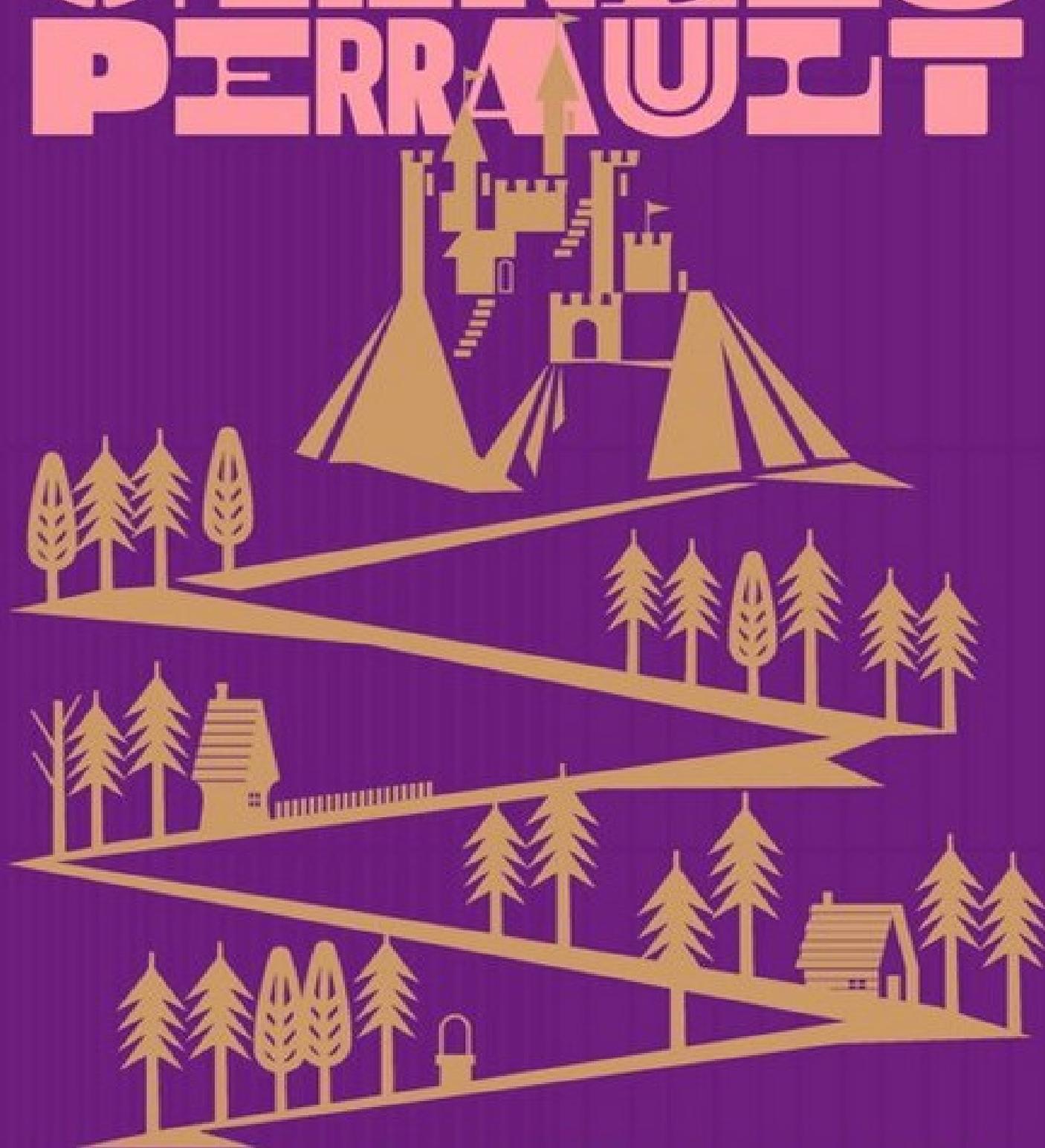


CHARLES PERRAULT



CONTOS DA MAMÃE GANSA

Sumário

A Bela Adormecida

Chapeuzinho Vermelho

O Barba Azul

O Gato Mestre

As Fadas

Cinderela Ou A Gata Borracheira

Riquet

O Pequeno Polegar

Pele De Asno

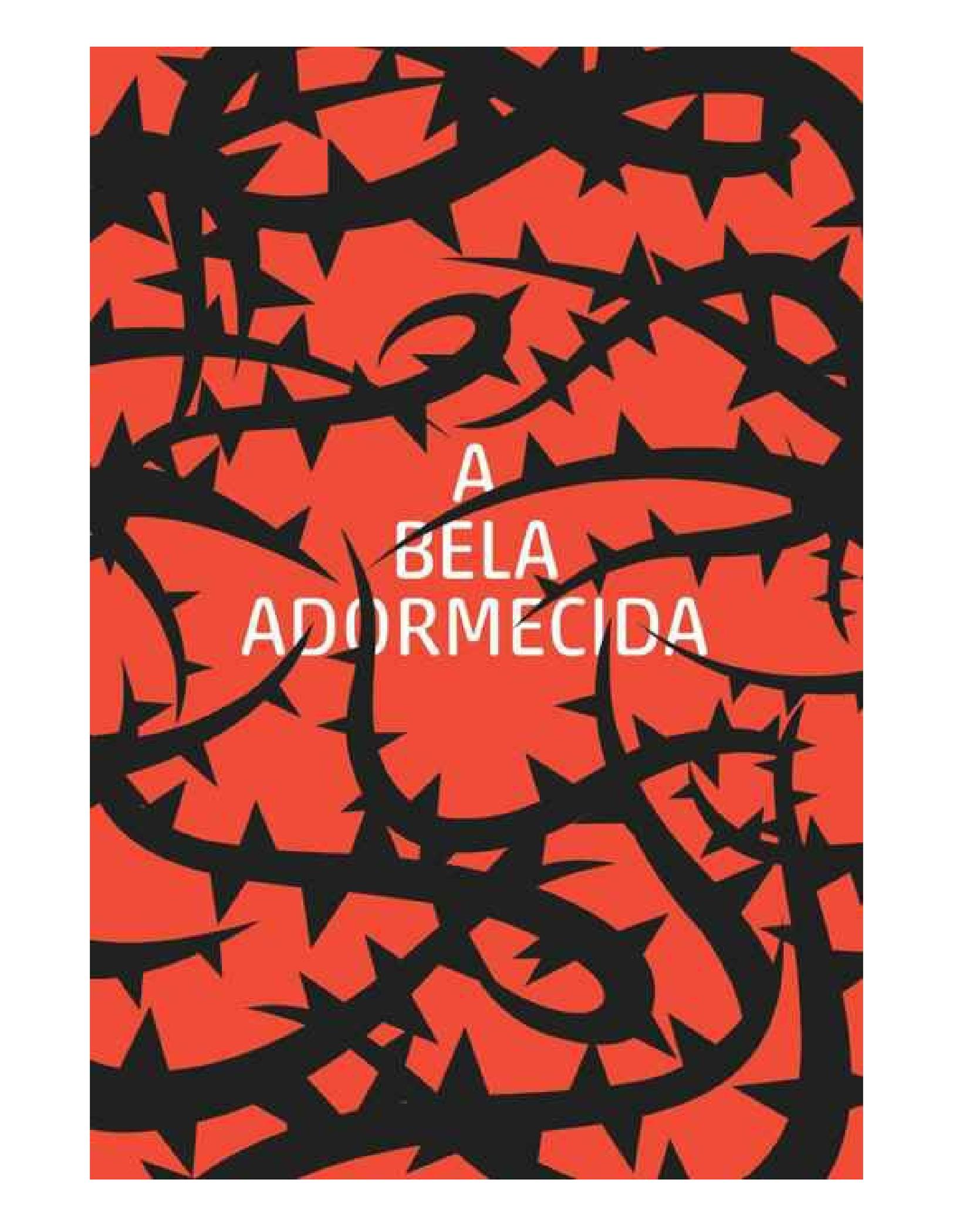
Apêndice

“Barba Azul”, Ou O Segredo Do Conto

A Delicadeza Das Duas línguas

Sobre O Autor

Sobre As Ilustrações



A
BELA
ADORMECIDA



Era uma vez um rei e uma rainha que viviam tão chateados por não terem filhos, tão chateados que nem há como dizer. Eles percorreram todas as estações de águas do mundo; fizeram promessas, peregrinações, pequenas devoções, tentaram de tudo, mas nada adiantou de nada. Finalmente, no entanto, a rainha ficou grávida e deu à luz uma menina: fez-se um belo batizado; escolheram por madrinhas da princesinha todas as fadas que puderam encontrar pelo país (encontraram sete), para que cada uma lhe desse um dom, como era costume das fadas naquele tempo, e a princesa tivesse, desse modo, todas as perfeições imagináveis.

Depois das cerimônias de batismo, os convidados voltaram para o palácio do rei, onde houve um grande banquete para as fadas. Diante de cada uma, foram postos talheres magníficos com um estojo de ouro maciço, onde havia uma colher, um garfo e uma faca de ouro fino, cravejados de diamantes e rubis. Mas, quando todos tinham tomado lugar à mesa, viu-se entrar uma velha fada que não tinha sido convidada, porque havia mais de cinquenta anos que ela não saía de sua torre, e a julgavam enfeitiçada ou morta. O rei mandou lhe dar talheres, mas não tiveram como oferecer-lhe um estojo de ouro maciço como às outras, porque só tinham mandado fazer sete, para as sete fadas. A velha sentiu-se desprezada e, resmungando, sussurrou algumas ameaças. Uma das jovens fadas, que estava sentada perto dela, ouviu-a e, temendo que ela pudesse dar à princesinha algum dom maléfico, foi se esconder atrás da tapeçaria assim que todos se levantaram da mesa, no intuito de falar por último e tentar consertar, tanto quanto lhe fosse possível, o mal que a velha tivesse feito.

Enquanto isso, as fadas começaram a conceder seus dons à princesa. A mais jovem lhe deu o dom de ser a pessoa mais bonita do mundo; a seguinte, de ser tão inteligente quanto um anjo; a terceira, de ter uma graça admirável em tudo o que fizesse; a quarta, de dançar à perfeição; a quinta, de cantar como um rouxinol; a sexta, de tocar qualquer tipo de instrumento com o maior virtuosismo. Ao chegar a vez da fada velha, balançando a cabeça mais por despeito que por velhice, ela disse que a princesa haveria de furar a mão num fuso e morrer por causa disso.

Esse dom terrível fez todo mundo estremecer e não houve quem não chorasse. Mas no mesmo instante a fada jovem saiu de trás da tapeçaria e disse bem alto estas palavras:

– Que o rei e a rainha se tranquilizem, sua filha não morrerá por isso; é verdade, eu não tenho poder suficiente para desfazer por completo o que a fada mais velha fez. A princesa há de furar a mão num fuso; mas, em vez de morrer, ela apenas vai cair num sono profundo que durará cem anos, ao fim dos quais o filho de um rei virá despertá-la.

O rei, para tentar evitar a desgraça prevista pela fada velha, mandou sem demora divulgar um decreto que proibia as pessoas de fiar em fusos e até mesmo de tê-los em casa, sob pena de morte.

Quinze ou dezesseis anos depois, tendo o rei e a rainha ido a uma de suas casas de campo, deu-se que a jovem princesa, andando um dia pelo castelo e subindo de quarto em quarto, chegou a uma água-furtada, bem no alto de uma torre, onde uma velhinha, sozinha, fiava em sua roca. Nunca aquela boa mulher tinha ouvido falar da proibição real de fiar em fusos.

– O que a senhora está fazendo, vizinha? – disse a princesa.

- Eu, menina bonita, estou fiando – respondeu-lhe a velha, que não a conhecia.
- Ah, que lindo – prosseguiu a princesa –, como é que a senhora faz? Deixa eu ver se consigo fazer igual.

Bastou ela pegar no fuso, impetuosa como era, e até um pouco estabanada, e também porque a decisão das fadas assim o ordenava, para logo ela furar a mão e ali cair desmaiada.

A boa velha, atordoada, grita por socorro: de todos os lados corre gente, jogam água no rosto da princesa, afrouxam sua roupa, batem em suas mãos, esfregam loção da rainha da Hungria¹ em suas têmporas, mas nada a fazia voltar a si.

Foi então que o rei, ao subir até lá atraído pela barulheira, lembrou-se da previsão das fadas e, entendendo que aquilo tinha de acontecer porque assim fora dito pelas fadas, mandou colocarem a princesa no mais belo apartamento do palácio, numa cama bordada a ouro e prata. Ela, de tão bonita que ficou, poderia ser comparada a um anjo, pois as cores vivas não haviam sumido de sua pele com o desmaio: sua face estava cor-de-rosa e os lábios como coral; ela apenas tinha os olhos fechados, mas ouvia-se sua respiração muito leve, o que era a prova de que não estava morta.

O rei ordenou que a deixassem dormir sossegada, até chegar sua hora de acordar. A fada boa que lhe salvara a vida, condenando-a a dormir por cem anos, achava-se no reino de Mataquin, a doze mil léguas de distância dali, quando ocorreu o acidente com a princesa; mas num instante ela foi avisada por um pequeno anão que tinha botas de sete léguas (eram botas com as quais se percorriam sete léguas a cada passada). A fada partiu de lá sem delonga e uma hora depois a viram chegar numa carruagem de fogo puxada por dragões. O rei lhe ofereceu a mão para ajudá-la a descer da carruagem. Ela aprovou tudo o que ele tinha feito; mas, como era muito previdente, pensou que, quando a princesa despertasse, ela ficaria muito confusa por estar totalmente sozinha naquele velho castelo; eis então o que ela fez.

Com sua varinha de condão, tocou em todos que estavam no castelo (menos no rei e na rainha), governantas, damas de honra, camareiras, fidalgos, mordomos, copeiros, cozinheiros, ajudantes de cozinha, mensageiros, guardas, porteiros, pajens, lacaios; tocou também em todos os cavalos das cocheiras, junto com os cavaliços, nos grandes mastins que ficavam pelo pátio e na pequena Pufe, a cadelinha da princesa, que estava em cima da cama, perto dela. Assim que a fada os tocou, todos caíram no sono, para só acordarem no mesmo instante em que sua senhora, a fim de estarem prontos para servi-la quando ela precisasse deles; até os espetos que estavam na lareira, cheios de perdizes e faisões, foram dormir, como o próprio fogo. Tudo isso aconteceu num instante; as fadas não demoravam nada em suas tarefas.

Então o rei e a rainha, depois de beijarem sua querida filha sem que ela despertasse, saíram do castelo e mandaram divulgar a proibição de que qualquer um, fosse quem fosse, se aproximasse do local. Proibição que, aliás, nem era necessária, pois em um quarto de hora cresceu em torno do parque uma quantidade tão grande de árvores altas e baixas, com muitas plantas espinhentas entrelaçadas umas nas outras, que nem gente nem bicho conseguiria passar por lá – apenas as pontas das torres do castelo ainda eram visíveis, e mesmo assim só de muito longe. Nunca se duvidou de que a fada tivesse feito aquilo como mais um dos ardis

de que ela era capaz para que a princesa, enquanto adormecida, nada tivesse a temer dos curiosos.

Cem anos depois, o filho do rei que então reinava, e já era de outra família que não a da princesa adormecida, tendo ido caçar perto dali, perguntou o que eram as torres que ele avistava por cima da mata densa e fechada; cada um lhe respondia conforme o que tinha ouvido falar. Uns disseram que era um velho castelo habitado por fantasmas; outros, que todos os feiticeiros da região faziam seus encontros ali. A opinião mais comum era de que naquele castelo morava um ogro e que para lá ele levava todas as crianças que conseguia agarrar, para poder comê-las à vontade, sem que ninguém fosse capaz de segui-lo, uma vez que só ele tinha o poder de abrir passagem através da mata.

O príncipe já nem sabia no que acreditar quando um velho camponês tomou a palavra e disse:

– Há mais de cinquenta anos, meu príncipe, eu mesmo ouvi meu pai dizer que nesse castelo havia uma princesa, a mais bela do mundo, que teria de dormir por cem anos e só seria despertada pelo filho de um rei ao qual ela estava destinada.

Ao ouvir isso, o jovem príncipe sentiu-se todo afogueado; acreditou, sem titubear, que seria ele a dar fim a tão estranha aventura e, movido pelo amor e pela glória, decidiu ir ver de imediato do que se tratava. Assim que avançou em direção à mata, todas as grandes árvores e as muitas plantas espinhentas se afastaram espontaneamente para deixá-lo passar: ele, então, caminha para o castelo, que avistava no fim de uma longa alameda na qual havia entrado, e nota, surpreendendo-se um pouco, que nenhum de seus acompanhantes conseguira segui-lo, pois as árvores, depois de ele ter passado, logo voltavam a se fechar. Nem por isso ele deixou de prosseguir seu caminho: um príncipe jovem e apaixonado é sempre valente. E assim, ele entrou num grande pátio, onde tudo o que observou à primeira vista o fez gelar de medo: num silêncio pavoroso, a imagem da morte se apresentava ali por toda parte, não havendo senão corpos estendidos, de homens e de animais que pareciam mortos. No entanto, ele percebeu muito bem, pelo rosto corado e pelo nariz cheio de espinhas dos porteiros, que eles estavam simplesmente dormindo, e seus copos, onde ainda restavam algumas gotas de vinho, indicavam com clareza que estavam bebendo no momento em que dormiram.

Ele passa por outro pátio, todo pavimentado de mármore, sobe uma escada e entra na sala dos guardas, que estavam alinhados em duas fileiras frente a frente, de carabina no ombro e roncando tanto quanto podiam. Atravessa vários cômodos repletos de fidalgos e damas, todos dormindo, uns em pé, outros sentados, e, ao entrar num quarto completamente dourado, vê num leito com cortinados abertos o mais belo espetáculo que jamais vira: uma princesa que parecia ter quinze ou dezesseis anos e cuja beleza esplendorosa tinha algo de luminoso e de divino. Trêmulo e cheio de admiração, ele se aproximou e se ajoelhou perto dela.



Então, com o fim do encantamento, a princesa acordou; mirando-o com mais ternura nos olhos do que um primeiro encontro parecia permitir, disse a ele:

– É você, meu príncipe? Você, que se fez esperar por tanto tempo?

O príncipe, encantado com tais palavras, e mais ainda com a maneira como foram ditas, não sabendo como demonstrar sua alegria e gratidão, garantiu-lhe que a amava mais do que a si mesmo. Suas frases, saindo mal encadeadas, agradaram bem mais; pouca eloquência, muito amor. Ele, não há por que se espantar com isso, estava mais envergonhado do que ela, que tivera tempo de pensar no que lhe dizer, pois aparentemente (embora a história nada diga a respeito) a fada boa lhe havia propiciado, durante um sono tão longo, o prazer dos sonhos agradáveis. Por fim, depois de quatro horas de conversa, eles ainda não haviam falado nem metade das coisas que tinham para dizer um ao outro.

Enquanto isso, todo o palácio despertou junto com a princesa; cada um pensava no que tinha a fazer e, como nem todos estavam apaixonados, encontravam-se mortos de fome; apressada como os demais, a dama de honra se impacientou e disse à princesa, em voz alta, que a comida estava servida. O príncipe ajudou a princesa a se levantar; ela estava vestida do modo mais magnífico; mas bem que ele se poupou de lhe dizer que estava vestida como a avó dele, e ainda usava gola alta; nem por isso estava menos bonita.

Eles passaram para um salão espelhado, onde cearam, servidos pelos copeiros da princesa; os violinos e oboés tocaram músicas antigas, mas excelentes, embora já fizesse quase cem anos que ninguém as tocasse; depois da ceia, sem perder tempo, o capelão-mor casou-os na capela do castelo e a dama de honra foi fechar os cortinados da cama: eles dormiram pouco, a princesa já quase não precisava de sono, e o príncipe a deixou de manhã cedo para retornar à cidade, onde seu pai devia estar preocupado com ele.

O príncipe lhe disse que se perdera na floresta durante a caçada e tinha dormido na cabana de um carvoeiro, que lhe havia dado pão preto e queijo para comer. O rei, seu pai, que era bem ingênuo, acreditou, mas sua mãe não se deixou convencer e, vendo que quase todos os dias o filho saía para caçar e que sempre que dormia duas ou três noites fora alegava uma razão qualquer, não duvidou mais de que ele estivesse envolvido com algum namoro: de fato, ele viveu com a princesa por mais de dois anos, tendo com ela dois filhos: o primeiro, uma menina, que foi chamada de Aurora; o segundo, um menino, chamado de Dia, pois parecia ainda mais belo do que a irmã.

Várias vezes a rainha disse ao filho, para fazê-lo se explicar, que na vida era preciso satisfazer os desejos, mas ele jamais ousou contar seu segredo a ela; embora a amasse, tinha medo da mãe porque ela era da raça dos ogros e o rei só a desposara por causa de sua grande fortuna; dizia-se até nos cochichos da corte que a rainha tinha as mesmas inclinações dos ogros e que ela, quando via criancinhas passando, fazia o maior esforço do mundo para se conter e não se lançar sobre elas; portanto, o príncipe nunca quis lhe contar nada.

Mas depois que o rei morreu, o que aconteceu dois anos mais tarde, o príncipe passou ao comando, reconheceu publicamente seu casamento e, com grande pompa, foi buscar sua mulher, agora rainha, no castelo. Na capital, onde ela entrou cercada pelos dois filhos, fizeram-lhe uma recepção magnífica.

Pouco tempo depois, o novo rei foi à guerra contra o imperador Cantalabutte, seu

vizinho. Na regência do trono, deixou a rainha-mãe, a quem recomendou com insistência que zelasse por sua esposa e seus filhos; ele deveria permanecer na guerra durante todo o verão. Assim que ele se foi, a rainha-mãe mandou a nora e os filhos dela para uma casa de campo na floresta, a fim de satisfazer mais facilmente a sua horrível vontade. Passados alguns dias, ela também foi para lá e, certa noite, disse ao mordomo:



- No jantar de amanhã, quero comer a pequena Aurora.
- Ah! madame – disse o mordomo.
- Eu já disse que quero – insistiu a rainha (e o fez num tom de ogra que tem vontade de comer carne fresca). – E é no molho Robert² que eu quero comê-la.

O pobre-coitado, percebendo que seria inútil tentar se opor a uma ogra, foi pegar seu facão e subiu ao quarto da pequena Aurora, que estava, então, com quatro anos; ao vê-lo, ela foi abraçá-lo aos pulos, rindo, para lhe pedir um doce. Ele desabou no choro, deixando o facão cair, e correu ao terreiro para cortar a garganta de um cordeirinho, para o qual fez um molho tão gostoso que a soberana lhe disse nunca haver comido nada igual. Ao mesmo tempo, pôs a salvo a pequena Aurora, dando-a à sua mulher para escondê-la no casebre que ela ocupava nos fundos do terreiro.

Oito dias depois, a malvada rainha disse ao mordomo:

- Na ceia, quero comer o pequeno Dia.

Sem nada responder, decidido a enganá-la como da outra vez, ele saiu à procura do pequeno Dia, a quem encontrou com uma espadinha na mão, esgrimindo contra um macaco grande; o menino tinha apenas três anos. Levou-o à sua mulher, que o escondeu junto com a pequena Aurora, e em lugar do pequeno Dia o mordomo serviu um cabritinho macio, que a ogra considerou uma verdadeira delícia.

Até então, tudo havia corrido muito bem; mas uma noite essa malvada rainha disse ao mordomo:

- Quero comer a rainhazinha no mesmo molho das crianças.

Foi então que o pobre mordomo perdeu toda a esperança de ainda poder enganá-la. A jovem rainha tinha mais de vinte anos, sem contar os cem que passara dormindo; sua pele, apesar de branca e bela, já estava um pouco dura; como encontrar, entre os animais que eles criavam ali, um assim tão duro? Para salvar a própria vida, ele resolveu cortar a garganta da jovem rainha e subiu ao quarto dela com a intenção de acabar logo com aquilo; fazendo-se de furioso, entrou com um punhal na mão. Ainda assim, não quis surpreendê-la, por isso lhe comunicou, com todo o respeito, a ordem que tinha recebido da rainha-mãe.

Ela esticou o pescoço para ele e disse:

– Pois cumpra o seu dever, execute a ordem que lhe foi dada; quanto a mim, vou rever meus filhos, as pobres crianças que eu tanto amava – pois ela os supunha mortos desde que os tinham levado sem nada lhe dizer.

– Não, não, madame – respondeu o pobre mordomo, comovido. – A senhora não irá morrer nem deixará de rever seus queridos filhos, e será na minha casa, onde os escondi; de novo vou enganar a rainha, fazendo-a comer, em vez da senhora, uma corça nova.

Imediatamente, ele a levou para sua casa, onde a deixou cobrindo os filhos de beijos e chorando com eles, enquanto ia preparar uma corça, que a rainha comeu durante a ceia com o mesmo apetite com que teria devorado a jovem rainha. Muito contente com sua crueldade, ela já se preparava para dizer ao rei, quando ele voltasse, que lobos enfurecidos haviam devorado sua esposa e seus dois filhos.

Uma noite, enquanto rondava, como era seu costume, pelos terreiros e pátios do castelo, a farejar por ali cheiro de carne fresca, ela ouviu o pequeno Dia chorando num porão, pois a

rainha sua mãe queria mandar chicoteá-lo por ele ter agido mal; e ouviu também a pequena Aurora pedindo perdão ao irmão. Reconhecendo a voz da rainha e de seus filhos, a ogra, furiosa por ter sido enganada, já na manhã seguinte, bem cedo, determinou, com uma voz assustadora que fez todos tremerem, que fosse posto no meio do pátio principal um grande tonel, o qual mandou encher com sapos, víboras, cobras e serpentes, para jogar lá dentro a rainha e seus filhos, o mordomo, sua esposa e a ajudante do casal; eles foram trazidos, conforme a ordem dela, com as mãos amarradas às costas.



Todos estavam lá e os carrascos já se preparavam para atirá-los no tonel quando o rei, que não era esperado assim tão cedo, entrou no pátio a cavalo; ele viera num cavalo alugado³ e, cheio de espanto, perguntou o que significava aquele horrendo espetáculo; ninguém se atreveu a lhe dar explicações, até que a ogra, enraivecida com o que estava vendo, jogou-se ela mesma de cabeça no tonel, onde os bichos ferozes que ela mandara pôr lá a devoraram num instante. O rei não deixou de sentir pena: afinal tratava-se de sua mãe; mas logo ele se consolou com sua bela mulher e seus filhos.

MORAL

Esperar algum tempo para ter um esposo

Rico, belo, gentil, bondoso,

É coisa muito natural.

Mas para esperar cem anos, sempre dormindo,

Não se acha mais mulher igual,

Tão tranquilamente insistindo.

A fábula parece também querer mostrar

Que às vezes os agradáveis nós do casório,

Mesmo que tardem, podem dar em caso sério.

Nada se perde por esperar;

Mas a mulher com tanto ardor

Aspira à fé conjugal,

Que eu não tenho força nem destemor

De lhe pregar esta moral.

1 Esta loção, feita para a rainha Isabel da Hungria (1305-80), é preparada a base de flores de alecrim em álcool.

2 Molho feito com manteiga, cebola e especiarias normalmente servido como acompanhamento para assados suínos e bovinos.

3 No original, *il était venu en poste*. *Poste*, na França, foi a primeira ideia de posto dos correios, uma área demarcada nas estradas medievais, a distâncias regulares, onde os mensageiros podiam emprestar ou alugar cavalos para percorrer longos caminhos de forma mais ágil. Neste conto, reforça a ideia de que o rei recorreu a um meio de voltar para casa com rapidez.

CHAPUZINHO VERMELHO





Era uma vez uma menininha do campo, a mais bonita que já se tinha podido ver; sua mãe era louca por ela, e a avó, mais louca ainda. Essa boa senhora tinha mandado fazer para a menina um chapeuzinho vermelho que lhe caía tão bem que, por toda parte, só a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, tendo feito uns bolinhos, disse a ela:

– Vai ver como está passando a sua avó, pois me disseram que ela estava doente; leve para ela um desses bolinhos e esse pote com um pouco de manteiga.

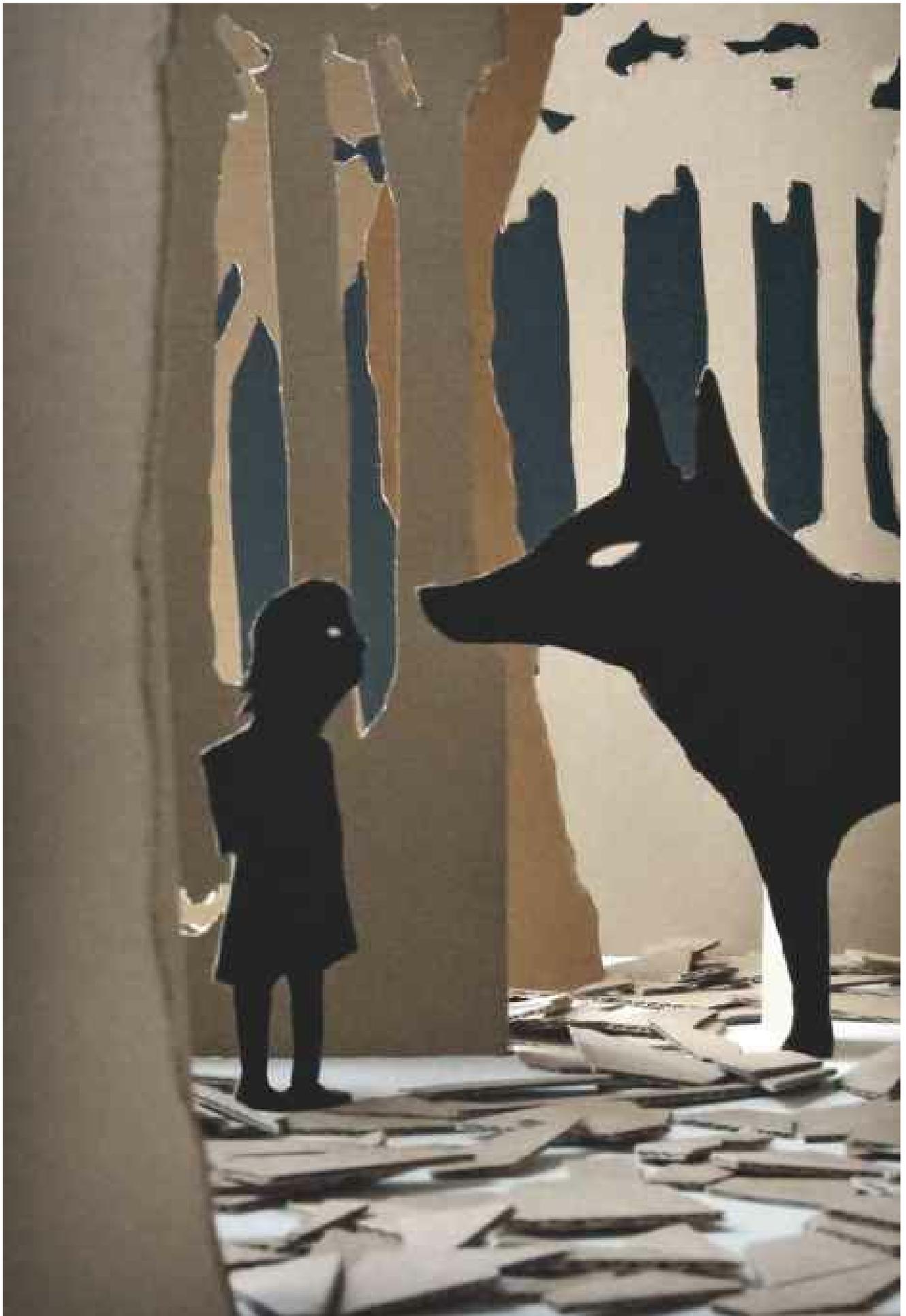
Chapeuzinho Vermelho saiu imediatamente para ir à casa da avó, que morava num outro lugarejo. Ao passar por um matagal, ela encontrou o lobo mau, que teve muita vontade de comê-la, porém não se atreveu, por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou aonde ela estava indo; a pobre menina, que não sabia como é perigoso parar e dar atenção a um lobo, respondeu:

– Vou visitar a minha avó e levar para ela um bolinho e um pote de manteiga que a minha mãe mandou.

– Ela mora muito longe? – perguntou o lobo.

– Ah, é longe, sim – disse Chapeuzinho Vermelho. – É depois daquele moinho que se avista bem lá embaixo, na primeira casa da aldeia.

– Ah, sabe – disse o lobo –, eu também quero ir visitá-la; então eu vou por este caminho e você vai por aquele, e vamos ver qual de nós dois chegará primeiro.





O lobo começou a correr o máximo que pôde pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo e se distraía pegando avelãs, correndo atrás de borboletas, fazendo buquês com as florezinhas que achava.

O lobo não demorou muito a chegar na casa da avó; ele bateu na porta: toc, toc.

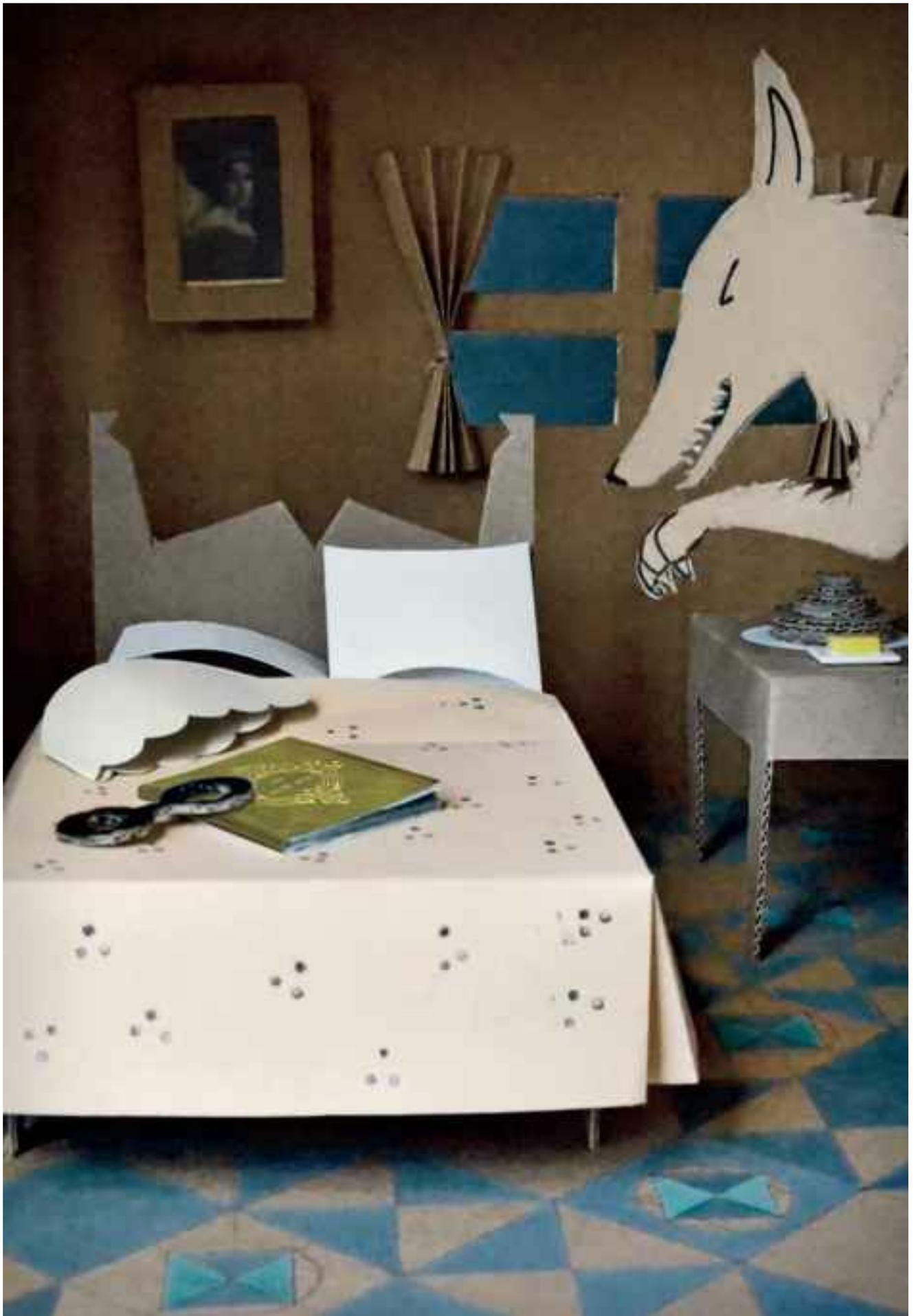
– Quem é?

– É a sua neta Chapeuzinho Vermelho – disse o lobo, disfarçando a voz –, vim trazer um bolinho e um pote de manteiga que a minha mãe mandou para a senhora.

A boa vovó, que estava na cama porque se sentia um pouco mal, gritou de lá:

– É só puxar o pino que a tramela roda.

O lobo puxou o pino, a porta logo se abriu e ele se jogou sobre a bondosa mulher, devorando-a num instante, porque havia mais de três dias que não comia nada. Em seguida, fechou a porta e foi se deitar na cama da vovó, para esperar por Chapeuzinho Vermelho, que algum tempo depois bateu na porta. Toc, toc.



– Quem é?

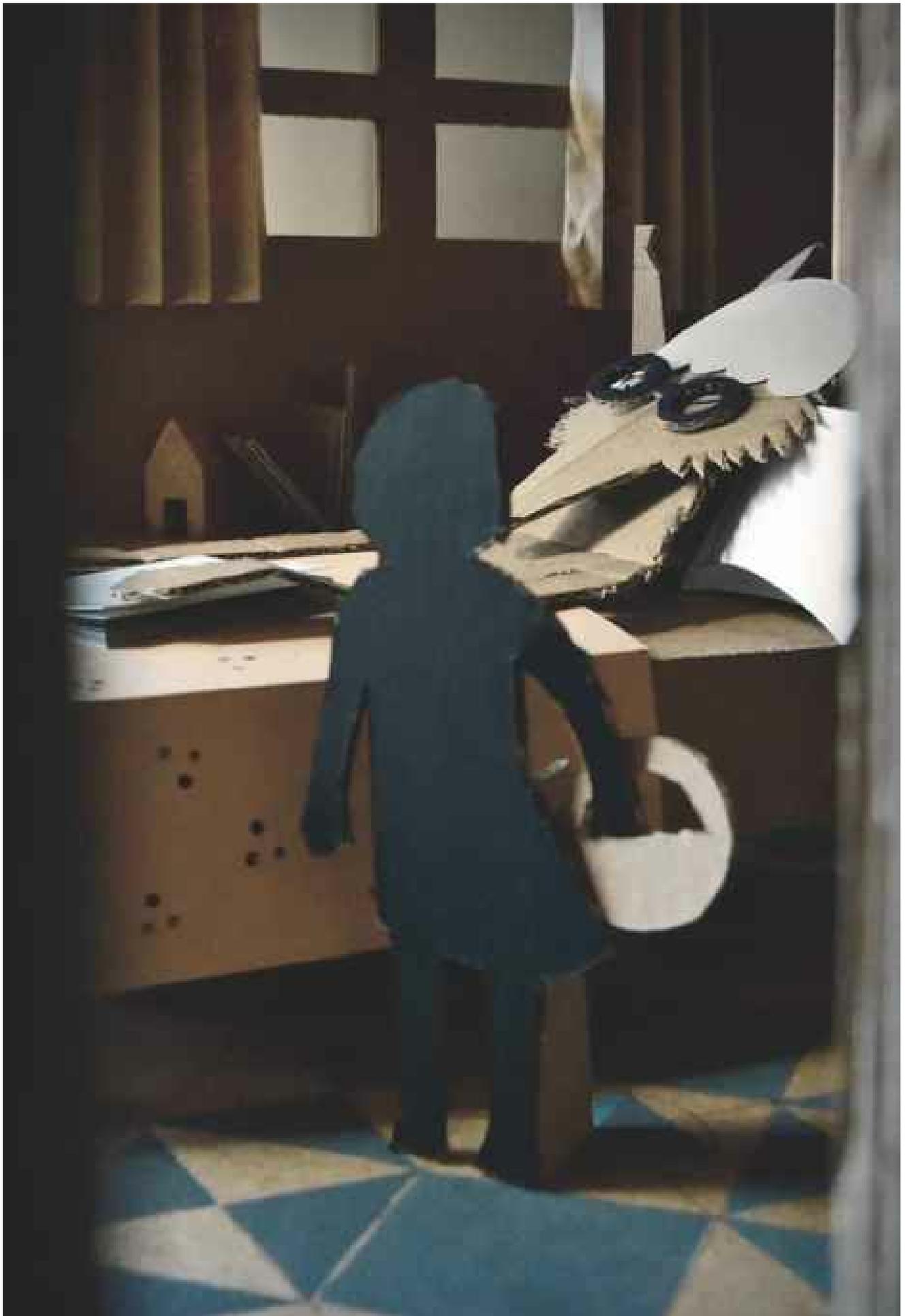
Ao ouvir a voz muito grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro sentiu medo, mas, acreditando que fosse a avó gripada, respondeu:

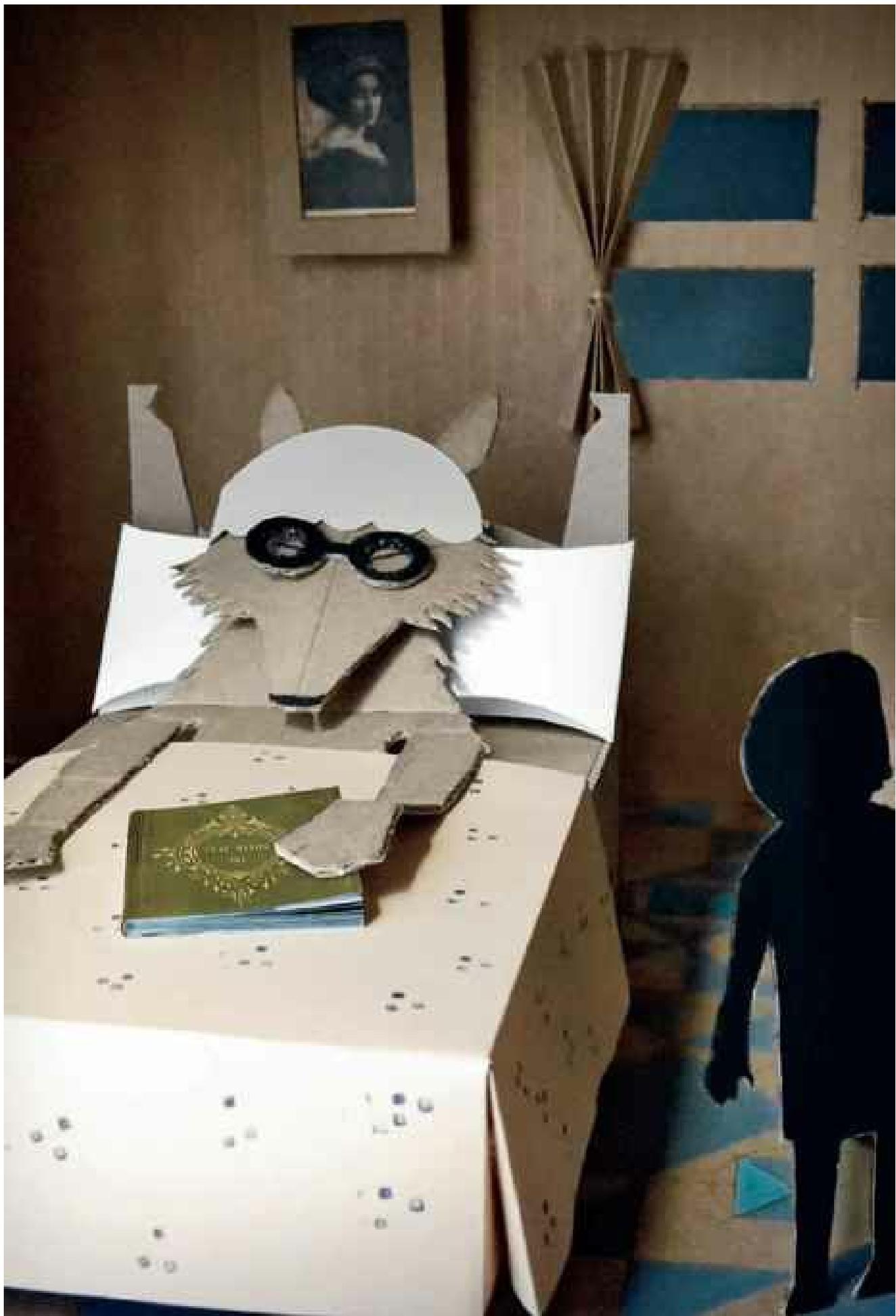
– É a sua neta Chapeuzinho Vermelho. Vim trazer um bolinho e um pote de manteiga que a minha mãe mandou para a senhora.

O lobo, afinando um pouco a voz, gritou de lá:

– É só puxar o pino que a trameia roda.

Chapeuzinho Vermelho puxou o pino e a porta logo se abriu.





Ao vê-la entrar, o lobo lhe disse, se escondendo na cama, bem embaixo da coberta:

– Ponha o bolo e o pote de manteiga na arca onde fica o pão e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tira a roupa e vai se esticar na cama, onde leva um susto tremendo ao notar a aparência de sua avó, vestindo um penhoar. Diz para ela:

- Que braços grandes você tem, vovó!
- É para te abraçar melhor, minha filha.
- Que pernas grandes você tem, vovó!
- É para correr melhor, minha filha.
- Que orelhas grandes você tem, vovó!
- É para escutar melhor, minha filha.
- Que olhos grandes você tem, vovó!
- É para enxergar melhor, minha filha.
- Que dentes grandes você tem, vovó!
- São para te comer.



E, dizendo essas palavras, o lobo mau se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

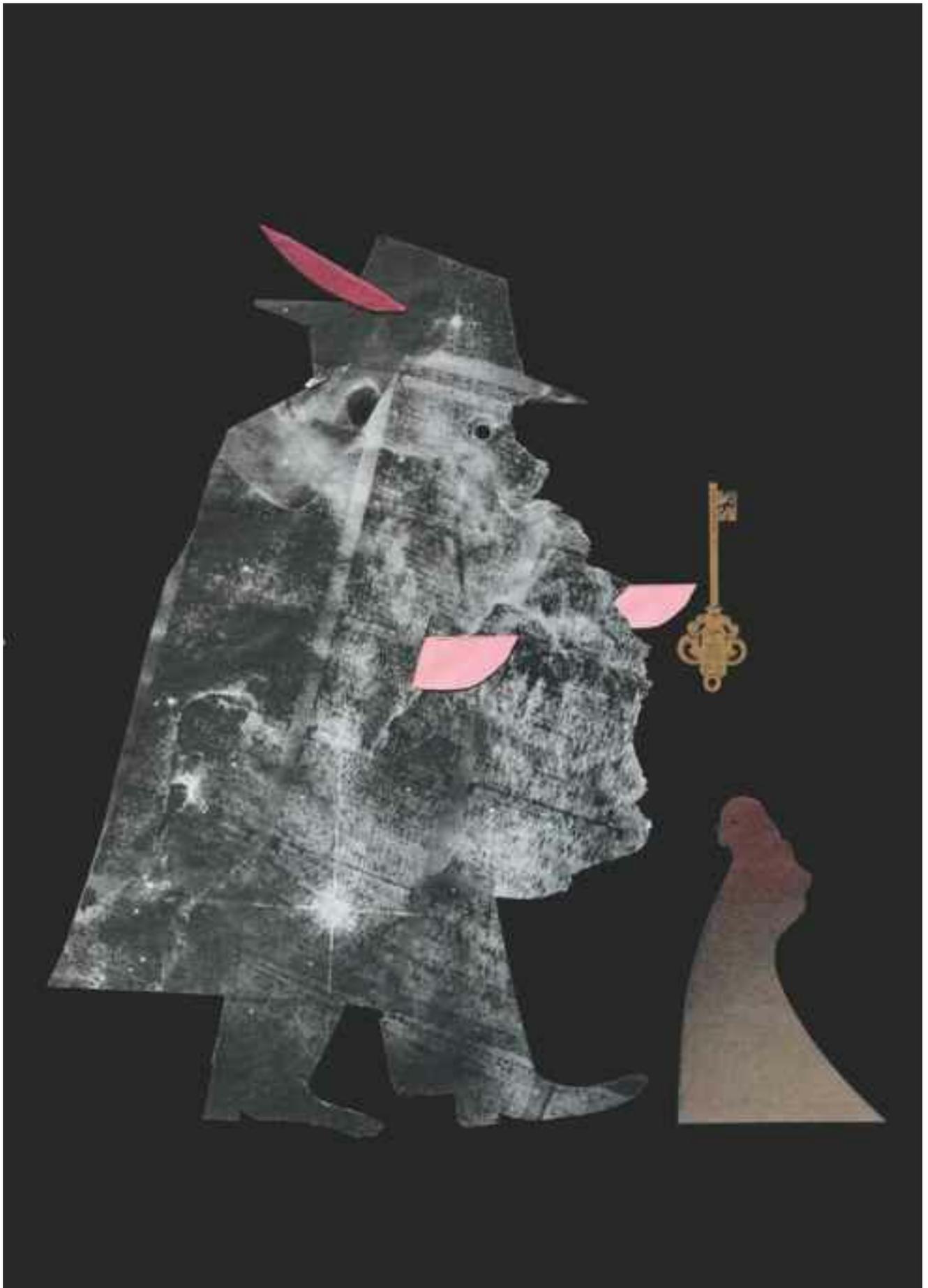
MORAL

*Aqui se vê que os inocentes,
Sobretudo se são mocinhas
Bonitas, atraentes, meiguinhas,
Fazem mal em ouvir todo tipo de gente.
E não é coisa tão estranha
Que o lobo coma as que ele apanha.
Digo o lobo porque nem todos
São da mesma variedade;
Há uns de grande urbanidade,
Sem grita ou raiva, e de bons modos,
Que, complacentes e domados,
Seguem as jovens senhorinhas
Até nas suas casas e até nas ruínas;
Mas todos sabem que esses lobos são bondosos
De todos eles são os mais perigosos.*

O BARBA AZUL

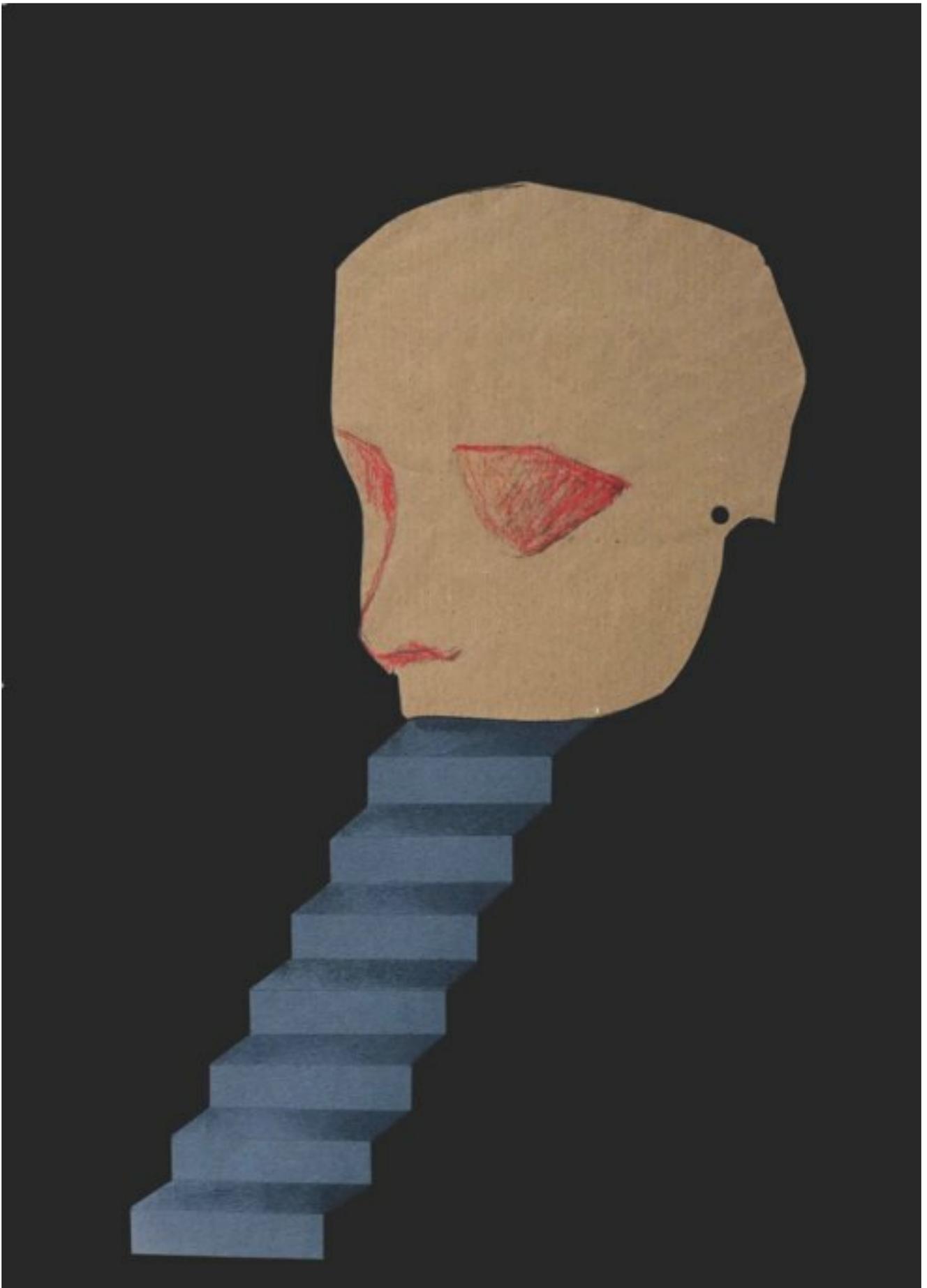
era uma vez um homem que possuía belas casas na cidade e no campo, baixelas de ouro e de prata, móveis ornamentados, carruagens inteiramente douradas; mas por infelicidade esse homem tinha a barba azul: isso o tornava tão feio, tão horroroso, que não havia menina nem mulher que não fugisse dele.

Uma de suas vizinhas, senhora muito distinta, tinha duas filhas perfeitamente lindas. Pedindo a mão de uma delas em casamento à mãe, ele permitiu que ela escolhesse qual delas gostaria de lhe dar. Mas nenhuma das duas quis saber dele, e uma o empurrava para a outra, incapazes de aceitar um homem que tinha a barba azul. O que as desagradava ainda mais é que ele já havia se casado com várias mulheres, das quais ninguém sabia o que tinha sido.



O Barba Azul, para travar conhecimento com elas, levou-as com a mãe, mais três ou quatro das melhores amigas delas e alguns rapazes da vizinhança, a uma de suas casas de campo, onde ficaram por oito dias seguidos. Não foram senão passeios, caçadas e pescarias, danças e festins, ceias fartas: ninguém nunca dormia, pois passavam a noite toda a fazer brincadeiras uns com os outros; tudo enfim ia tão bem que a caçula começou a achar que o dono da casa já não tinha a barba assim tão azul e era um homem muito respeitável. Tão logo voltaram para a cidade, fez-se o casamento.

Um mês depois, o Barba Azul disse a sua mulher que um negócio importante o obrigava a fazer uma viagem de pelo menos seis semanas à província; que ele esperava que ela se divertisse bastante durante sua ausência, que convidasse suas amigas mais próximas, que as levasse a passeios no campo, se assim quisesse, e que por toda parte ela comesse do bom e do melhor. – Aqui estão – disse a ela – as chaves dos dois depósitos de móveis, as chaves das baixelas de ouro e de prata, que não devem ser usadas todos os dias, as chaves dos meus cofres-fortes, onde estão o meu dinheiro e o meu ouro, as chaves das caixinhas com as minhas pedras preciosas e também a chave mestra de todos os apartamentos. Já esta aqui, esta chavezinha, é do gabinete no fim do grande corredor do apartamento térreo; abra tudo, ande por todos os cantos, mas nesse pequeno gabinete eu a proíbo de entrar, e a proíbo de tal modo que, caso aconteça de abri-lo, você nem imagina o que serei capaz de fazer de tanta raiva.



Ela prometeu cumprir à risca todas as ordens que acabara de receber; ele, depois de beijar a esposa, subiu em sua carruagem e lá se foi pela estrada.

As vizinhas e as amigas mais íntimas nem esperaram por um convite para ir visitar a recém-casada, de tão impacientes que estavam para ver as riquezas da casa dela, à qual não tinham se atrevido a ir enquanto o marido estava lá, por causa da barba azul que lhes punha tanto medo. Assim, sem demora, elas percorrem os quartos, os gabinetes, as rouparias, cada cômodo mais bonito e mais luxuoso do que o outro. Em seguida, foram até os depósitos de móveis, onde não se cansaram de admirar a quantidade e a beleza das tapeçarias, leitos, sofás, gaveteiros, mesinhas, mesas e espelhos nos quais elas se viam dos pés à cabeça e cujas molduras, sendo umas de cristal, outras de prata pura e de prata dourada, eram as mais belas, as mais magníficas que já tinham visto. Não paravam de exaltar e de invejar a felicidade da amiga que, entretanto, não se divertia nada vendo aquelas riquezas todas, devido à impaciência que sentia para ir abrir o gabinete do apartamento térreo.

A curiosidade a instigava tanto que, sem nem considerar como seria indelicado deixar suas acompanhantes sozinhas, ela desceu por uma escadinha secreta, e com tal precipitação que por duas ou três vezes achou que fosse quebrar o pescoço. Quando chegou à porta do gabinete, ficou ali parada por algum tempo, pensando na proibição que seu marido havia feito e refletindo que era até bem possível que lhe acontecesse uma desgraça caso ela o desobedecesse; mas a tentação era tão forte que ela não pôde resistir: pegou portanto a chavezinha e, tremendo, abriu a porta do gabinete.

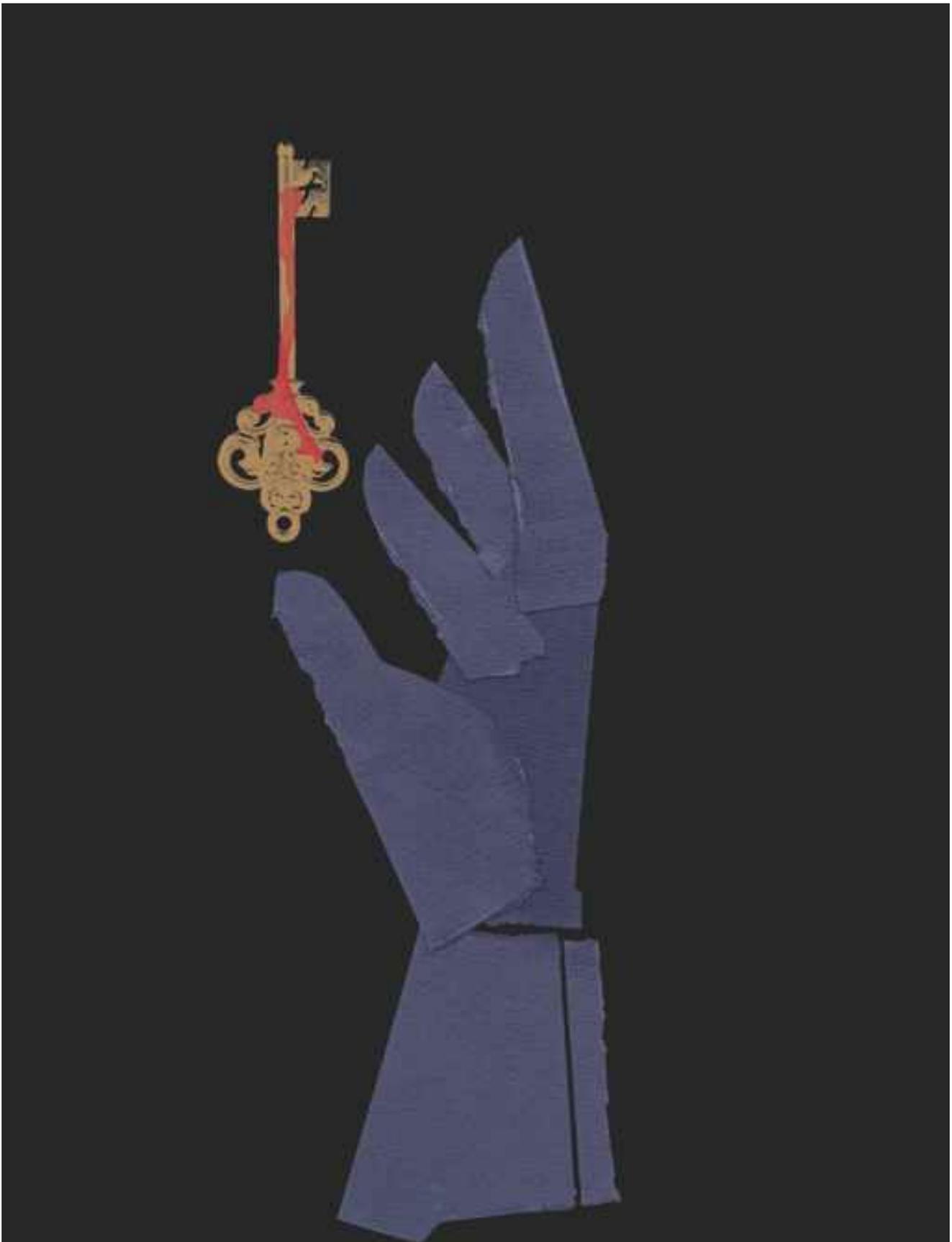


De início não viu nada, porque as janelas estavam fechadas; mas momentos depois

começou a notar que o chão estava todo coberto de sangue coagulado e que nesse sangue estavam refletidos os corpos de várias mulheres mortas e penduradas ao longo das paredes (eram as mulheres com as quais Barba Azul se casara, todas estranguladas por ele, uma após a outra). Ela achou que ia morrer de medo, e a chave do gabinete, que tinha acabado de tirar da fechadura, caiu de sua mão. Tomando um pouco de coragem, apanhou a chave, fechou a porta outra vez e subiu a seu quarto para se recuperar por algum tempo; não conseguia, porém, se controlar, tão abalada se sentia.

Ao perceber que a chave do gabinete estava suja de sangue, ela a limpou umas duas ou três vezes, mas o sangue não saía nunca; nem sequer adiantou lavá-la, mesmo esfregando com sabão e areia, sempre ficava uma manchinha de sangue, pois a chave estava enfeitiçada e não havia meio de clareá-la totalmente: quando se tirava o sangue de um lado, ele reaparecia do outro.

Nessa mesma noite, o Barba Azul voltou da viagem dizendo que no caminho havia recebido algumas cartas informando-o de que o negócio que o fizera partir já havia sido resolvido em favor dele. A mulher fez tudo o que pôde para demonstrar grande contentamento com o seu pronto retorno.



No dia seguinte, ele pediu as chaves de volta, e ela as entregou, mas com a mão tremendo tanto que ele adivinhou facilmente tudo o que havia se passado. Então disse a ela:

- Por que a chave do gabinete não está junto das outras?

- Ah, eu devo ter deixado lá em cima, na minha mesa – ela respondeu.
- Pois não se esqueça de me dar logo essa também – disse o Barba Azul.

Depois de muitos adiamentos, foi preciso entregar a chave. Tendo-a examinado, o Barba Azul perguntou à esposa:

- Por que há sangue nesta chave?
- Não sei de nada – respondeu a pobre mulher, mais pálida do que a própria morte.
- Não sabe de nada, não é? – prosseguiu o Barba Azul. – Eu, porém, sei muito bem; a senhora resolveu entrar no gabinete! Pois então, madame, agora vai entrar de vez, para ocupar seu lugar junto das damas que lá viu.

Ela se jogou aos pés do marido, chorando e lhe pedindo perdão por sua desobediência, com todas as demonstrações de um arrependimento sincero. Tão linda e aflita estava que teria comovido uma pedra; mas o coração do Barba Azul era mais duro do que pedra.

- A senhora tem de morrer, madame – disse ele. – E agora mesmo.
- Já que tenho de morrer – respondeu ela, fitando-o com os olhos cheios de lágrimas –, dê-me um tempo para eu rezar a Deus.
- Dou-lhe dez minutos – replicou o Barba Azul – e nem um instante a mais.



Assim que se viu sozinha, ela chamou sua irmã e disse a ela:

– Por favor, querida Anne – (era esse o nome dela) –, eu queria que você subisse no alto da torre para ver se nossos irmãos já estão vindo; eles prometeram vir me visitar hoje e, se você os vir, faça sinal para se apressarem.

A irmã Anne foi até o alto da torre, e a outra, coitada, em desespero, de vez em quando lhe gritava:

– Anne, Anne, minha irmã, não está vendo nada vindo? E a irmã Anne respondia:

– Não vejo nada além de sol na poeira e muito mato na beira.

Enquanto isso, o Barba Azul, com um enorme fâcão na mão, gritava com toda a força para a mulher:

– Desça logo daí, senão eu subo.

– Por favor, só mais um momentinho – dizia-lhe a mulher; e em voz baixa ela logo perguntava:

– Anne, Anne, minha irmã, não está vendo nada vindo? E a irmã Anne respondia:

– Não vejo nada além de sol na poeira e muito mato na beira.

– Vamos, desça logo – gritava o Barba Azul –, senão vou subir.

– Já estou indo – respondia a mulher, que depois perguntava:

– Anne, Anne, minha irmã, não está vendo nada vindo?

– Estou vendo uma poeirada agora, vindo para o lado de cá – respondeu a irmã Anne.

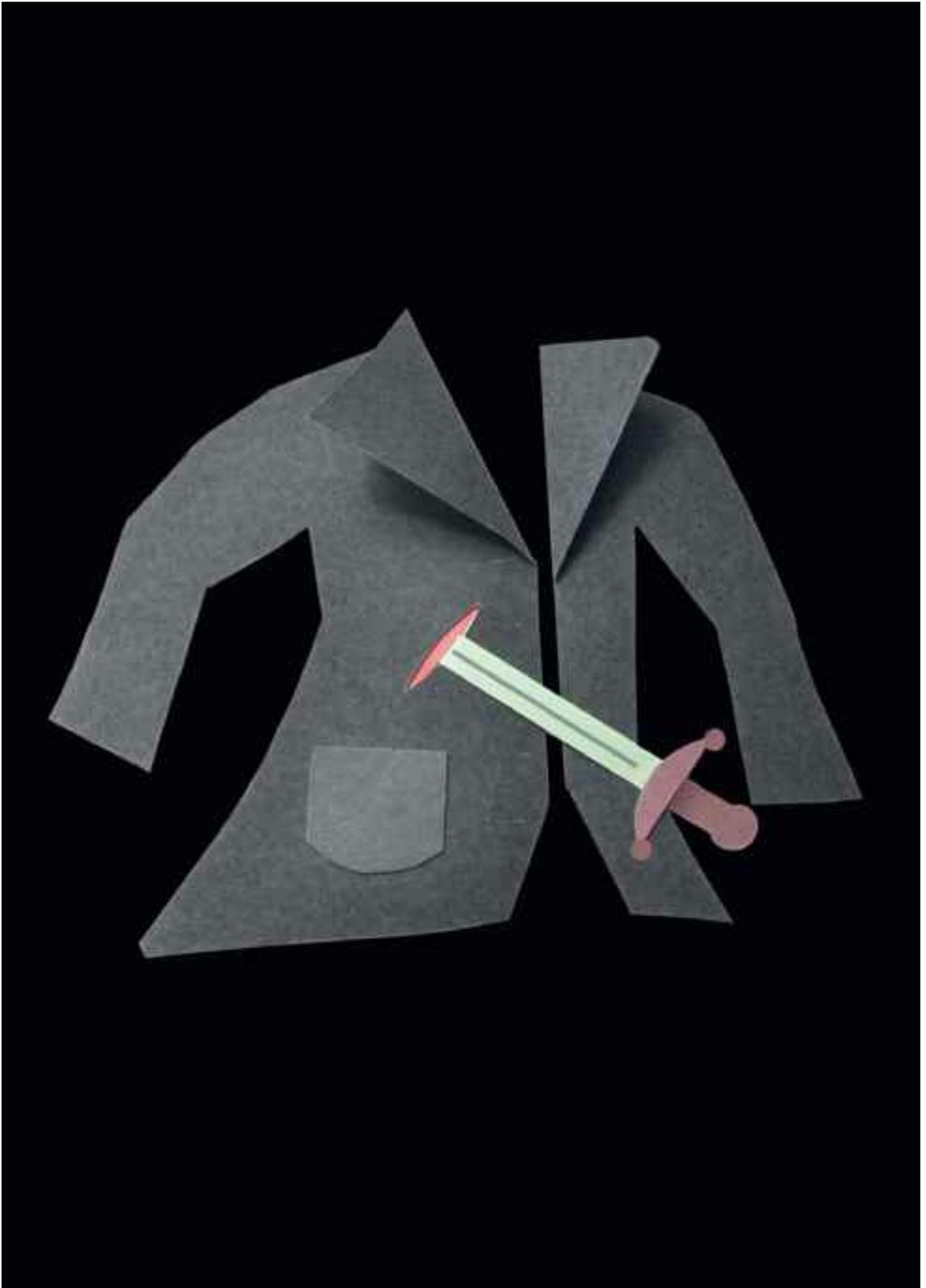


– Será que são os meus irmãos?
– Não, minha irmã, que pena! É só um bando de carneiros.
–E então, não vai descer? – gritava o Barba Azul.
– Só mais um momentinho – respondia a mulher, que depois perguntava:
– Anne, Anne, minha irmã, não está vendo nada vindo?
– Estou vendo dois cavaleiros vindo para cá, mas ainda estão muito longe... –
respondeu ela. – Graças a Deus – disse logo depois –, são os nossos irmãos; vou fazer tudo
o que posso para que eles se apressem.

O Barba Azul passou a gritar tão alto que toda a casa começou a tremer. A pobre
mulher, enfim, desceu e foi jogar-se aos pés dele, chorando muito e toda descabelada.

– De nada adianta isso –o Barba Azul disse –, você vai ter de morrer.

Em seguida, pegando-a pelos cabelos com uma das mãos e, com a outra, levantando o
facão no ar, ele se preparou para cortar a cabeça da mulher. A coitada, virada para o marido
e encarando-o com o olhar amortecido, pediu que ele lhe concedesse mais um momento de
reflexão.



– Não, não – disse ele –, recomende-se a Deus agora – e já ia erguendo o braço bem alto... Nesse momento, bateram com tanta força na porta que o Barba Azul ficou paralisado. Abriam-na e logo entraram dois cavaleiros que, de espada em punho, foram correndo enfrentá-lo.

Ao reconhecer os irmãos de sua esposa, um mosqueteiro e o outro soldado da Cavalaria, o Barba Azul fugiu às pressas para se salvar; mas os dois irmãos o perseguiram tão de perto que o agarraram antes de ele conseguir chegar à escada da frente. Vararam-lhe o corpo com as espadas e o deixaram morto. A pobre mulher, quase tão morta quanto o marido, nem teve forças para se levantar e ir abraçar os irmãos.

Deu-se que o Barba Azul não tinha herdeiros e, assim, sua mulher ficou com posse de todos os seus bens. Ela usou uma parte da fortuna para casar a irmã Anne com um jovem fidalgo que havia tempos a amava; outra parte para comprar patentes de capitão para os dois irmãos; e o resto para se casar ela mesma com um homem muito correto que a fez esquecer os maus momentos que havia passado com o Barba Azul.

MORAL

*A curiosidade, com seu deslumbramento,
Causa muito arrependimento;
Há mil exemplos, todos os dias, a aparecer.
É, que a mulher me perdoe, um prazer tão raro
Que, satisfeito, deixa de ser
E sempre custa muito caro.*

OUTRA MORAL

*Quem de bom senso tem um pingão,
E do mundo já conhece a tramoia,
Percebe logo que esta história
É um conto bem do tempo antigo.
Não mais há esposo tão terrível,*

*Nem que assim peça o impossível.
Se ele estiver ciumento e triste,
Não põe, perto da esposa, o dedo em riste;
E, seja lá de que cor sua barba for,
É difícil saber qual dos dois é o senhor.*

O GATO MESTRE



OU O GATO DE BOTAS



Um moleiro não deixou para os três filhos nada além de seu moinho, de seu burro e de seu

gato. Imediatamente fez-se a partilha dos bens, sem ser preciso chamar o advogado e o tabelião, que logo teriam devorado todo o pobre patrimônio. O mais velho ficou com o moinho e o segundo com o burro, restando ao mais novo apenas o gato.

Este último, incapaz de se consolar com a modesta parte que lhe coubera, dizia:

– Os meus irmãos, trabalhando juntos, poderão ganhar a vida honestamente; mas eu, depois que tiver comido o meu gato e fizer com o pelo dele um rolinho para esquentar as mãos, irei morrer de fome.

O gato, ouvindo bem essas palavras, mas sem demonstrar que ouvia, disse-lhe então, com ar ponderado e sério:

– Não fique aflito, mestre, basta você me dar um saco e mandar fazer para mim um par de botas para eu entrar nos matagais, e logo verá que não se saiu tão mal assim na partilha como pensa.

Embora não confiasse muito nisso, o dono do gato já o tinha visto fazer tantas proezas para pegar ratos e camundongos, como se dependurar pelas patas ou se esconder na farinha bancando o morto, que manteve esperança de poder ser ajudado em seu desamparo.

Depois de conseguir tudo o que havia pedido, o gato calçou as botas, todo prosa, pendurou o saco no pescoço, puxando os cordões com as duas patas da frente, e foi para um matagal onde havia coelhos em grande quantidade. Botou no saco um pouco de farelo com verdura e, esticando-se como se estivesse morto, esperou que algum coelho novo, ainda pouco iniciado nas espertezas do mundo, viesse se enfiar no saco para comer o que ele tinha posto lá.

Mal se espichou no chão, o Gato de Botas se encheu de alegria; um coelhinho estouvado entrou no saco e ele logo o pegou, puxou na mesma hora os cordões e o matou sem piedade.

Todo orgulhoso de sua presa, foi até o palácio do rei e pediu para lhe falar. Ao subir para o apartamento de Sua Majestade, onde lhe fez uma grande reverência, assim que entrou disse ao rei:

– Majestade, trago este coelho do mato que o senhor marquês de Carabás – (foi o nome que lhe deu na veneta atribuir a seu dono) – me encarregou de lhe oferecer de sua parte.

– Diga a seu dono – respondeu o rei – que eu o agradeço pelo prazer que me causou.



De outra vez, ele se escondeu numa plantação de trigo, tendo sempre seu saco aberto; assim que duas perdizes entraram, ele puxou os cordões e pegou as duas. Foi em seguida oferecê-las ao rei, como tinha feito com o coelho do mato. O rei recebeu com igual prazer as duas perdizes e mandou que lhe dessem uma gratificação.

De tempos em tempos, por dois ou três meses, o gato continuou levando para o rei alguma caça proveniente de seu dono. No dia em que soube que o rei deveria ir passear de carruagem pela beira do rio, em companhia da filha, a princesa mais bonita do mundo, o gato disse a seu dono:

– Se quiser aceitar o meu conselho, sua fortuna já está garantida; tudo o que você tem de fazer é ir tomar um banho no rio, num lugar que vou lhe mostrar, e deixe o resto por minha conta.

O marquês de Carabás fez o que o gato lhe aconselhou, mesmo sem saber para que

serviria aquilo. O rei, então, passou por lá enquanto ele se banhava, e o gato começou a gritar com toda a força que tinha:

– Socorro! Socorro! O marquês de Carabás está se afogando!





A esse grito, o rei pôs a cabeça pela portinhola e, reconhecendo o gato que tantas vezes tinha lhe levado animais caçados, ordenou a seus guardas que a toda pressa fossem socorrer o marquês de Carabás.

Enquanto tiravam o pobre marquês do rio, o gato se aproximou da carruagem e disse ao rei que, no momento em que seu dono banhava-se no rio, chegaram uns ladrões e levaram a roupa dele, apesar de ele ter gritado bem alto: “Pega ladrão!”; e o gato pilantra a escondera debaixo de uma pedrona.

Imediatamente o rei mandou que os encarregados de sua rouparia fossem buscar um de seus trajes mais belos para o senhor marquês de Carabás. O rei desmanchou-se em gentilezas com ele e, como as roupas bonitas que trouxeram tinham realçado a boa aparência do jovem (pois ele, além de bonito, era benfeito de corpo), a filha do rei achou-o muito a seu gosto; e foi só o conde de Carabás¹ lançar-lhe uns dois ou três olhares dos mais respeitosos, porém um pouco calorosos, para ela se apaixonar loucamente por ele.

O rei convidou-o a subir em sua carruagem para participar do passeio. O gato, entusiasmado ao ver que o plano já começava a dar certo, saiu na frente e, ao encontrar alguns camponeses a roçar um pasto, disse a eles:

– Olá, gente boa, olá ceifadores, se vocês não disserem ao rei que este pasto que estão roçando pertence ao senhor marquês de Carabás, todos serão feitos em pedacinhos como carne para patê.



- O rei não deixou de perguntar aos ceifadores de quem era o pasto que eles roçavam.
- É do senhor marquês de Carabás – todos disseram juntos, pois temiam a ameaça do gato.
 - Que bela herança você tem aí, hein? – disse o rei ao marquês de Carabás.
 - Pois é, Majestade – respondeu o marquês –, é um pasto que não para de render,

todos os anos, bons lucros.

O Gato de Botas, andando sempre na frente, encontrou trabalhadores colhendo trigo e lhes disse:

– Olá, gente boa, olá, colhedores, se vocês não disserem ao rei que todas essas plantações de trigo pertencem ao senhor marquês de Carabás, todos serão feitos em pedacinhos como carne para patê.

O rei, passando por ali no momento seguinte, quis saber de quem eram as plantações que ele via.

– São do senhor marquês de Carabás – responderam os trabalhadores, e o rei ficou ainda mais satisfeito com o marquês. O gato, que ia adiante da carruagem, dizia sempre a mesma coisa a todos que encontrava; e o rei muito se admirava com os grandes bens do senhor marquês de Carabás.

O Gato de Botas chegou, enfim, a um belo castelo cujo dono era um ogro, o castelo mais rico que já se tinha visto, pois todas as terras pelas quais o rei havia passado estavam em seus domínios. O gato, que tivera o cuidado de se informar sobre quem era esse ogro e o que ele sabia fazer, pediu para falar com ele, pois não podia passar tão perto de seu castelo sem ter a honra de cumprimentá-lo.

O ogro, recebendo-o com toda a polidez de que é capaz um ogro, convidou-o a sentar-se.

– Garantiram-me – disse o gato –, que o senhor teria o dom de se transformar em qualquer espécie de animal; que poderia, por exemplo, transformar-se num leão, num elefante?

– É verdade – respondeu bruscamente o ogro –, e, para lhe mostrar, você vai ver eu me tornar um leão.

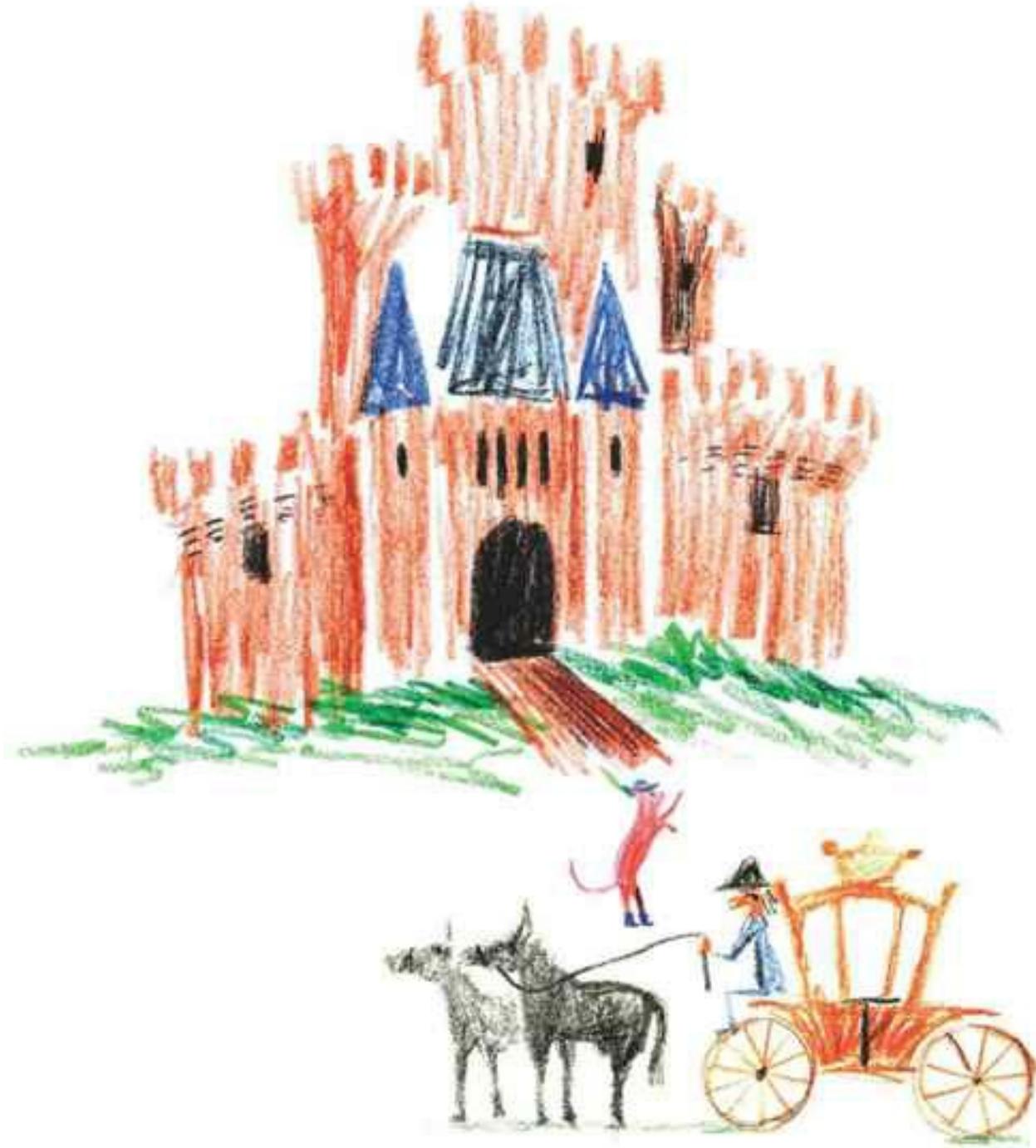
O gato ficou tão apavorado ao ter pela frente um leão que na mesma hora foi se agarrar às calhas, não sem dificuldade, e com perigo, por causa de suas botas, que não lhe serviam de nada para andar no telhado.

Algum tempo depois, ao ver o ogro abandonar a forma assumida antes, o gato desceu e confessou ter sentido muito medo.

– Garantiram-me ainda – disse o gato –, mas nisto eu não acredito mesmo, que o senhor também teria o poder de assumir a forma de um animal bem pequeno, de se transformar num rato, por exemplo, ou num camundongo. Confesso que considero isso totalmente impossível.

– Impossível? – replicou o ogro. – Pois então você vai ver. – E no mesmo instante ele se transformou num camundongo que saiu a correr pelo assoalho. O gato, assim que o notou, atirou-se sobre ele e o comeu.





Enquanto isso, o rei, ao passar pelo belo castelo do ogro, teve vontade de entrar. O gato, ouvindo o barulho da carruagem, que já atravessava a ponte levadiça, foi correndo encontrá-los e disse ao rei:

- Que Vossa Majestade seja bem-vinda ao castelo do senhor marquês de Carabás.
- Como, senhor marquês! – exclamou o rei. – Então este castelo também é seu! Não há nada mais bonito que este pátio com todas as construções que o rodeiam; deixe-me ver o interior, por favor.

O marquês deu a mão à jovem princesa e, seguindo o rei, que subia à frente, entraram numa grande sala onde encontraram uma refeição magnífica, preparada a mando do ogro

para os amigos dele, que deveriam vir visitá-lo nesse mesmo dia, mas não ousaram entrar quando souberam da presença do rei. O rei, encantado com as propriedades do senhor marquês de Carabás, assim como sua filha, que estava louca por ele, e vendo os grandes bens que possuía, disse-lhe, após ter bebido cinco ou seis copos de vinho:

– Só depende do senhor, caro marquês, querer se tornar meu genro.

O marquês, fazendo grandes reverências, aceitou a honra que o rei lhe concedia; casou-se no mesmo dia com a princesa. O gato tornou-se um grão-senhor e nunca mais correu atrás de ratos, a não ser para se divertir.

MORAL

*Por maior que seja a bonança
De gozar de uma grande herança
Que aos filhos vem dos próprios pais,
Pra quem é jovem, geralmente,
Ser só capaz e diligente
Vale mais que os bens ancestrais.*

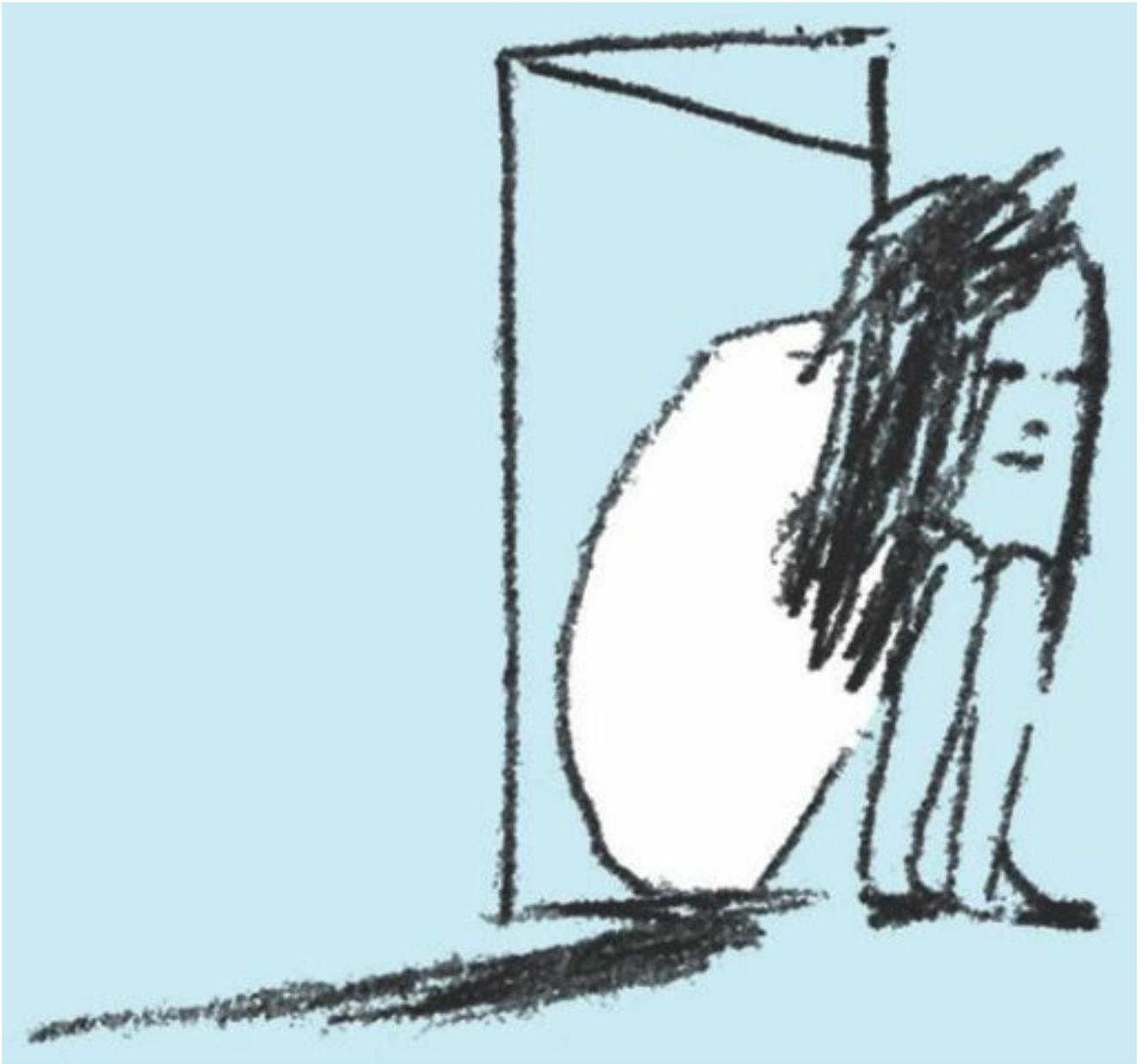
OUTRA MORAL

*Se o filho de um moleiro, assim tão depressa,
Ganha um coração de princesa
E da mesma recebe olhares tão ardentes,
É que a roupa, a juventude e a figura,
Para inspirar tanta ternura,
Não serão meios para sempre indiferentes.*

¹ Lapsos do original.

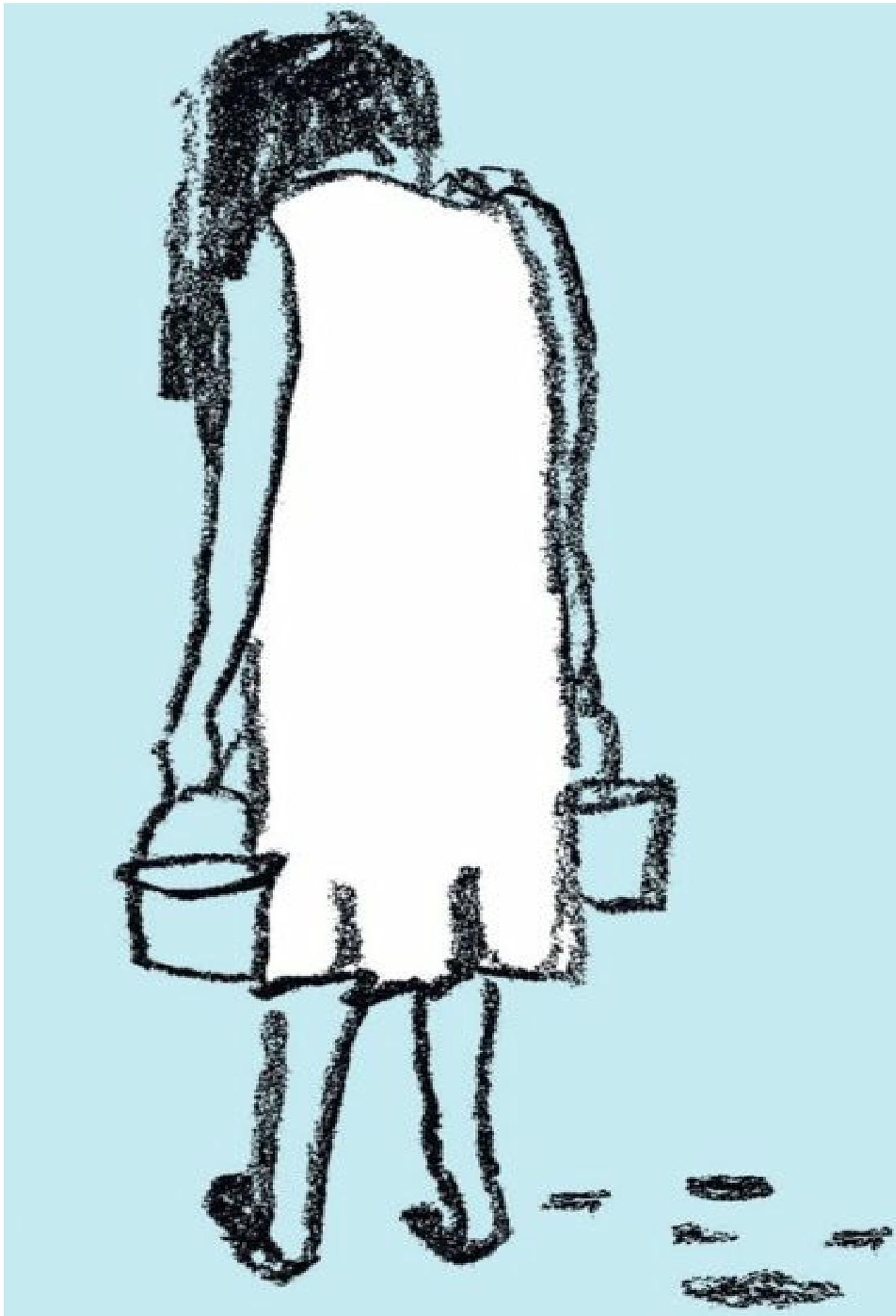
O correto deveria ser

“marquês” de Carabás. [N.T.]



As Fadas





Era uma vez uma viúva que tinha duas filhas; a mais velha se parecia muito com ela, tanto na aparência como no temperamento, que, quem a via, via a mãe. Todas as duas eram tão desagradáveis e orgulhosas que ninguém aguentava viver com elas. Já a filha mais nova, um verdadeiro retrato do pai, pela serenidade e pela delicadeza, era, além disso, uma das moças mais bonitas que já se tinha podido ver. Como, naturalmente, as pessoas amam o seu semelhante, essa mãe era louca pela filha mais velha, tendo ao mesmo tempo uma terrível aversão pela mais nova. Ela a obrigava a comer na cozinha e a trabalhar sem parar.



Era preciso que essa pobre menina, entre outras coisas, fosse duas vezes por dia buscar água a uma légua e meia de casa, o que era longe à beça, e voltasse trazendo a grande moringa cheia. Num dia em que ela estava nessa fonte, uma mulher pobre se aproximou e pediu que lhe desse de beber.

– Sim, senhora, pois não – disse a linda menina, que logo lavou bem a moringa, foi pegar água no lugar mais limpo da fonte e a ofereceu, sempre segurando a moringa para que ela bebesse mais comodamente.

Depois de beber, a senhora lhe disse:

– Você é tão bonita, tão boa e tão delicada, que não posso deixar de lhe conceder um dom – (pois ela era uma fada que tinha se transformado numa camponesa pobre só para ver até que ponto chegava a delicadeza da moça). – Concedo-lhe o dom – prosseguiu a fada – de que, a cada palavra que você disser, saia de sua boca uma flor ou então uma pedra preciosa.

Quando a linda menina chegou em casa, a mãe a repreendeu por voltar tão tarde da fonte.

– Peço à senhora que me desculpe, mamãe, por eu ter demorado tanto – disse a pobre coitada; e, enquanto ela dizia essas palavras, de sua boca saíram duas rosas, duas pérolas e dois diamantes enormes.



– O que é isto que estou vendo! – disse a mãe cheia de espanto. – Acho que são pérolas e diamantes saindo de sua boca; como é possível, minha filha? – (Foi a primeira vez que ela a chamou de filha.) A pobre menina, ingenuamente, contou-lhe tudo o que tinha acontecido, não sem cuspir uma porção de diamantes.



– Na verdade – disse a mãe –, eu devia mandar a minha filha lá. Vem ver, Francisquinha, olhe só o que está saindo da boca de sua irmã quando ela fala; não seria bom você ter esse mesmo dom? Basta ir buscar água na fonte e, quando uma mulher pobre lhe pedir de beber, dar água a ela com toda a delicadeza.

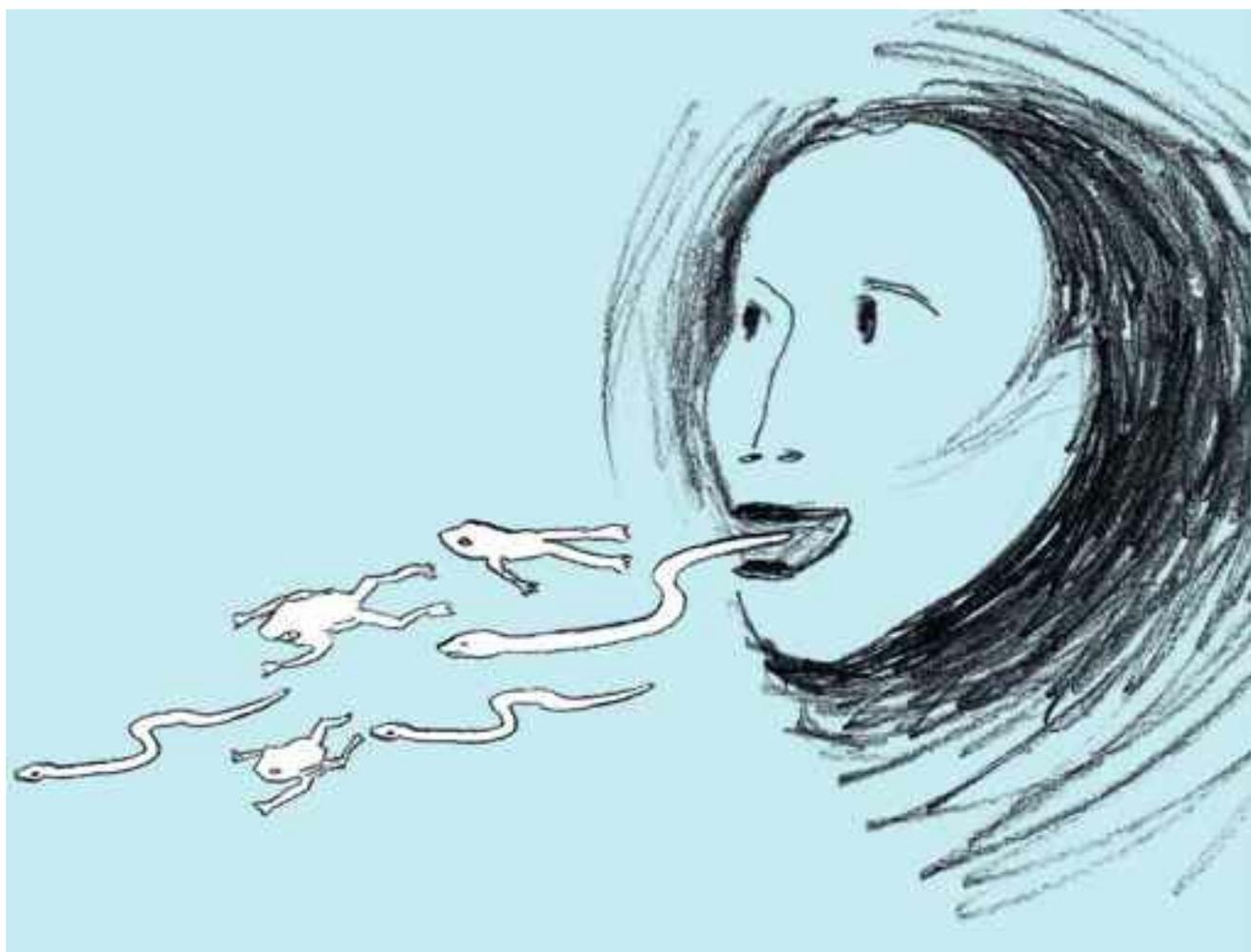
– Imagine se me vissem – disse a grosseirona – indo buscar água.

– Pois eu exijo que você vá – replicou a mãe –, e agora mesmo!

Então ela foi, mas sempre reclamando. Levou a jarra de prata mais luxuosa que havia na casa. Assim que chegou à fonte, viu sair do mato uma dama magnificamente vestida que veio lhe pedir de beber: era aquela mesma fada que tinha aparecido para a irmã dela, mas que agora assumira o porte e os trajes de uma princesa, para ver até onde chegaria a descortesia da moça.

– Você acha que eu vim até aqui – disse-lhe essa grosseirona orgulhosa – para lhe dar de beber? É verdade que eu até trouxe uma jarra de prata justamente para servir água à madame! Mas, se a senhora quer mesmo, acho melhor ir beber na fonte.

– É, você não é nada delicada – replicou a fada sem se zangar. – Pois então, já que você é tão pouco prestativa, concedo-lhe o dom de que, a cada palavra que você disser, saia de sua boca uma cobra ou um sapo.



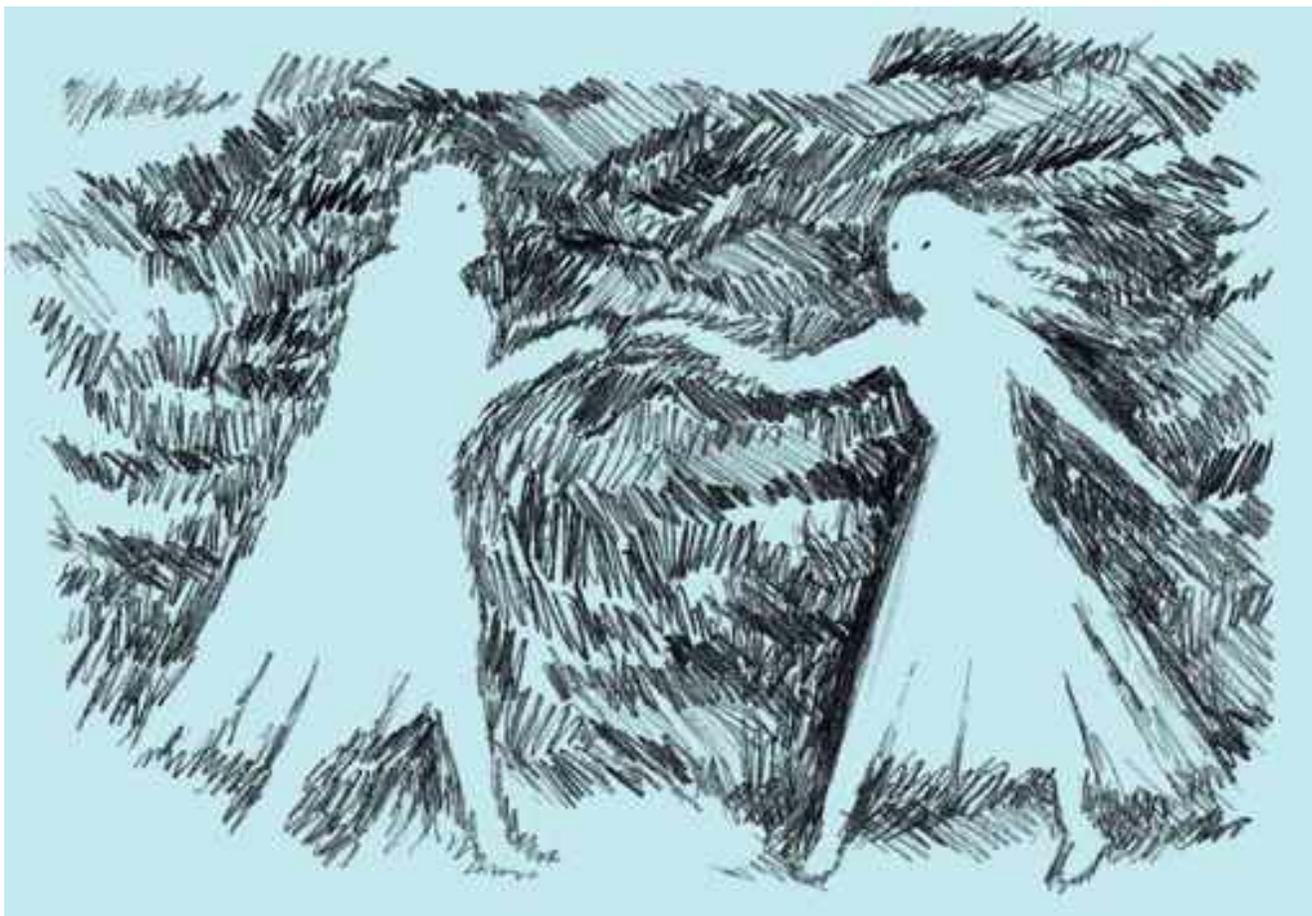
A mãe, tão logo a avistou, gritou para ela:

– Tudo bem, minha filha?

– Tudo bem, minha mãe – respondeu a grosseirona, cuspiendo duas víboras e dois sapos.

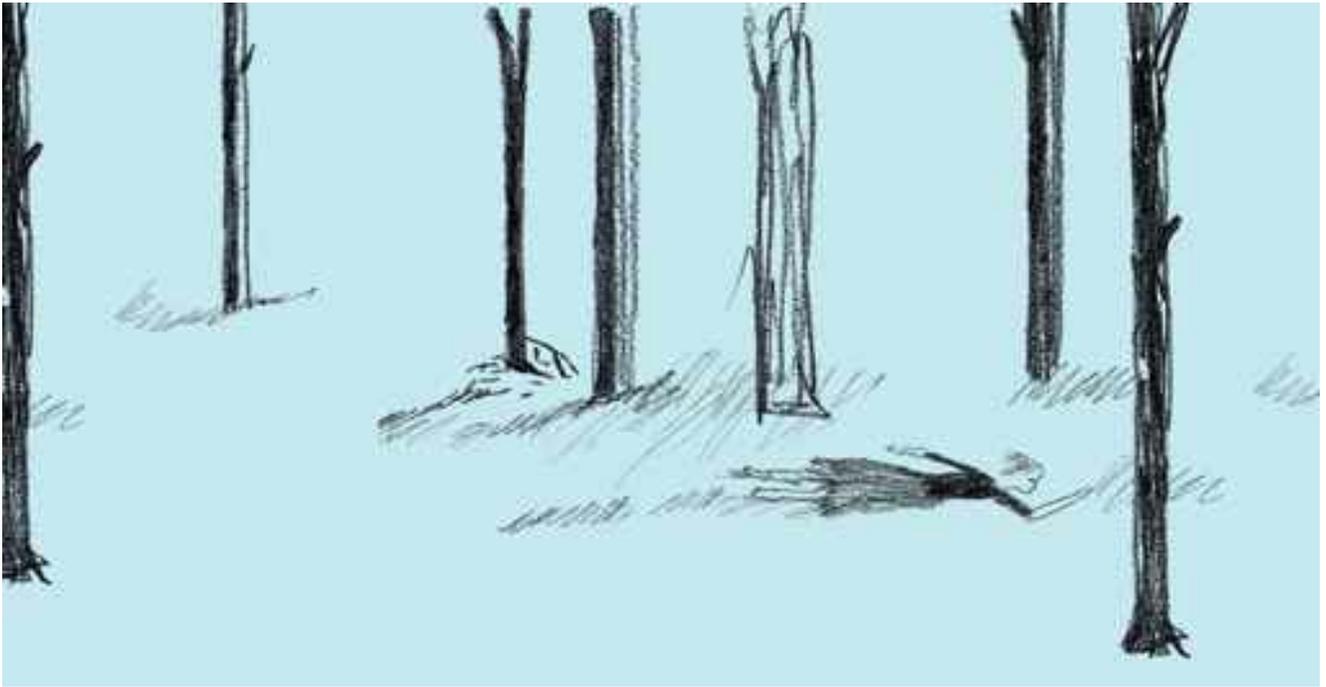
– Meu Deus! – exclamou a mãe. – O que é que estou vendo? Sua irmã é a responsável por isso, e ela vai me pagar – e imediatamente correu para dar uma surra na filha mais nova. A pobre menina fugiu e foi se esconder na floresta próxima. O filho do rei, que voltava de uma caçada, a encontrou e, ao vê-la tão linda, perguntou-lhe o que fazia ali sozinha e por que estava chorando.

– Ai de mim, meu senhor, minha mãe me expulsou de casa.



O filho do rei, quando viu saírem de sua boca cinco ou seis pérolas e outros tantos diamantes, pediu que ela dissesse de onde vinha aquilo. E a moça contou a ele toda a sua aventura. O filho do rei se apaixonou por ela e, considerando que tal dom valia mais que qualquer dote procedente de um casamento com outra mulher, levou-a ao palácio do rei, seu pai, onde com ela se casou.

Quanto à irmã, ela tornou-se tão detestável que a própria mãe a expulsou de casa; e a infeliz, depois de andar ao léu por muito longe sem encontrar quem quisesse ficar com ela, foi morrer num canto da floresta.



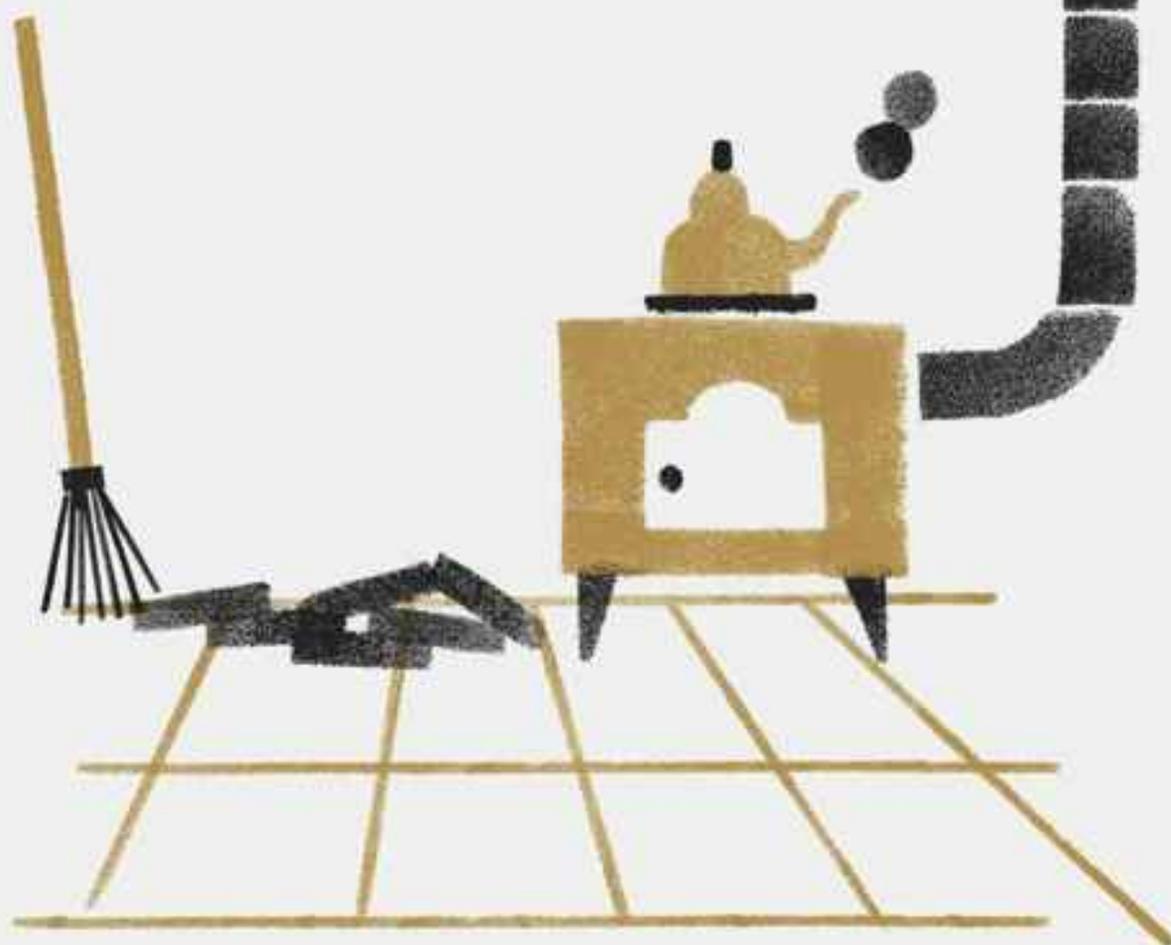
MORAL

*Diamantes e a prataria
A muitos podem se impor;
Mas palavras de cortesia
Têm ainda mais força e muito mais valor.*

OUTRA MORAL

*Cortesia requer cuidado
E pede doses de atenção,
Mas cedo ou tarde vem compensação,
E muitas vezes quando menos esperado.*

cinderela
ou
a gata
borralheira





Era uma vez um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais orgulhosa e arrogante jamais vista. Ela tinha duas filhas de mesmo temperamento, que em tudo se pareciam com a mãe. O marido, por sua vez, do primeiro casamento tinha apenas uma filha, mas de bondade e delicadeza exemplares, traços herdados da mãe, que havia sido a melhor pessoa do mundo.

Bastou o casamento se realizar para que logo explodisse o mau humor da madrasta; ela não conseguia se conformar com as boas qualidades dessa moça, que tornavam as suas filhas ainda mais detestáveis. Encarregava-a de todas as tarefas mais penosas da casa: além de lavar a louça e as escadas, era ela quem esfregava o chão dos quartos da madame e das senhoritas suas filhas; e dormia no sótão, bem no alto da casa, num colchão de palha todo esmolambado, enquanto suas irmãs de criação viviam em quartos assoalhados, onde dispunham das camas mais da moda e de espelhos nos quais podiam se ver da cabeça aos pés. A coitada aguentava tudo com paciência e não ousava ir se queixar com o pai, que poderia até mesmo repreendê-la, porque a esposa o dominava inteiramente.

Depois de terminar o trabalho, ela ia para o canto da lareira e lá se aconchegava sobre as cinzas, sendo por isso chamada na casa de Gata Borracheira. A caçula, que não era tão grosseira quanto a mais velha, a chamava de Cinderela; contudo, mesmo com as roupas em mau estado que usava, Cinderela não deixava de ser cem vezes mais bonita do que suas irmãs, que se vestiam luxuosamente.

Aconteceu que o filho do rei ofereceu um baile, para o qual convidou todas as pessoas da mais alta posição social: as nossas duas senhoritas também foram convidadas, já que eram figuras de grande destaque no reino. Ei-las portanto muito contentes e ocupadas a escolher os vestidos e os penteados que lhes assentariam melhor; mais sofrimento para Cinderela, pois era ela quem passava as roupas das irmãs e quem pregueava os punhos de seus trajés. As outras só falavam de um assunto: de como iriam se vestir.



– Eu – disse a mais velha – usarei meu vestido de veludo vermelho com enfeites da Inglaterra.

– Pois eu – disse a mais nova – vou usar a minha saia comum; mas em compensação, colocarei meu mantô com flores de ouro e meu broche de diamantes, que é difícil passar despercebido.

Mandaram chamar em casa a melhor cabeleireira para preparar seus penteados de bandós e encomendaram pintas artificiais de tafetá para a mulher que melhor as fazia. Ao mesmo tempo, para saber a opinião dela, chamaram Cinderela, que tinha muito bom gosto e aconselhou-as o melhor que pôde, oferecendo-se, inclusive, para penteá-las, o que elas aceitaram de bom grado.

Ao serem penteadas, disseram-lhe:

– Cinderela, você gostaria de ir ao baile?

- Ora essa, senhoritas, vocês estão zombando de mim? Aquele não é lugar para eu ir.
- É, você está certa, quando vissem uma Gata Borralheira no baile, todos iriam dar muitas risadas.

Qualquer outra que não fosse Cinderela seria bem capaz de penteá-las com desleixo, mas ela, sendo boa, penteou-as com a maior perfeição. Cheias de alegria como estavam, as duas passaram quase dois dias sem comer. Não saíam da frente do espelho e rebentaram mais de uma dúzia de laços de tanto apertá-los para tornar mais fina a cintura.





Enfim chegou o esperado dia e lá se foram elas. Cinderela as seguiu com os olhos pelo tempo que pôde; e, assim que sumiram de vista, desatou a chorar. Sua madrinha, quando a viu coberta de lágrimas, perguntou-lhe o que estava acontecendo.

- Bem que eu queria... bem que eu queria...
 - Bem que você queria ir ao baile, não é?
 - É, eu queria, sim – disse Cinderela, suspirando.
 - Então, se você for uma boa menina – disse a madrinha –, eu farei você ir.
- Levando-a para o seu quarto, ela lhe disse:
- Vá até a horta e me traga uma abóbora.

Cinderela foi logo colher a mais bonita que encontrou e levou-a para a sua madrinha, sendo incapaz de adivinhar de que modo a abóbora poderia ajudá-la a ir ao baile. A madrinha, depois de escavá-la por dentro, deixando apenas a casca, tocou-a com sua varinha e no mesmo instante a abóbora se transformou numa bela carruagem toda dourada.

Depois ela deu uma olhada na ratoeira, onde encontrou seis camundongos vivos; pediu a Cinderela para levantar aos poucos a tampa da ratoeira e, cada vez que um camundongo saía, a madrinha o tocava com sua varinha para que imediatamente ele se transformasse num bonito cavalo. Com isso, chegou-se a um conjunto vistoso de seis cavalos, todos malhados com uma bela cor cinza-rato.

Como a madrinha se viu em apuros por não saber de que modo arranjar um cocheiro, Cinderela disse:

- Vou ver se na ratoeira não há algum rato que sirva para fazer um cocheiro.
- Vá, sim – disse a madrinha –, é uma boa ideia.

Cinderela lhe trouxe a ratoeira, onde havia três ratos gordos. A fada apanhou um deles, por causa de sua barba imponente, e o tocou com a varinha para transformá-lo num corpulento cocheiro com um dos mais belos bigodes jamais vistos.



Em seguida, disse à moça:

– Vá até a horta e me traga as seis lagartixas que você encontrar atrás do regador.

Bastou as seis serem trazidas para a madrinha transformá-las em seis lacaios, que, com uniformes enfeitados com galões, imediatamente subiram atrás da carruagem, onde permaneceram grudados, bem a postos, como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.

A fada, então, disse a Cinderela:

– Espero que agora você esteja contente, já tendo como ir ao baile.

– É verdade, mas como posso ir assim, com esta minha roupa horrorosa?

A madrinha limitou-se a tocar nela com a vara de condão, e a roupa, no mesmo instante, transformou-se num vestido de ouro e prata todo incrustado de pedras preciosas; em seguida, deu à moça um par de sapatinhos de vidro, os mais bonitos do mundo. Estando assim toda arrumada, ela subiu na carruagem; a madrinha, porém, pediu-lhe, acima de tudo, para ela não ficar no baile até depois da meia-noite, avisando-a de que, se ela demorasse um momento mais, sua carruagem voltaria a ser abóbora, seus cavalos camundongos, seus lacaios lagartixas, e ela se veria coberta pelas roupas velhas, em sua forma original.

Cinderela prometeu à madrinha que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite. E lá se foi, quase fora de si de tão alegre. O filho do rei, ao ser informado de que acabara de chegar uma grande princesa que ninguém ali conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão para ajudá-la a descer da carruagem e conduziu-a ao salão onde as pessoas se reuniam. Fez-se, então, um grande silêncio; a dança parou e os violinos não tocaram mais, pois todos se puseram a contemplar, muito atentos, a grande beleza da moça desconhecida. Apenas comentários ligeiros podiam ser ouvidos:

– Ah, como ela é linda!

Até mesmo o rei, que já era bem velho, não parava de olhar para ela e de dizer em voz baixa à rainha que fazia muito tempo que ele não via uma pessoa assim tão bonita e amável. Todas as damas, examinando-a, prestaram a maior atenção na sua roupa e no seu penteado, para que já no dia seguinte pudessem ter coisas iguais, desde que encontrassem tecidos tão bonitos e costureiras tão habilidosas.

Depois de tê-la posto no lugar mais honroso, o filho do rei tirou-a para dançar. E ela dançou com tanto encanto que a admiraram ainda mais. Foi trazida uma farta ceia, na qual o príncipe, porém, nem tocou, de tanto que se entretinha observando-a. Ela foi sentar-se perto de suas irmãs, com as quais se desmanchou em delicadezas: deu-lhes algumas laranjas e limões que tinha ganhado do príncipe, o que muito as espantou, pois elas não a reconheceram.

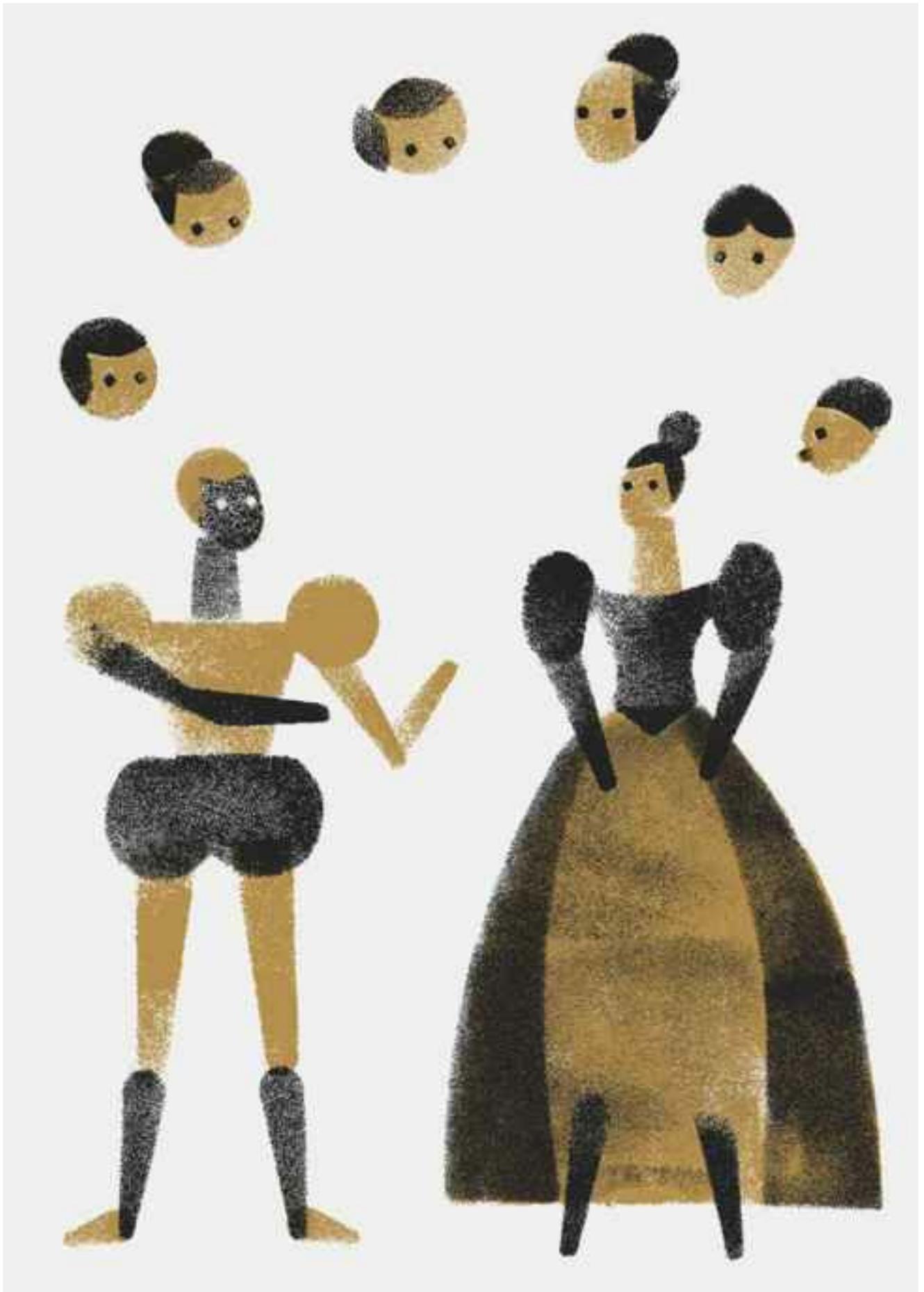
Quando estavam conversando, Cinderela ouviu bater quinze minutos para a meia-noite; no mesmo instante fez uma reverência profunda aos que se achavam presentes e se retirou o mais depressa que pôde. Ao chegar em casa, foi logo procurar sua madrinha e, depois de agradecer a ela, disse que gostaria muito de ir no dia seguinte a um novo baile, pois o filho do rei a convidara. Enquanto contava à madrinha tudo o que tinha acontecido naquela noite, as irmãs bateram na porta; Cinderela foi abrir.

– Como vocês demoraram a voltar – disse para as duas, bocejando, esfregando os olhos e se espreguiçando, como se tivesse acabado de acordar; porém, desde que elas

tinham se separado, não sentira vontade de dormir.

– Se tivesse ido ao baile – disse-lhe uma das irmãs –, você não se entediaria: uma linda princesa, a mais linda que jamais se pôde ver, esteve lá; e ela nos cumulou de gentilezas, nos deu limões e laranjas.

Cinderela então perguntou, não cabendo em si de alegria, como era o nome dessa princesa; mas elas responderam que ninguém a conhecia, que o filho do rei estava muito intrigado e que daria tudo no mundo para saber quem ela era. Cinderela sorriu e disse:



– Quer dizer que ela era muito bonita? Oh, meu Deus, que sorte vocês tiveram, será que eu também conseguiria vê-la? Ah, por favor, senhorita Javotte, me empreste aquele vestido amarelo que você usa todos os dias.

– Pense bem se isso tem cabimento! – disse a senhorita Javotte. – Emprestar um vestido meu a uma desprezível Gata Borralheira como você? Só mesmo se eu fosse muito doida.

Cinderela, que já contava com a recusa, sentiu-se confortável, pois ficaria numa situação das mais embaraçosas se a irmã tivesse concordado em lhe emprestar o vestido.

No dia seguinte, as duas irmãs foram ao baile, e Cinderela também, vestida com ainda mais pompa do que da primeira vez. O filho do rei não saiu de seu lado, sem parar de lhe fazer galanteios; a jovem dama, longe de se entediar, acabou se esquecendo da recomendação de sua madrinha, de modo que, quando ouviu a primeira batida da meia-noite, ela pensava que ainda não fossem nem onze horas: levantou-se e partiu às carreiras como teria feito uma corça. O príncipe correu atrás dela, porém não conseguiu alcançá-la; ela deixou cair de um dos pés seu sapato de vidro, que o príncipe cuidadosamente apanhou e guardou. Cinderela, já quase sem fôlego, chegou em casa sem carruagem, sem lacaios e com suas roupas velhas de sempre, não lhe restando de toda a pompa de antes senão um dos pés de seus sapatinhos, o par daquele que ela deixara cair. Aos guardas do portão do palácio perguntaram se tinham visto uma princesa sair; eles disseram não ter visto sair ninguém, a não ser uma mocinha muito malvestida, com aparência mais de camponesa que de senhorita.



Quando as irmãs voltaram do baile, Cinderela perguntou se elas tinham se divertido de novo e se a bela dama estivera lá; disseram-lhe que sim, mas que ela saíra tão às pressas quando bateu meia-noite, tão às pressas, que até deixara cair um de seus sapatinhos de vidro, o mais gracioso do mundo; disseram que o filho do rei o havia apanhado e durante o resto do baile não fizera outra coisa a não ser olhar para o sapato, e que certamente estava muito apaixonado pela menina bonita a quem ele pertencia.

Era verdade o que contaram, porque poucos dias depois o filho do rei mandou proclamar, ao som de trombetas, que ele iria se casar com a jovem em cujo pé o sapatinho se ajustasse bem. Começaram a experimentá-lo nas princesas, depois nas duquesas e por fim em toda a corte, em vão. Levaram-no à casa das duas irmãs, que fizeram todo o possível para enfiar o pé no sapato, sem no entanto conseguir. Cinderela, que olhava para elas, logo viu que era o seu sapatinho, deu uma risadinha e disse:

– Vamos ver se cabe em mim!

Suas irmãs caíram na gargalhada, zombando dela. Mas o fidalgo encarregado de experimentar o sapato, observando atentamente Cinderela e achando-a muito bonita, disse que aquilo estava certo, pois ele tinha ordem de experimentá-lo em todas as moças. Mandou,

pois, que Cinderela se sentasse, levou o sapato ao seu pezinho e então o viu se encaixar perfeitamente, como que moldado em cera, de tão justo que entrou. O espanto das duas irmãs, se já era grande, passou a ser ainda maior quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o calçou. Nesse instante, apareceu a madrinha, que, com um simples toque de sua vara de condão na roupa de Cinderela, tornou-a ainda mais magnífica do que as vezes anteriores.

Suas irmãs, então, reconhecendo-a como a linda pessoa que tinham visto no baile, jogaram-se a seus pés e lhe pediram perdão por todos os maus-tratos a que a haviam submetido. Cinderela as fez levantar, beijou-as, disse que as perdoava de todo o coração e pediu que nunca deixassem de gostar dela. Levaram-na à presença do jovem príncipe, luxuosamente vestida como estava: ele a achou ainda mais bela do que nunca e, poucos dias depois, casou-se com ela. Cinderela, que era tão boa quanto bonita, levou as duas irmãs para morarem no palácio e as casou, naquele mesmo dia, com dois notáveis cavalheiros da corte.



moral

*Para a mulher a beleza é um tesouro raro,
Ninguém jamais se cansou de a admirar.
Mas a fineza, ou o que assim se chamar,
Não tendo preço, é um bem mais caro.*

*Foi o que a Cinderela deu sua madrinha,
Dando-lhe instruções e a vestindo
A ponto de a transformar em rainha
(Eis a moral que do conto vai se extraindo).*

*Esse dom vale mais do que estar bem penteadas
Para atrair um coração e mantê-lo unido.
Fineza é o verdadeiro dom das fadas.
Sem ele nada se pode; com ele, tudo.*

outra moral

*Sem dúvida é grande vantagem
Ter inteligência e coragem,
Bom senso, um rico nascimento
E outros semelhantes talentos
Que o céu nos der para a viagem;
Você os terá, porém, em vão,
No seu avanço eles serão meras coisinhas
Se, para os fazer valer, você não
Tiver padrinhos ou madrinhas.*

RIQUET,

o Topetudo

Era uma vez uma rainha que teve um filho tão disforme, tão feio, que por muito tempo duvidaram que ele tivesse forma humana. Uma fada que assistiu ao nascimento dele garantiu que o menino não deixaria de despertar amor, porque seria muito inteligente; e acrescentou que, em virtude do dom que ela acabara de lhe conceder, ele até seria capaz de dar à pessoa que mais amasse tanta inteligência quanto a que viria a ter.

Tudo isso consolou um pouco a pobre rainha, que vivia muito aflita por ter posto no mundo um monstrinho tão horroroso. A verdade é que esse menino, assim que começou a falar, já dizia tantas gracinhas, e havia não sei o quê de tão espirituoso em todas as suas ações, que era impossível não se encantar com ele. Quase, aliás, eu ia me esquecendo de dizer que ele nasceu com um pequeno tufo de cabelo na cabeça, passando assim a ser chamado de Riquet, o Topetudo, porque Riquet era o sobrenome da família.



Sete ou oito anos mais tarde, a rainha de um reino vizinho deu à luz duas filhas. A primeira a vir ao mundo era mais bela do que o dia, o que deixou a rainha tão contente que chegaram a temer que a enorme alegria que a possuiu acabasse lhe fazendo mal. A mesma fada que assistira ao nascimento de Riquet, o Topetudo, estava presente nessa ocasião e, a

fim de moderar a alegria da rainha, declarou-lhe que aquela princesinha jamais teria inteligência, que seria tão tapada quanto bonita. A rainha mortificou-se a fundo com isso, mas, momentos depois seu desgosto tornou-se ainda maior, porque sua segunda filha revelou-se extremamente feia.

– Não se inquiete tanto, madame – disse-lhe a fada. – Sua filha será compensada de outro modo; ela terá tanta inteligência que ninguém chegará a notar sua falta de beleza.

– Queira Deus – respondeu a rainha. – Mas não haveria um meio de conceder um pouco de inteligência à mais velha, que é tão bonita?

– Nada posso fazer por ela, madame, no tocante à inteligência – disse-lhe a fada. – Mas, no tocante à beleza, posso tudo; e, como não há nada que eu queira mais do que satisfazer a senhora, vou conceder a ela o dom de poder tornar bonita a pessoa que mais lhe agradar.

À medida que as duas princesas iam crescendo, suas maiores qualidades também cresciam com elas, e, assim, por toda parte só se falava da beleza da mais velha e da inteligência da caçula. É verdade também que os defeitos delas aumentaram muito com a idade. A caçula rapidamente ia enfeando e a mais velha se tornava, dia após dia, mais tapada. Ou bem ela não respondia ao que lhe perguntavam, ou bem dizia uma bobagem. E, além disso, era tão desajeitada que não conseguia arrumar quatro porcelanas em cima da lareira sem deixar de quebrar uma, nem beber um copo d'água sem derramar na roupa a metade.

Embora a beleza seja uma grande vantagem para uma pessoa jovem, o fato é que a irmã mais nova levava quase sempre a melhor sobre a mais velha nas reuniões sociais. Todos iam primeiro procurar a mais bonita, para vê-la e admirá-la, mas logo passavam à mais inteligente, para ouvi-la dizer mil coisas interessantes; causava espanto notar que em menos de um quarto de hora a mais velha já não tinha mais ninguém ao redor dela, pois todos se juntavam em torno da mais nova. A mais velha percebeu isso, apesar de sua grande burrice, e seria capaz de dar toda a beleza que tinha, sem se lamentar, para ter metade da inteligência da irmã. A rainha, por mais sensata que fosse, muitas vezes não conseguia se impedir de criticá-la por sua tolice, o que por pouco não fazia aquela pobre princesa morrer de sofrimento.



Num dia em que tinha se refugiado num bosque para ali se lastimar de sua infelicidade, ela viu um homenzinho muito feio e de aparência desagradável, embora luxuosamente vestido, vindo em sua direção. Era o jovem príncipe Riquet, o Topetudo, que, apaixonado por ela a partir de seus retratos que corriam por toda parte, havia saído do reino de seu pai para ter o prazer de vê-la e de falar com ela. Feliz da vida por encontrá-la assim tão sozinha, ele a abordou com todo o respeito e com toda a polidez que se possa imaginar. Após lhe fazer os cumprimentos de praxe, e tendo notado que ela estava muito melancólica, disse:



– Não consigo compreender que uma pessoa tão bela como a senhorita possa estar assim tão triste como parece; embora eu possa me gabar de já ter visto uma infinidade de moças bem bonitas, posso dizer também que nunca vi nenhuma cuja beleza se aproximasse da sua.

– Se lhe agrada dizer isso, meu senhor – respondeu a princesa, sem passar dessa frase.

– A beleza é uma vantagem muito grande – replicou Riquet, o Topetudo – que compensa todo o restante; quando a gente a possui, não vejo que outra coisa possa nos inquietar mais.

– Eu preferiria ser tão feia como o senhor, mas inteligente, a ter toda a beleza que tenho e ser tão tola como sou – disse a princesa.

– Nada indica mais claramente que uma pessoa tem inteligência, senhorita, do que ela

acreditar que não tem, e é da natureza desse predicado que, quanto mais o temos, mais cremos que ele nos falta.

– Disso eu não sei – disse a princesa –, mas bem sei que sou muito tola, e é daí que vem o desgosto que está me matando.

– Se é apenas isso que lhe causa aflição, senhorita, posso facilmente acabar com seu sofrimento.

– E como o senhor o faria? – perguntou a princesa.

– Tenho o poder – disse Riquet, o Topetudo – de dar tanta inteligência quanto possível à pessoa que eu mais vier a amar, e, como essa pessoa já é a senhorita, só depende de você tornar-se tão inteligente quanto se pode ser, desde que de bom grado concorde em se casar comigo.

A princesa, muito confusa, nada respondeu.

– Vejo que essa proposta – prosseguiu Riquet, o Topetudo – lhe soa um tanto penosa, o que não me surpreende; mas eu lhe dou um ano inteiro para a senhorita se decidir.

Tão pouca era a inteligência da princesa e, ao mesmo tempo, tão grande sua vontade de obtê-la, que ela imaginou que o fim desse ano nunca chegaria, de modo que aceitou o pedido que lhe fora feito. Bastou prometer a Riquet, o Topetudo, que se casaria com ele em um ano, num dia como aquele, para que logo se sentisse totalmente diferente do que havia sido até então; ela encontrou uma facilidade incrível para dizer tudo o que queria e para fazê-lo de modo natural e fino, sem nenhum embaraço. Desde esse momento, deu início a uma conversa prolongada e galante com Riquet, o Topetudo, na qual brilhou com tanta intensidade que ele pensou lhe ter dado até mais inteligência do que a reservada para si mesmo.

Quando ela voltou ao palácio, ninguém na corte soube o que pensar de uma mudança tão brusca e extraordinária, pois assim como antes a ouviam dizer tantos disparates, escutavam agora as muitas coisas sensatas e infinitamente espirituosas que ela dizia. Nem se pode imaginar a alegria de toda a corte com isso; só sua irmã mais nova não ficou satisfeita, pois, deixando de ter sobre a mais velha a vantagem da inteligência, perto dela já parecia apenas uma macaca horrorosa.

O rei passou a guiar-se pelas opiniões da filha mais velha, chegando mesmo, algumas vezes, a reunir no apartamento dela seu conselho deliberativo. Como a notícia dessa mudança se espalhou, todos os jovens príncipes dos reinos vizinhos se esforçaram para conquistá-la, e quase todos a pediram em casamento; mas ela, que nunca encontrou alguém com inteligência o bastante, ouvia todos sem se comprometer com nenhum. Entretanto, apareceu por lá um tão poderoso, tão rico, tão espirituoso e bonito, que ela não conseguiu impedir de lhe demonstrar boa vontade. Tendo notado isso, seu pai lhe disse que deixava a escolha de um esposo totalmente por conta dela, que a filha só precisaria se manifestar a respeito. Quanto mais inteligente a mulher, mais difícil é tomar uma decisão firme sobre esse assunto, e assim ela pediu ao pai, depois de agradecer a ele, que lhe desse um tempo para pensar.

Por acaso, ela um dia foi passear no mesmo bosque onde havia encontrado Riquet, o Topetudo, para lá refletir com mais tranquilidade sobre o que lhe convinha fazer. Enquanto passeava, imersa em devaneios profundos, ela ouviu a seus pés um barulho ainda indistinto;

como o de um ir e vir de pessoas muito atarefadas. Apurando o ouvido para prestar mais atenção, escutou um homem dizer: “Traga aquele caldeirão para mim”; e outro: “Me dê a chaleira”; e um terceiro: “Ponha mais lenha no fogo”. Ao mesmo tempo, a terra se entreabriu e sob seus pés apareceu como que uma grande cozinha cheia de cozinheiros, ajudantes e serviçais com as mais diversas tarefas necessárias para fazer um suntuoso banquete. De lá saiu um grupo de vinte ou trinta churrasqueiros, que foi se instalar numa alameda do bosque, em torno de uma mesa muito comprida; e todos eles, com espetos na mão e um raminho de rabo-de-raposa na orelha, puseram-se a trabalhar em cadência, ao som de uma canção harmoniosa.



A princesa, surpreendida por aquele espetáculo, perguntou-lhes para quem eles trabalhavam.

O mais destacado do grupo respondeu:

– Para o príncipe Riquet, o Topetudo, senhorita, cujo casamento vai ser celebrado amanhã.

A princesa, ainda mais surpresa do que antes, e subitamente se lembrando de que fazia um ano desde o dia em que prometera se casar com esse príncipe, pensou cair das alturas. O que a levava a não se lembrar era que, quando havia feito a promessa, ela era ignorante e, ao adquirir a inteligência que o príncipe lhe dera, havia se esquecido de todas as suas tolices.

Continuou seu passeio e mal tinha dado uns trinta passos o próprio Riquet, o Topetudo, se apresentou a ela, elegante e luxuosamente vestido como um príncipe que vai se casar.

– A senhorita me vê – disse ele – pronto a cumprir minha palavra, e não tenho a menor dúvida de que veio aqui para cumprir a sua e fazer-me, dando-me a sua mão, o mais feliz dos homens.

– Vou lhe confessar com franqueza – disse a princesa – que ainda não tomei uma decisão, e não creio que algum dia eu possa tomá-la tal como o senhor deseja.

– A senhorita me surpreende – disse-lhe Riquet, o Topetudo.

– Sim, creio que sim – disse a princesa –, e certamente, se eu estivesse lidando com um bruto, com um homem sem inteligência, eu me veria numa situação muito embaraçosa. “A palavra de uma princesa é uma só”, ele me diria, “você tem de se casar comigo, já que foi isso que me prometeu”; mas, como estou falando com o homem mais inteligente do mundo, tenho certeza de que ele me entenderá. O senhor sabe que, mesmo na época em que eu não passava de uma ignorante, não conseguia decidir-me a lhe conceder minha mão; hoje, quando tenho a inteligência que o senhor me deu e que me torna ainda mais exigente em relação aos

homens, como pretende que eu chegue a uma decisão que não pude tomar naquele tempo? Se realmente pensa em me desposar, o senhor cometeu um grande erro ao me livrar da minha burrice e ao me fazer ver mais claro do que eu via.

– Se um homem sem inteligência – respondeu Riquet, o Topetudo – teria todo o direito, como a senhorita acaba de dizer, de reclamar da sua falta de palavra, por que querer que eu também não proceda assim, numa questão que envolve toda a felicidade da minha vida? Fará sentido que as pessoas inteligentes fiquem em pior situação que aquelas que não o são? Poderia a senhorita, que já conta com toda a inteligência que tanto desejou ter, sustentar tal coisa? Mas vamos aos fatos, se não se importa. Com exceção da minha feiura, há algo em mim que não lhe agrada? A minha origem, o meu caráter, o meu temperamento ou as minhas maneiras a deixam descontente?



– Muito pelo contrário – respondeu a princesa. – Amo em sua pessoa tudo isso que mencionou.

– Sendo assim – prosseguiu Riquet, o Topetudo –, serei feliz, pois a senhorita pode me tornar o homem mais digno de ser amado entre todos.

– Como se pode fazer isso? – perguntou a princesa.

– Isso acontecerá – respondeu Riquet, o Topetudo – se me amar bastante para desejar que assim seja; e, para afastar qualquer dúvida, saiba que a mesma fada que, no dia do meu nascimento, concedeu-me o dom de tornar inteligente a mulher que mais me agradasse, concedeu também a você o dom de poder tornar bonito o homem que fosse o seu amado, e ao qual a senhorita quisesse fazer esse favor.

– Se é assim – disse a princesa – desejo de todo o coração que você se torne o príncipe mais belo e mais digno de amor do mundo; e com isso concedo-lhe tudo o que posso do dom que tenho.

Bastou a princesa dizer essas palavras para que Riquet, o Topetudo, parecesse a seus olhos o homem mais bonito, mais benfeito de corpo e mais merecedor de amor que ela jamais tinha visto. Há quem garanta, contudo, que não foram os poderes da fada que entraram em ação, e que essa metamorfose foi causada tão somente pelo amor. Dizem que a princesa, após refletir sobre a perseverança de seu pretendente, sua discrição e todas as boas qualidades de sua alma e de sua mente, não viu mais deformidade no corpo dele nem feiura no rosto; que a corcunda dele não lhe pareceu mais do que a postura correta de um homem que se dobra em reverência profunda; e que, se até então ela o tinha visto mancar terrivelmente, não o via agora senão com um jeitinho charmoso que a encantava; dizem também que os olhos dele, que eram vesgos, pareceram-lhe apenas mais brilhantes e que esse defeito foi tomado na mente da princesa como a marca de um violento excesso de amor; enfim, até o narigão vermelho do príncipe passou a ter para ela algo de marcial e heroico.



Seja como for, imediatamente a princesa prometeu se casar com ele, desde que o consentimento do rei seu pai fosse obtido. O rei, informado de que sua filha tinha grande estima por Riquet, o Topetudo, que ele aliás já sabia ser um príncipe muito inteligente e sensato, aceitou-o com prazer como genro. Logo no dia seguinte o casamento foi realizado, tal como previsto por Riquet, o Topetudo, e segundo as ordens que, desde muito tempo antes, ele havia dado.

MORAL

*Este escrito deixa evidente
Não ser o conto vão, pois verdade proclama;*

*O feio é belo, se a gente o ama,
Quem amamos é inteligente.*

OUTRA MORAL

*Na pessoa em que a natureza
Tiver pintado finos traços de beleza
E tez que jamais arte saberia imitar,
Menos vale isso, pra fazer alguém sensível,
Que um só atrativo invisível
Que o amor aí fará encontrar.*



**O Pequeno
Polegar**



Era uma vez um casal de lenhadores que tinha sete filhos, todos meninos. O mais velho não passava dos dez anos e o mais novo, dos sete. É de espantar que o lenhador tivesse tido tantos filhos em tão pouco tempo, mas é que a mulher dele trabalhava rápido à beça e não fazia menos de dois por vez.

Como eram extremamente pobres, os sete filhos os incomodavam muito, pois nenhum deles já estava em condições de ganhar a vida.

Os pais sofriam ainda mais com o filho caçula, que era muito delicado e quase nunca falava; e nele tomavam por idiotice o que era sinal de grande inteligência. Quando veio ao mundo, tão miúdo ele era que não passava do tamanho de um dedo polegar, por isso o chamaram de Pequeno Polegar.

Esse pobre menino, sendo o saco de pancadas da casa, sempre levava a culpa por tudo. No entanto, era o mais ponderado e o mais esperto dos irmãos e, se falava pouco, escutava muito.

Veio um ano muito ruim, e tão grande foi a fome que essas pobres pessoas resolveram se desfazer de seus filhos.

Numa noite em que as crianças já estavam na cama, o lenhador, perto do fogo com sua mulher, disse a ela, com o coração apertado de dor:

– Você bem sabe que não podemos mais alimentar nossos filhos; como eu não aguentaria se eles morressem de fome diante de meus olhos, resolvi levá-los amanhã para que se percam na mata, o que será muito fácil, basta fugirmos sem que nos vejam, enquanto estiverem distraídos catando lenha.

– Oh! – exclamou a mulher – Então você seria mesmo capaz de levar seus filhos para se perderem?

Por mais que o marido insistisse, falando da grande pobreza deles, ela não podia admitir aquilo; era pobre, mas era a mãe de todos eles. Contudo, depois de pensar no sofrimento que seria vê-los morrer de fome, ela acabou concordando e, em lágrimas, foi se deitar.

O Pequeno Polegar ouviu tudo o que os dois disseram porque, ao perceber, ainda na cama, que estavam discutindo sobre dificuldades, ele se levantou pisando leve e se enfiou sob o banco de seu pai para escutá-los sem ser visto. Depois pulou de novo na cama, mas não dormiu o restante da noite, pensando no que tinha a fazer. De manhã, levantou-se bem cedo e foi até a beira de um riacho, onde encheu os bolsos de pedrinhas brancas, voltando em seguida para casa. Todos então partiram, e o Pequeno Polegar não disse nada aos irmãos sobre o que sabia.

Foram para uma floresta muito fechada, onde a dez passos de distância um já não via o outro. O lenhador se pôs a cortar lenha e seus filhos a juntar os gravetos para fazer feixes. O pai e a mãe, vendo-os ocupados a trabalhar, afastaram-se discretamente e logo desviaram por uma trilha escondida, a fim de fugir às carreiras.

Quando se viram sozinhos, os meninos começaram a gritar e a chorar com toda a força. O Pequeno Polegar não se importou com a choradeira; já sabia muito bem como voltar para casa porque, enquanto ele ia andando, tinha deixado cair pelo caminho as pedrinhas brancas que guardara no bolso. Assim, disse a eles:

– Não tenham medo, irmãos, o pai e a mãe nos largaram aqui, mas eu levarei vocês de volta; basta me seguirem.

Seguiram-no, e ele os levou até a casa deles pelo mesmo caminho que tinham seguido para a floresta. No início não se atreveram a entrar, mas todos se puseram bem colados à porta, para escutar o que o pai e a mãe diziam.

Na mesma hora que o lenhador e a mulher tinham chegado em casa, o senhor da aldeia lhes mandou dez escudos que havia muito tempo lhes devia e com os quais eles nem mais contavam. Isso lhes deu um sopro de vida, pois os coitados já estavam morrendo de fome. Logo o lenhador mandou que a mulher fosse ao açougue. Ela, estando há tempos sem comer, comprou três vezes mais carne do que o necessário para o jantar de duas pessoas. Quando ambos já estavam fartos de tanta comilança, a lenhadora disse:



– Ah, meu Deus, por onde andarão agora os nossos filhinhos, que fariam bom proveito do que nos restou de comida? Mas também, Guilherme, foi você quem quis abandoná-los na floresta; bem que eu disse que iríamos nos arrepender. Que farão eles lá na floresta agora? Ah, meu Deus, quem sabe até já foram comidos pelos lobos! Você é mesmo um desalmado por ter levado seus filhos para se perderem.

O lenhador por fim se irritou, porque sua mulher disse e redisse mais de vinte vezes que bem que ela tinha avisado que eles iriam se arrepender. E ameaçou bater na esposa se ela não se calasse. Não é que o lenhador estivesse se sentindo menos pesaroso do que sua mulher; é que ela não parava de lhe encher a cabeça e ele tinha a mesma característica de tantas outras pessoas: gostam muito das mulheres que têm razão no que dizem, mas julgam bem inoportunas aquelas que sempre têm razão.



A lenhadora se desmanchava em lágrimas:

– Ah, meu Deus! Onde estarão os meus filhinhos agora, os coitados dos meus filhos?

Uma vez ela disse isso tão alto que os meninos, grudados na porta como estavam, a ouviram e gritaram todos juntos:

– Estamos aqui! Estamos aqui!

Ela correu para abrir a porta e, beijando-os, disse:

– Que alegria revê-los, meus filhos queridos! Bem se vê que estão exaustos e cheios de fome. Você então, Pierrot, puxa!, como está enlameado, venha comigo para eu lavar essa cara.

Esse Pierrot era o filho mais velho, do qual ela gostava mais que os outros, por ele ser meio ruivo como ela.

Os meninos se puseram à mesa e comeram com um apetite que deu prazer ao pai e à mãe, aos quais eles contaram o medo que tinham sentido na floresta, quase sempre falando todos juntos. Essas boas pessoas estavam felizes por terem os filhos novamente em casa, mas a alegria não durou mais do que os dez escudos. Quando o dinheiro acabou, eles recaíram em seu desespero anterior e decidiram fazê-los se perder de novo, levando-os bem mais longe que da primeira vez, para o golpe não falhar.

Por mais secretamente que os pais falassem disso, não deixaram de ser ouvidos pelo Pequeno Polegar, que planejou sair da enrascada como já havia feito; no entanto, apesar de ter se levantado bem cedo para pegar pedrinhas, ele não pôde seguir adiante porque encontrou a porta da casa trancada com o fecho duplo. Já não sabia o que fazer quando a lenhadora, na hora do almoço, entregou um pedaço de pão a cada um, e ele achou que poderia usar o seu no lugar das pedrinhas, jogando migalhas ao longo dos caminhos pelos quais passassem; por isso guardou o pão no bolso.

O pai e a mãe os levaram ao lugar mais fechado e mais escuro da floresta e, lá chegando, fugiram por um atalho, abandonando-os. O Pequeno Polegar nem se preocupou muito, pois achava que encontraria facilmente o caminho de volta graças às migalhas de pão que espalhara por toda parte onde haviam passado; mas qual não foi sua surpresa ao não encontrar nenhuma migalha, pois os passarinhos tinham vindo e comido tudo.

Ei-los, assim, muito aflitos, pois quanto mais andavam, mais se perdiam e se embrenhavam na floresta. Ao chegar a noite, o vento forte que soprou, assustador, deixou-os apavorados. Pensando ouvir de todos os lados uivos de lobos que vinham comê-los, eles quase já não ousavam conversar nem virar a cabeça. Em seguida, desabou uma chuva pesada que os encharcou até os ossos; a cada passo, eles escorregavam e caíam na lama, de onde se levantavam imundos, sem saber o que fazer com as mãos.

O Pequeno Polegar subiu no alto de uma árvore para ver se descobria alguma coisa; virando a cabeça em todas as direções, avistou uma luz bem fraca, como se fosse de uma vela, mas que estava muito longe, além da floresta. Ele desceu da árvore e, quando pôs os pés no chão, não viu mais nada, o que o deixou desolado. Entretanto, depois de andar com seus irmãos por algum tempo na direção da luz que tinha visto, voltou a vê-la ao sair da mata.

Chegaram por fim à casa onde estava aquela vela, não sem passar por grandes apertos, porque com frequência a perdiam de vista, o que acontecia todas as vezes que desciam para

alguma baixada. Bateram na porta e uma mulher delicada veio abrir, perguntando o que eles queriam. O Pequeno Polegar lhe disse que eles eram pobres meninos que tinham se perdido na floresta e pediam, por caridade, um lugar para dormir. Vendo-os todos tão bonitos, a mulher começou a chorar e disse:

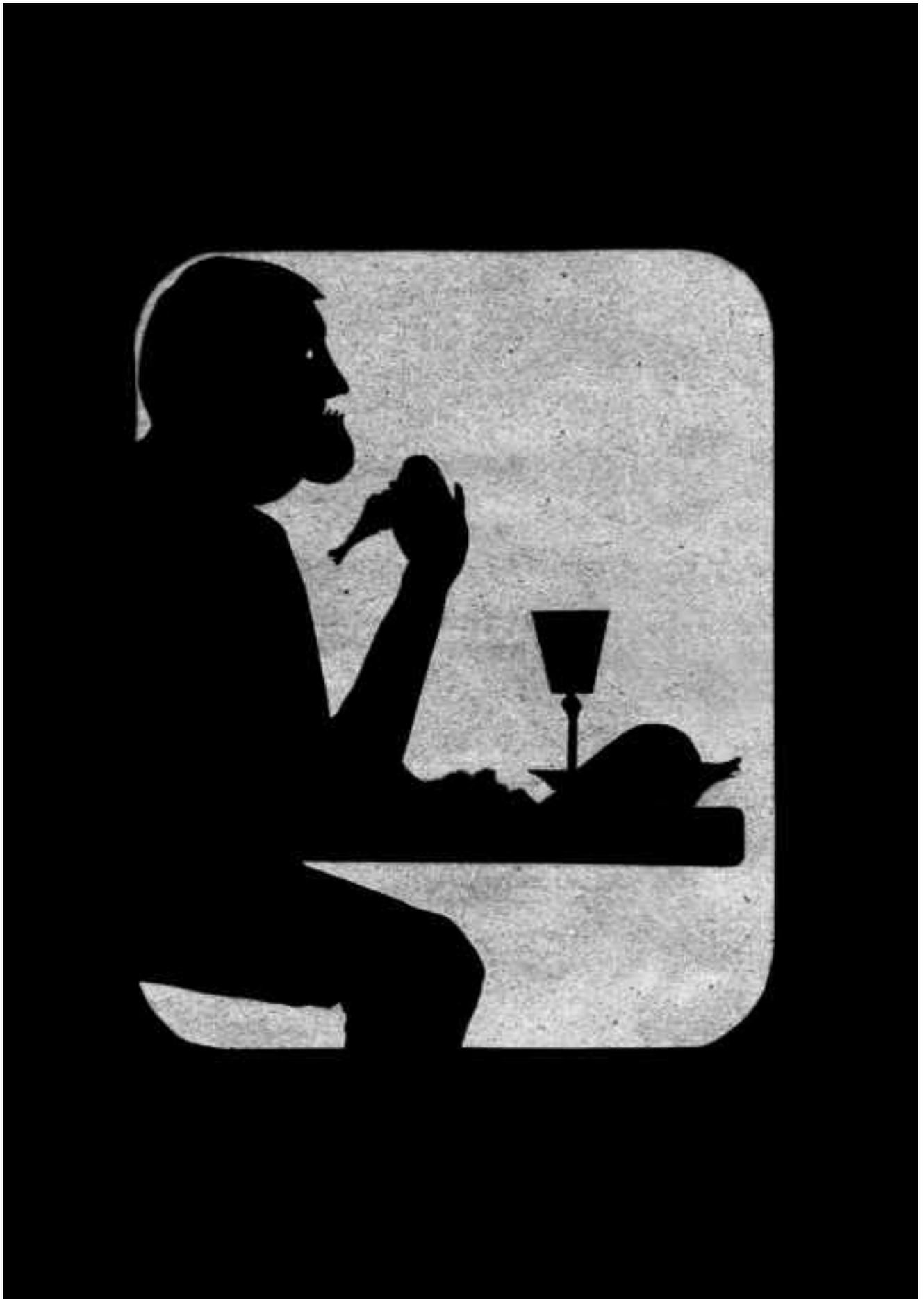
– Oh, meus pobres pequerruchos, onde vocês vieram bater! Pois então não sabem que esta é a casa de um ogro que come criancinhas?

– Ai de nós, madame! – respondeu-lhe o Pequeno Polegar, tremendo até não poder mais, como seus irmãos. – Que devemos fazer? Com toda certeza os lobos da floresta não deixarão de nos comer esta noite se a senhora não quiser nos abrigar. Sendo assim, até preferimos ser comidos pelo dono da casa; talvez ele tenha pena de nós, se a senhora puder falar com ele.

A mulher do ogro, achando que poderia escondê-los do marido até a manhã seguinte, deixou que eles entrassem e levou-os para se aquecer junto a um bom fogo, pois havia um carneiro inteiro no espeto para o jantar do ogro.

Estavam começando a se aquecer quando ouviram três ou quatro fortes batidas na porta: era o ogro que voltava. Rapidamente a mulher os escondeu embaixo da cama e abriu a porta. O ogro foi logo perguntando se o jantar já estava pronto, o vinho servido, e em seguida sentou-se à mesa. O carneiro ainda estava todo sangrento, mas isso pareceu até melhor ao ogro. Farejando à esquerda e à direita, ele dizia que sentia cheiro de carne fresca.





– Deve ser dessa vitela que acabei de lhe preparar – disse a mulher – o cheiro que você sente.

– É cheiro de carne fresca, já disse, que estou sentindo – replicou o ogro, e olhou desconfiado para a mulher. – Tem alguma coisa aqui que eu não estou entendendo.

Ao dizer essas palavras, ele se levantou da mesa e foi direto para a cama.

– Ah, então é assim que você quer me enganar, mulher maldita? Não sei o que me impede de comer você também; sua sorte é ser um animal tão velho. Mas esta caçada aqui vem bem a calhar para eu recepcionar três ogros amigos meus que devem vir me visitar qualquer dia desses.

Ele os tirou de debaixo da cama um depois do outro. Os pobres meninos se puseram de joelhos, pedindo-lhe clemência; mas estavam diante do mais cruel de todos os ogros, que, longe de sentir pena deles, já os devorava com os olhos, dizendo à mulher que eles ficariam uma verdadeira delícia quando ela os preparasse com um bom molho.

Em seguida foi pegar um facão e, aproximando-se dos pobres meninos, afiou-o numa pedra comprida que segurava com a mão esquerda. Já tinha agarrado um deles quando a mulher lhe disse:

– O que você quer fazer tão tarde da noite? Não terá tempo de sobra amanhã cedo?

– Cale essa boca! – respondeu o ogro. – Assim a carne ficará mais macia.

– Mas você ainda tem tanta carne – insistiu a mulher. – Olhe só: uma vitela, dois carneiros e metade de um porco!



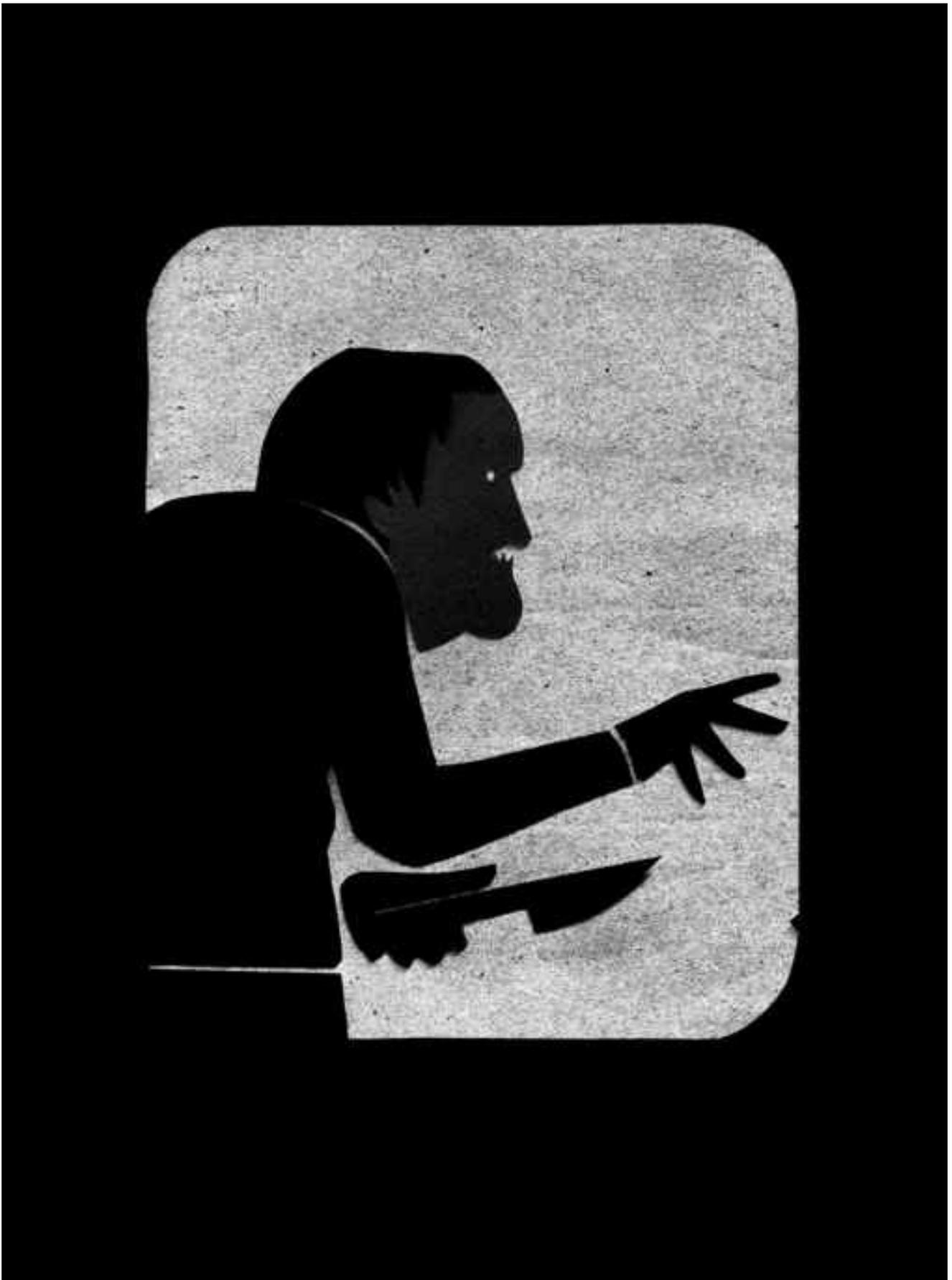
– É, você tem razão – disse o ogro –, pois então dê comida para eles, assim eles não emagrecem, e ponha-os para dormir.

A alegria tomou conta da bondosa mulher, e ela lhes trouxe uma bauta ceia, que eles, contudo, não comeram, tão encolhidos e trêmulos de medo que estavam. Quanto ao ogro, feliz da vida por já ter com que receber dignamente seus amigos, recomeçou a beber. E bebeu uma dúzia de copos a mais do que era seu hábito, o que fez sua cabeça rodar um pouco e o forçou a ir para a cama.

O ogro tinha sete filhas que ainda não passavam de crianças. Todas essas ogrinhas tinham a pele muito bonita, porque, como o pai, comiam carne fresca; mas tinham também olhos pequenos, cinzentos, bem redondos, nariz de papagaio e a boca enorme, com dentes compridos, pontiagudos e afastados uns dos outros. Se ainda não eram completamente malvadas, elas prometiam muito, pois já mordiam criancinhas para chupar o sangue delas.

Postas para dormir mais cedo, as sete estavam numa grande cama, tendo cada qual uma coroa de ouro na cabeça. No mesmo quarto havia outra cama igualmente grande, e foi nela que a mulher do ogro pôs os sete garotinhos para dormir, indo ela mesma, depois disso, deitar-se ao lado do marido.

O Pequeno Polegar notou que as filhas do ogro tinham coroas de ouro na cabeça. Temendo que o ogro se arrependesse de não tê-los degolado naquela noite, ele se levantou no meio da escuridão, pegou os bonés de seus irmãos e o seu, e os colocou delicadamente na cabeça das sete filhas do ogro, depois de haver tirado, uma por uma, as coroas de ouro, que ele pôs em sua própria cabeça e na dos irmãos, para que o ogro os tomasse por suas filhas e estas pelos meninos que queria degolar. Tudo aconteceu como ele havia pensado; o ogro, despertando à meia-noite, arrependeu-se de deixar para o dia seguinte o que ele podia ter executado na véspera; bruscamente pulou fora da cama, apanhou seu facão e disse:



– Vamos ver como se comportam os nossos engraçadinhos e acabar de uma vez com

isso.

Subiu, pois, tateando pelas paredes, para o quarto das filhas e se aproximou da cama onde estavam os garotinhos, todos dormindo, exceto o Pequeno Polegar, que tremeu de medo quando sentiu a mão do ogro lhe apalpando a cabeça, como já havia apalpado a de todos os seus irmãos. O ogro, sentindo as coroas de ouro, disse:

– Que belo trabalho eu ia fazer aqui; agora percebo que ontem à noite eu bebi demais.

Em seguida ele foi para a cama de suas filhas, onde, sentindo os bonezinhos dos meninos, disse:

– Ah, eis aqui os nossos pilantras! Pois então, mãos à obra!

Dizendo essas palavras, ele cortou sem hesitar a garganta de suas sete filhinhas. Muito contente com a proeza, foi novamente se deitar para dormir, ao lado da esposa.

Assim que ouviu o ogro roncando, o Pequeno Polegar acordou seus irmãos e disse-lhes que se vestissem rapidamente e o seguissem. Pé ante pé, eles desceram para o jardim e fugiram pulando o muro. Correram quase a noite toda, sem saber aonde iam.



O ogro, ao acordar, disse à mulher:

– Vá lá em cima preparar aqueles molequinhos de ontem à noite.

A ogra ficou muito espantada com a bondade do marido, pois ela não suspeitou de que modo ele queria que ela os preparasse e entendeu que a ordem era para que os arrumasse e os vestisse; chegando ao andar de cima, teve um choque tremendo ao dar ali com as sete filhas degoladas, nadando no próprio sangue.

Antes de mais nada, ela desmaiou (pois esse é o primeiro expediente a que quase todas as mulheres recorrem em situações semelhantes). O ogro, achando que a mulher estava demorando demais para fazer o trabalho do qual ele a havia encarregado, subiu ao quarto para ajudá-la. E ficou tão assombrado quanto a esposa ao dar com aquele horripilante espetáculo.

– Ah, o que foi que eu fiz? – exclamou. – Mas esses desgraçados vão me pagar, e é agora mesmo!

Logo ele jogou água fria no rosto da mulher e, fazendo-a voltar a si, disse:

– Pegue as minhas botas de sete léguas, rápido, para que eu possa alcançá-los.

Saindo a campo, depois de correr bem longe em todas as direções, finalmente ele entrou no caminho por onde andavam os pobres meninos, que a esta altura já estavam a uns cem passos da casa dos pais. Eles viram o ogro indo de montanha em montanha e atravessando rios com a mesma facilidade com que teria transposto um simples córrego. O Pequeno Polegar, vendo um pedregulho oco perto de onde eles estavam, lá escondeu seus seis irmãos e se enfiou ali também em seguida, sempre de olho no ogro. Já exausto de sua longa e inútil andança (pois as botas de sete léguas também cansam quem as usa), quis descansar um instante, indo sentar-se, por acaso, em cima da grande pedra onde os garotinhos tinham se escondido.

Como não se aguentava mais de cansaço, bastou ele relaxar um pouco para logo pegar no sono, e começou a roncar tão forte, tão assustadoramente, que os garotinhos o temeram tanto quanto na hora em que o ogro empunhara o facão para lhes cortar a garganta. O Pequeno Polegar, que teve menos medo, disse aos irmãos que fugissem depressa para casa, enquanto o ogro dormia profundamente, e que não se preocupassem com ele. Os outros seguiram seu conselho e correram para casa.

O Pequeno Polegar aproximou-se então do ogro, tirou cuidadosamente as botas dele e as calçou. Eram botas muito grandes e largas, mas, sendo encantadas, tinham o poder de aumentar ou diminuir de tamanho, ajustando-se às pernas de quem as punha. Assim, elas ficaram muito bem em seus pés e pernas, como se tivessem sido feitas para ele.

Dali, foi direto à casa do ogro, onde encontrou a esposa dele chorando junto das filhas degoladas.

– Seu marido está em grande perigo – disse-lhe o Pequeno Polegar –, pois foi pego por um bando de criminosos que juraram matá-lo se ele não lhes der todo o ouro e toda a prata que possui. Quando estava com um punhal bem apontado para a garganta dele, ele me viu e me pediu que avisasse a senhora da situação em que está, e lhe dissesse para me dar toda a fortuna dele, sem se esquecer de nada, senão eles o matarão sem piedade. Como a questão é urgente, ele me mandou calçar suas botas de sete léguas, para eu chegar mais rápido, e

também para que a senhora não pensasse que eu sou um vigarista.

A boa mulher, atordoada, logo lhe entregou tudo o que tinha: o ogro sempre fora um ótimo marido, embora comesse criancinhas. O Pequeno Polegar, tendo se apropriado de todas as riquezas do ogro, voltou para a casa de seus pais, onde o receberam com enorme alegria.



Muitas pessoas discordam deste último episódio e acreditam que o Pequeno Polegar jamais roubou o ogro assim; dizem que na verdade ele não teve nenhum escrúpulo em se apossar das botas de sete léguas já que o ogro as usava para pegar criancinhas. Tais pessoas garantem saber disso por meio de fonte segura, como também garantem que elas mesmas chegaram a comer e a beber na casa do lenhador. Pela narrativa que fazem, o Pequeno Polegar, depois de calçar as botas do ogro, dirigiu-se à corte, onde sabia que estavam todos muito preocupados com um exército acampado a duzentas léguas dali e com o desfecho de uma batalha então travada. Indo ao encontro do rei, segundo narram essas pessoas, ele lhe disse que traria notícias do exército antes do fim do dia se o soberano assim quisesse. O rei lhe prometeu uma grande quantia em dinheiro se ele o conseguisse fazer. O Pequeno Polegar trouxe notícias ainda na mesma tarde e, ficando bem conhecido por causa dessa primeira tarefa, começou a ganhar tudo o que queria; pois não só o rei lhe pagava muitíssimo bem para levar suas ordens ao exército como também uma infinidade de damas lhe davam tudo o que ele pedia para terem notícias de seus namorados, e foi assim que ele obteve os maiores ganhos.

Algumas mulheres o encarregavam de levar cartas a seus maridos, mas essas custavam tanto a pagar, e pagavam sempre tão pouco, que ele já nem se dignava a levar em conta o que ganhava com isso.

Após exercer por algum tempo o ofício de mensageiro, no qual acumulou muitos bens, ele voltou à casa de seu pai, onde é impossível imaginar a alegria com que foi recebido. Deixando a família em situação confortável, ele pagou por cargos recentemente criados para seu pai e seus irmãos, garantiu estabilidade a todos e ao mesmo tempo se manteve perfeitamente bem na corte.

Moral

*Ninguém se aflige por muitas crianças ter,
Se todas forem do mais belo parecer,
Com brilho externo que extasia;
Mas, se há uma que é fraca, ou pouco fala,
Ganha desprezo, ofensas, zombaria.
Muitas vezes porém é o infeliz que cala
Quem trará felicidade a toda a família.*



Pele
de
Asno



Era uma vez um rei tão glorioso, tão amado por seus súditos, tão respeitado por todos os vizinhos e aliados, que se podia dizer que era o mais feliz dos monarcas. Sua felicidade se confirmava, além disso, pela escolha que havia feito de uma princesa tão bela quanto virtuosa; e o venturoso casal vivia em perfeita união. De seu casto matrimônio, tinha nascido uma filha dotada de tantos atrativos e encantos que eles nem se lamentavam por não terem prole mais numerosa.

A magnificência, o bom gosto e a fartura reinavam em seu palácio; os ministros eram competentes e sensatos; os cortesãos, virtuosos e dedicados; os domésticos, fiéis e trabalhadores; as cocheiras, amplas e ocupadas pelos cavalos mais bonitos do mundo, protegidos por capas luxuosas; mas o que mais surpreendia os forasteiros que iam visitar essas belas cocheiras é que no lugar de maior destaque havia um ilustre asno com suas orelhas grandes e compridas à mostra. Não fora por capricho, mas por uma decisão bem racional, que o rei havia lhe concedido um lugar assim tão especial e honroso. As virtudes desse raro animal mereciam tal distinção, pois a natureza o fizera tão extraordinário que sua cama de palha, em vez de amanhecer imunda, todos os dias aparecia coberta com uma profusão de belas e valiosas moedas – escudos com o sol gravado, luíses de ouro¹ de todo tipo –, que eram recolhidas assim que ele acordava.

Ora, como as vicissitudes da vida tanto se estendem sobre os reis quanto sobre os súditos, e como sempre o bem se mistura com alguns males, quis o Céu que a rainha fosse bruscamente atacada por uma grave doença para a qual, apesar do saber e da capacidade dos médicos, não se pôde achar cura. A desolação foi geral. O rei, sensível e apaixonado, não obstante o famoso provérbio que diz que o casamento é o túmulo do amor, fazia votos ardentes em todos os templos de seu reino, oferecendo a própria vida para salvar a da esposa tão querida. Mas os deuses e as fadas foram invocados em vão. A rainha, sentindo chegar sua hora final, disse ao esposo, que se derretia em lágrimas:

– Permita-me que eu lhe peça uma coisa antes de morrer; se você sentir vontade de se casar outra vez...

A essas palavras, o rei soltou gritos de dor, pegou as mãos da mulher, banhando-as de lágrimas e, garantindo ser desnecessário lhe falar sobre um segundo casamento, por fim disse:

– Nada disso, minha querida rainha; fale-me antes de eu lhe seguir.

– O Estado – retomou a rainha com uma firmeza que aumentava as lamúrias daquele rei –, o Estado deve exigir sucessores e, como eu só lhe dei uma filha, deverá pressioná-lo a ter filhos que se pareçam com você; mas eu lhe peço insistentemente, por todo o amor que você teve por mim, que não ceda à pressão dos súditos senão quando encontrar uma princesa mais bonita e mais benfeita de corpo do que eu; quero que me prometa isso, para que eu possa morrer em paz.

Supõe-se que a rainha, a quem não faltava amor-próprio, tenha exigido essa promessa por não acreditar que houvesse no mundo pessoa capaz de se igualar a ela, vendo nisso uma garantia de que o rei jamais se casaria outra vez. Enfim ela morreu. Jamais um marido fez tanto estardalhaço: chorar, soluçar dia e noite, esses pequenos direitos da viuvez foram sua ocupação exclusiva.

As grandes dores não duram para sempre. Por isso mesmo, os conselheiros do Estado reuniram-se e foram todos falar com o rei, pedindo a ele que se casasse outra vez. Essa primeira proposta lhe pareceu cruel e o fez verter novas lágrimas. Mencionou a promessa que havia feito à rainha e desafiou todos eles a encontrarem uma princesa mais bonita e atraente do que sua falecida esposa, o que ele pensava ser impossível. Mas o Conselho considerou tal promessa uma bobagem e disse que a beleza pouco importava, desde que uma rainha, não sendo estéril, fosse virtuosa; que o Estado necessitava de príncipes para manter a ordem e a tranquilidade pública; que na verdade a infanta tinha todas as qualidades requeridas para se tornar uma grande rainha, mas teriam de escolher um estrangeiro para seu esposo; e que ou o estrangeiro a levaria para a terra dele ou, se os dois reinassem juntos, os filhos deles não seriam considerados mais do mesmo sangue; e que, se não houvesse um príncipe da antiga linhagem, os povos vizinhos poderiam lhes declarar guerras que culminariam na ruína do reino. O rei, sensível a essas ponderações, prometeu pensar em atendê-los.

Realmente ele procurou, entre as princesas por casar, uma que pudesse lhe convir. Todos os dias levavam-lhe retratos atraentes, mas como nenhuma tinha os encantos da falecida rainha ele nunca chegava a uma decisão. Infelizmente, por desgraça, enfiou na cabeça que a infanta, sua filha, não somente era bonita e atraente a ponto de extasiar como ainda ultrapassava em muito, em inteligência e amabilidade, a rainha sua mãe. A juventude e o agradável frescor da pele dela acenderam no rei um fogo tão violento que ele não conseguiu disfarçá-lo da infanta, a quem disse que tinha resolvido desposá-la, já que só ela podia livrá-lo da promessa feita.

A jovem princesa, cheia de pudor e virtude, pensou que ia desmaiar diante dessa proposta horrorosa. Jogou-se aos pés do rei seu pai e lhe implorou, com toda a força que encontrou no próprio espírito, que não a forçasse a cometer tal crime.

O rei, com esse projeto esquisito na cabeça, havia consultado um velho druida para deixar em paz a consciência da princesa. Esse druida, menos religioso que ambicioso, sacrificou os interesses da inocência e da virtude à honra de ser confidente de um grande rei, em cujo espírito ele se insinuou com tanta astúcia, atenuando de tal modo a enormidade do crime a ser cometido que o convenceu até mesmo de que se casar com a própria filha era um ato de caridade. O rei despediu-se com um abraço, lisonjeado pelas palavras desse celerado, e saiu do encontro ainda mais decidido a levar sua intenção adiante: deu ordens de que a infanta, portanto, se preparasse para obedecê-lo.

A jovem princesa, tomada por um sofrimento profundo, não pensou em outra coisa senão ir se encontrar com sua madrinha, que era a fada dos Lilases. Para isso, partiu na mesma noite num belo cabriolé puxado por um grande carneiro que sabia todos os caminhos. E felizmente chegou lá. A madrinha, que adorava a infanta, disse que já sabia de tudo o que ela viera lhe contar e que não se preocupasse, pois nada poderia atingi-la se executasse fielmente o que seria prescrito.

– Seria de fato um grande erro, minha querida afilhada – disse-lhe ela –, casar-se com seu pai; mas você pode evitar isso sem contradizê-lo. Diga a ele que é preciso que lhe dê, para atender a um capricho seu, um vestido da cor do tempo; apesar de todo o amor e de

todo o poder que tem, ele jamais o conseguirá.

A princesa agradeceu devidamente à madrinha e já no dia seguinte, de manhã cedo, pediu ao rei o que a madrinha havia lhe aconselhado, afirmando que não obteria dela nenhum consentimento a menos que ela pudesse ter um vestido da cor do tempo. O rei, entusiasmado pela esperança que ela lhe dava, reuniu os costureiros mais famosos e encomendou esse vestido, sob uma condição: se não o conseguissem fazer, mandaria enforcar todos eles. Nem o belo azul do firmamento quando rodeado por nuvens douradas era mais belo do que o belo vestido que lhe mostraram. A princesa, toda aflita por causa disso, não sabia como sair daquela enrascada. O rei a pressionava, exigindo sua decisão. Foi preciso recorrer mais uma vez à madrinha, que então lhe disse, surpresa por seu conselho secreto não ter surtido efeito, para tentar pedir um vestido da cor da Lua. O rei, que nada podia recusar à filha, mandou chamar os artesãos mais habilidosos e encomendou-lhes um vestido da cor da Lua com tal urgência que entre o pedido ser feito e a entrega efetuada não se passaram nem vinte e quatro horas.

A infanta, mais encantada com o soberbo vestido do que com as deli cadezas do rei seu pai, mostrou toda a extensão de seu sofrimento quando se viu a sós com sua ama e suas damas de companhia. A fada dos Lilases, que sabia de tudo, veio em socorro da princesa aflita e lhe disse:

– Pode ser que eu esteja muito enganada, mas acho que, se você pedir um vestido da cor do Sol, ou conseguiremos desencorajar o rei seu pai, pois ele jamais poderá mandar fazer tal vestido, ou pelo menos ganharemos tempo.

A infanta concordou e pediu o vestido. O rei apaixonado, sem nunca se lastimar, deu todos os diamantes e rubis de sua coroa como contribuição para a soberba obra, ordenando que nada fosse poupado para tornar o vestido igual ao Sol. Desse modo, tão logo foi exibido, todos que o viram foram obrigados a fechar os olhos, tamanho era seu brilho. É dessa época que datam os óculos escuros e o vidro fumê. Como reagiu a infanta a tal visão? Nunca se tinha visto nada tão belo, tão artisticamente trabalhado. Ela ficou confusa; a pretexto de estar com os olhos doendo, recolheu-se em seu quarto, onde a fada a esperava, mais envergonhada do que nunca. Aliás, foi bem pior: pois ao ver o vestido da cor do Sol, ficou vermelha de raiva.

– Ah, mas dessa vez, minha afilhada – disse à infanta –, vamos submeter o amor do seu pai a uma prova terrível. Creio que ele está obstinado com esse casamento, que julga estar prestes a ocorrer, mas acho que ficará um pouco aturdido com o pedido que lhe aconselho fazer: a pele daquele asno que ele ama tão apaixonadamente e que cobre todas as suas despesas de maneira tão pródiga; vá, minha filha, não deixe de lhe dizer que você deseja aquela pele.

A infanta, contente por ainda encontrar um meio de se safar de um casamento que ela detestava, e pensando ao mesmo tempo que seu pai jamais iria se decidir a sacrificar o asno, foi encontrá-lo e expôs-lhe o seu desejo pela pele do formoso animal. Apesar de surpreender-se com o estranho capricho, o rei não hesitou em satisfazê-la. O pobre asno foi então sacrificado e sua pele levada galantemente à infanta, que, por não ver mais nenhum meio de escapar de sua infelicidade, já ia caindo em desespero quando sua madrinha

apareceu.



– Que está fazendo, minha filha? – disse ao ver que a princesa desganhava seu cabelo e arranhava seu rosto tão belo. – Este é o momento mais feliz da sua vida. Enrole-se nessa pele, saia já do palácio e, enquanto a terra puder aguentá-la, vá em frente. Os deuses sabem nos recompensar quando sacrificamos tudo pela virtude. Vá, e eu cuidarei para que seus objetos pessoais a sigam por toda parte; em qualquer lugar onde você parar, o seu baú, com suas roupas e joias, seguirá suas pegadas por baixo da terra; ao bater no chão com esta varinha de condão que estou lhe dando, quando você precisar dele, o baú aparecerá na sua frente; mas se apresse, vamos, não demore mais por aqui.

A infanta deu mil beijos na madrinha, pediu que ela não a abandonasse e, depois de pintar todo o rosto com a fuligem da lareira, enfiou-se naquela pele feiosa e saiu do rico palácio sem ser reconhecida por ninguém.

A ausência da infanta causou grande tumulto. Em desespero, o rei, que tinha mandado preparar uma magnífica festa, estava inconsolável e ordenou que mais de cem soldados e mais de mil mosqueteiros partissem no encalço da filha; mas a fada, que a protegia, a tornou invisível às buscas mais cuidadosas, não restando ao rei senão se consolar.

Durante todo esse tempo a infanta caminhou. Seguiu para muito longe, bem longe, e ainda mais longe, procurando por toda parte um lugar; embora, por caridade, lhe dessem de comer, achavam-na tão imunda que ninguém a queria em casa. Entretanto ela chegou a uma bonita cidade, em cuja entrada havia uma chácara; a mulher que a arrendava precisava de uma ajudante para lavar panos de pratos, tratar dos perus e limpar o cocho dos porcos. Vendo a viajante tão maltrapilha, essa mulher lhe propôs trabalhar para ela, o que a infanta aceitou com o coração em festa, tão cansada estava de suas andanças. Puseram-na num canto afastado da cozinha, onde nos primeiros dias ela se expôs às brincadeiras grosseiras da criadagem, pois sua pele de asno a fazia parecer repugnante e suja. Por fim as pessoas se acostumaram com ela, que, aliás, se mostrou tão aplicada na execução de seus deveres que a chacareira a tomou sob proteção. Era ela quem guiava os carneiros, na hora em que era preciso, para entrar no cercado; era ela quem levava os perus para pastar, com um desembaraço tão grande que até dava a impressão de jamais ter feito outra coisa na vida: sob suas belas mãos, tudo progredia.

Certo dia, sentada junto a uma fonte clara aonde muitas vezes ia para se lamentar de sua triste situação, ela sentiu o impulso de se olhar na água e se assustou com a horrorosa pele de asno que lhe servia de cabeleira e roupa. Envergonhada do disfarce, lavou o rosto e as mãos, que se tornaram mais brancas que o marfim, readquirindo sua bela pele todo o frescor natural. A alegria de se redescobrir tão bonita lhe deu vontade de se banhar na fonte, o que ela fez; depois, porém, teve de pôr de novo sua indigna pele para voltar à chácara. O dia seguinte, por sorte, era um dia de folga, e assim ela teve tempo de pegar seu baú, retirar os produtos de beleza, perfumar e pentear o cabelo e pôr seu lindo vestido da cor do tempo. O quartinho dela era tão apertado que ela nem conseguiu estender toda a cauda do maravilhoso vestido. Havia tanta razão para a bela princesa se contemplar e se admirar que, para afastar o tédio, ela resolveu sempre usar um de seus lindos vestidos, variando-os nos domingos e feriados; cumpriu isso à risca. Com uma arte admirável, misturava flores e diamantes na bonita cabeleira e frequentemente suspirava por só ter como testemunhas de sua grande

beleza os carneiros e perus que a apreciavam do mesmo modo sob a horrorosa pele de asno, da qual foi tirado o apelido que lhe puseram na chácara.

Num dia de festa, em que Pele de Asno tinha posto o vestido da cor do Sol, o filho do rei, a quem pertencia aquela chácara, passou por ali para descansar quando voltava de uma caçada. O príncipe, um jovem bonito e admiravelmente benfeito de corpo, o encanto de seu pai e da rainha sua mãe, era adorado pelos súditos. Ofereceram-lhe uma refeição campestre, que o jovem príncipe aceitou; depois ele foi percorrer os pátios e todos os recantos da chácara. Indo, assim, de lugar em lugar, entrou numa alameda sombria no fim da qual viu uma porta fechada. Levado pela curiosidade, olhou pelo buraco da fechadura e qual não foi seu deslumbramento ao ver a princesa tão bela e ricamente vestida; pelo ar nobre e modesto dela, tomou-a por uma divindade! A impetuosidade do sentimento que o dominou naquele momento bem o teria levado a arrombar a porta, não fosse o respeito que aquela fascinante mulher lhe inspirou.

Ele custou a sair da alameda triste e sombria, e o fez tão somente para perguntar quem era a pessoa que morava naquele quatinho. Responderam-lhe que era uma simples faxineira, chamada de Pele de Asno por causa da pele com a qual se vestia, que era tão suja e emporcalhada que ninguém falava com ela e nem sequer a olhava; e que a tinham acolhido por pena, para cuidar dos carneiros e perus.

O príncipe, insatisfeito com o esclarecimento, logo viu que aquelas pessoas grosseiras não sabiam de nada e que era inútil interrogá-las. Voltou, pois, ao palácio do rei seu pai mais apaixonado do que nunca e tendo continuamente diante dos olhos a bela imagem da divindade que ele tinha visto pelo buraco da fechadura. Arrependido de não ter batido na porta, prometeu a si mesmo que, da próxima vez, não deixaria de fazer isso. Mas a agitação de seu sangue, causada pelo ardor da paixão, causou-lhe na mesma noite uma febre tão terrível que sem demora ele ficou em péssimo estado. A rainha sua mãe, tendo apenas esse filho, já perdia as esperanças, pois todos os remédios revelavam-se inúteis. Em vão ela prometeu aos médicos grandes recompensas; por mais que se concentrassem no caso, mesmo com todo o seu saber nada curava o príncipe.



Suspeitaram, por fim, que a causa de todo aquele estrago fosse um desgosto mortal; comunicaram isso à rainha, que, enternecida pelo filho, foi lhe suplicar que dissesse qual a origem de seu mal; se fosse algo relativo à transmissão da coroa, o rei seu pai desceria de bom grado do trono para fazê-lo ascender; se ele desejasse alguma princesa, mesmo que fosse necessário travar guerra contra o rei pai dela, do qual tivessem boas razões para se queixar, sacrificariam tudo para obter o que ele desejava; mas ela implorava que ele não se deixasse morrer, pois da vida do filho dependia a dos pais.

A rainha não pôde chegar ao fim desse tocante discurso sem molhar o rosto do príncipe com uma torrente de lágrimas.

– Madame – disse-lhe enfim o príncipe, com a voz muito fraca –, não sou assim tão desnaturado para desejar a coroa do meu pai; queira Deus que ele tenha muitos anos de vida e que eu seja sempre o mais fiel e o mais respeitoso dos seus súditos! Quanto às princesas que me oferece, ainda nem pensei em me casar; a senhora bem sabe que, submisso como sou às suas vontades, eu a obedecerei sempre, custe-me o que custar.

– Ah, meu filho – replicou a rainha –, para mim, para salvar a sua vida, nada tem preço, mas salve você agora a minha e a do rei seu pai, declarando-me o que deseja, e pode estar certo que lhe será concedido.

– Pois bem, madame, se preciso lhe declarar o que tenho em mente – disse ele –, vou obedecê-la; eu cometeria um crime se pusesse em perigo dois seres que me são caros. Sim, minha mãe, tenho um desejo: que Pele de Asno faça um bolo para mim e, quando ele estiver pronto, que ela o venha trazer.

A rainha, espantada com esse nome estranho, perguntou quem era Pele de Asno.

– Madame – disse um dos serviçais que, por acaso, já tinha visto a moça –, ela é o bicho mais feio que existe depois do lobo; é uma pele negra, uma asquerosa que mora na sua chácara e toma conta dos perus que pertencem à senhora.

– Que importa? – disse a rainha. – Quem sabe meu filho, ao voltar da caçada, comeu algum bolo feito por ela; é um capricho de doente; em suma, quero que essa Pele de Asno, já que essa tal Pele de Asno existe, faça imediatamente um bolo para ele.

Correram à chácara para chamar Pele de Asno e mandá-la fazer o melhor bolo possível para o príncipe.

Alguns autores garantem que, no momento em que o príncipe pôs o olho na fechadura, Pele de Asno percebeu; que depois, olhando por sua janelinha e vendo ser o príncipe tão jovem, tão bonito e tão benfeito de corpo, a imagem ficou gravada em sua mente, e muitas vezes essa lembrança já lhe tinha arrancado alguns suspiros. Fosse como fosse, se Pele de Asno o viu ou se ouviu elogios feitos com frequência a ele, o fato é que, contente por encontrar um modo de se tornar conhecida, ela logo se trancou no quarto, jogou de lado a horrenda pele, lavou o rosto e as mãos, penteou o cabelo louro, pôs um belo e brilhante corpete prateado, uma saia que combinava e começou a fazer o bolo tão desejado, usando a farinha mais pura, manteiga fresca e ovos. De propósito ou não, enquanto ela trabalhava um anel escorregou de seu dedo, misturando-se à massa. Assim que o bolo ficou pronto, ela o deu, já enfiada em sua pele horrorosa, ao serviçal da rainha, a quem pediu notícias do príncipe; o homem, porém, não se dignou a responder e saiu às pressas para levar o bolo ao

príncipe.

Avidamente, o príncipe o pegou das mãos do homem. Comeu-o com tal animação que os médicos, estando presentes, ousaram dizer que aquela fúria não era bom sinal; na verdade o príncipe quase engasgou com o anel que encontrou de repente dentro de uma fátia, mas facilmente o tirou da boca, e o ardor com que devorava o bolo arrefeceu quando passou a examinar a fina esmeralda montada num aro de ouro tão estreito que, ele concluiu, só poderia entrar no dedo mais bonito do mundo.

Mil vezes beijou o anel, que guardou embaixo de seu travesseiro, de onde o tirava a todo instante, quando acreditava que ninguém o via. Como se atormentou imaginando um meio de poder estar com aquela em quem o anel servisse! Se solicitasse a presença de Pele de Asno, que fizera o bolo pedido por ele, não acreditava que o atendessem nesse desejo, nem ousava revelar o que tinha visto pelo buraco da fechadura, temendo que zombassem dele e o tomassem por fantasioso. Com todas essas ideias a atormentá-lo ao mesmo tempo, sua febre voltou ainda mais alta. Os médicos, não sabendo mais o que fazer, declararam à rainha que o príncipe sofria do mal de amor.



A rainha foi às pressas, junto com o rei desconsolado, ao quarto do filho.

– Filho meu, querido filho – disse o angustiado monarca –, diga-nos o nome da mulher que deseja, e juramos dá-la a você, mesmo que seja a mais infame das escravas.

Beijando-o, a rainha confirmou a jura do rei. O príncipe, comovido com o carinho e as lágrimas dos autores de seus dias, disse:

– Não tenho o menor desejo de fazer um casamento que desagrade a meu pai e a minha mãe; para provar o quanto isso é verdade – acrescentou, tirando de baixo do travesseiro a esmeralda – vou me casar com a pessoa em quem este anel couber, seja ela quem for; e nada dá a entender que a mulher que tenha um dedo assim tão bonito seja uma desajeitada ou uma camponesa.

Pegando o anel para examiná-lo com atenção, o rei e a rainha concordaram com o príncipe que de fato ele só poderia servir em alguma moça de família rica. Depois de beijar o filho e exortá-lo a ficar bom, o rei saiu e mandou soarem as trombetas, os tambores e os pífaros por toda a cidade, para que seus arautos proclamassem que todas as moças do reino deveriam ir ao palácio apenas para experimentar um anel. Aquela em quem ele servisse se casaria com o herdeiro do trono.

Primeiro vieram as princesas, depois as duquesas, as marquesas e as baronesas; todas tentaram afinar os dedos, mas em vão, porque nenhuma conseguiu pôr o anel. Foi preciso apelar para as costureirinhas, que, fofas como eram, tinham os dedos muito grossos. O próprio príncipe, que já estava se sentindo melhor, fazia o teste. Por fim, chamaram as camareiras, que também foram reprovadas. Não havia mais ninguém que não tivesse experimentado inutilmente o anel quando o príncipe mandou convocar as cozinheiras, as arrumadeiras e as pastoras: trouxeram todas, mas em seus dedões vermelhos e curtos, o anel nunca entrava além da unha.

– Mandaram vir a tal Pele de Asno, que há poucos dias fez um bolo para mim? – perguntou o príncipe. Todos começaram a rir e lhe disseram que não, porque ela era imunda e nojenta.

– Pois vão buscá-la imediatamente – ordenou o rei. – Ninguém dirá que deixei alguém de fora.

Entre risos e chacotas, correram à procura da guardadora de perus.

Tendo ouvido os tambores e os gritos dos arautos, a infanta tinha mesmo suspeitado de que seu anel fosse a causa de toda aquela algazarra: ela amava o príncipe e, como o amor verdadeiro e livre de vaidades pode ter seus receios, ela vivia o contínuo temor de que houvesse alguma dama de dedo tão fino quanto o dela. Sentiu, pois, uma grande alegria quando foram procurá-la e bateram à porta dela. Desde que soubera que andavam em busca de um dedo no qual o seu anel entrasse, uma esperança secreta a levava a se pentear mais caprichadamente e a vestir seu bonito corpete prateado, com a saia cheia de esmeraldas dispersas com um rendilhado de prata em toda a barra. Tão logo ouviu que batiam e a intimavam para ir estar com o príncipe, rapidamente voltou a se enfiar em sua pele de asno e abriu a porta. Zombando dela, os mensageiros lhe disseram que o rei a convocava para fazê-la se casar com seu filho; depois, entre gargalhadas sem fim, levaram-na à presença do príncipe, o qual, igualmente espantado com o modo ridículo de se vestir da moça, não

conseguia acreditar que ela fosse a mesma que ele tinha visto tão pomposa e bela.

Triste e confuso por ter se enganado tanto, ele perguntou:

- É você que mora no fundo daquela alameda escura, no terceiro pátio da chácara?
- Sim, senhor – ela respondeu.
- Mostre-me sua mão – disse ele, trêmulo e soltando um profundo suspiro.

Pudera, e quem não ficaria surpreso? Assim ficaram não só o rei e a rainha, mas também todos os conselheiros e os nobres da corte, quando sob aquela pele negra e imunda despontou uma delicada mãozinha, toda branca e cor-de-rosa, onde o anel entrou sem esforço no dedinho mais bonito do mundo. Por um ligeiro movimento que a infanta fez, a pele de asno foi ao chão e ela surgiu com uma beleza tão esfuziante que o príncipe, mesmo ainda fraco, atirou-se a seus pés e agarrou-se aos joelhos dela com um ardor que a fez corar; mas quase ninguém notou, pois o rei e a rainha haviam corrido para enchê-la de beijos, perguntando-lhe se queria se casar com o filho deles. A princesa, confusa com tantas carícias e com o amor que o príncipe formoso e jovem lhe devotava, preparava-se para agradecer a eles quando o teto do salão se abriu e a fada dos Lilases, descendo de um carro feito de galhos e flores do arbusto com seu nome, contou a história da infanta com uma graça infinita.

O rei e a rainha, contentíssimos por constatar que Pele de Asno era uma grande princesa, redobram as carícias. Já o príncipe foi ainda mais sensível à virtude da princesa, e seu amor aumentou com o que ele veio a saber.

Era tamanha a impaciência do príncipe para se casar com a princesa que ele concedeu pouco tempo para os preparativos necessários à grandiosa cerimônia. O rei e a rainha, ambos loucos pela nora, não se cansavam de mimá-la e a tinham constantemente nos braços; ela havia declarado que não poderia se casar com o príncipe sem o consentimento do rei seu pai; e ele, assim, foi o primeiro a quem enviaram um convite, sem que lhe fosse dito, porém, que ela era a noiva. A fada dos Lilases, que comandava tudo, tal como devia ser, é que exigira isso, por temer as consequências. Vieram reis de todos os países, uns em palanquins, outros em cabriolés; os das terras mais distantes, montados em elefantes, em tigres, em águias; mas o mais magnífico e o mais poderoso foi o próprio pai da infanta, que felizmente tinha esquecido seu amor desregrado e se casado com uma rainha viúva, muito bela, com quem não tivera filhos. A infanta correu para recebê-lo; ele logo a reconheceu e a beijou com grande ternura, antes que ela tivesse tempo de se jogar a seus pés. O rei e a rainha lhe apresentaram o príncipe, que ele tratou com muita amizade. As núpcias foram celebradas com toda a pompa imaginável. Os jovens casados, pouco se importando com essas magnificências, não viam, não olhavam senão um para o outro.

O rei pai do príncipe fez coroar seu filho nesse mesmo dia e, beijando-lhe as mãos, colocou-o no trono, apesar da resistência desse filho bem-nascido, a quem cabia obedecer. Os festejos do ilustre casamento duraram quase três meses, mas o amor dos dois ainda perduraria, tão grande ele era, se cem anos depois eles não tivessem morrido.

Moral

*O conto "Pele de Asno" é difícil de acreditar:
Mas enquanto no mundo houver criancinhas,
Com as mães e as avozinhas
Sua lembrança há de voltar.*

1 Luís em ouro, ou “escudo de ouro”, foi a moeda cunhada na França em 1640, em homenagem a Luís XIII (1601-43), que substituiu o franco.

APÊNDICE

“Barba Azul”, ou o segredo do conto *Michel Tournier*

A delicadeza das duas línguas *Leonardo Fróes*

Sobre o autor

Sobre as ilustrações

“BARBA AZUL” OU O SEGREDO DO CONTO

MICHEL TOURNIER

Remontemos a uma fonte precisa, pontual, muito específica, mas em suma indiscutível: Charles Perrault e uma de suas obras-primas, “O Barba Azul”.¹

No prefácio de sua coletânea, Perrault esboça distinções absolutamente fundamentais no interior do gênero literário das histórias curtas. Evoca a princípio as fábulas gregas e latinas para discutir o valor mais ou menos edificante de sua “moral”. Depois concede lugar à parte às “novelas”, ou seja, às narrativas de fatos que podem ter acontecido e nada trazem em si que “prejudique de todo a verossimilhança”. Entre as narrativas de sua coletânea, “Grisélidis” [ou “Griselda”] é assim, segundo ele, não um conto, mas uma novela. Mais adiante ele aborda “os contos que nossos avós inventaram para suas crianças”, sublinhando com isso a origem popular do conto. Perrault nos diz que esses contos contêm “instruções ocultas... São sementes espalhadas que em princípio produzem apenas movimentos de alegria e de tristeza, mas das quais não deixam de brotar boas inclinações”.

Eis-nos, portanto, diante de três tipos de histórias curtas: o conto e sua “instrução oculta”, a novela, que se identifica por sua verossimilhança, e a fábula com sua moral. Pode-se dizer que três séculos de literatura europeia não fizeram senão confirmar, radicalizando-a, a análise de Perrault.

Consideremos primeiramente a novela. Seu critério – a fidelidade ao real – se harmoniza com a conotação jornalística da palavra. O que se lê nos jornais são as “novas” ou as “novidades” do dia, de preferência nas páginas dedicadas às notícias de acidentes e crimes. O autor de novelas – Maupassant, Tchekhov, Sartre – vale-se de um realismo cinzento e estrito. Quer se ajustar à verdade e dar-nos dela uma visão onde a tristeza, o desencanto e a crueldade lhe parecem provas de fidelidade. De seu leitor, ele espera esta exclamação: “Tudo isso é muito deprimente e horroroso, mas como é verdadeiro!”. À margem de tal constatação soturna, quer-se a novela desprovida de qualquer significação, moralidade ou outra mensagem mais ou menos ideal ou ideológica. Sua horizontalidade austera exclui qualquer além, qualquer transcendência.

Totalmente oposta é a fábula. Aqui a “moralidade” é expressa e não raro formulada até mesmo em preto e branco. É evidente o que se pensa em La Fontaine: “Muitas vezes precisamos de alguém menor que nós”. “Todo bajulador vive à custa de quem o ouve.” O apólogo que se segue, ou que precede, é estreitamente solidário dessa moral que ele ilustra. A querela que Rousseau tentou manter com La Fontaine é muito instrutiva. Simplesmente ele o acusa de perverter a juventude por lhe ensinar não a moral, mas a imoralidade. A fábula “O Corvo e a Raposa”, por exemplo, põe juntos em cena um espertalhão e um tolo. E ela nos mostra como o espertalhão explora e ridiculariza o tolo. Será pois bem natural que a criança

queira se parecer com o espertalhão, porque é ele, entre os dois, o que tem o papel mais prestigioso e vantajoso. Pode-se imaginar uma primeira resposta de La Fontaine: “Eu não ensino, eu constato. Se a realidade é triste, não é culpa minha”. Ora, essa frase não pode ser de um fabulista, mas sim de um autor de novelas. Porque se um autor de novelas pode legitimamente reivindicar uma atitude de neutralidade lúcida diante de uma notícia aflitiva, um autor de fábulas se obriga a tirar uma “moral” de seu apólogo, não podendo ele mesmo se recolher a um simples papel de testemunha. Não há como fabular sem ensinar. É preciso, portanto, atribuir a La Fontaine outro argumento de defesa: “Minhas fábulas não ensinam a moral, e sim a sabedoria. Se a moral é um conjunto de preceitos puros e límpidos – mas que permanecem abstratos e como que longe da vida –, a sabedoria intimamente associada à vida cotidiana é uma mistura muito impura de inteligência, astúcia, experiência, coragem lúcida e cálculos a curto prazo, um compromisso, em suma, entre a alma e a dura realidade”. É verdade que La Fontaine não poderia ter feito esse discurso, porque ele, nascido um século antes de Kant, não conhecia senão a sabedoria e não poderia supor o rigor diamantino do imperativo categórico; e Rousseau não o teria aceitado porque ele foi, ao contrário, o pai espiritual de Kant e contribuiu como ninguém para desqualificar a antiga sabedoria ainda florescente com Spinoza.

A meio caminho entre a opacidade brutal da novela e a transparência cristalina da fábula, o conto – de origem ao mesmo tempo oriental e popular – se apresenta como um meio translúcido, mas não transparente, como uma espessura glauca na qual o leitor vê desenharem-se figuras que jamais ele chega a apreender totalmente. Não é por acaso que o conto fantástico do século XIX tem predileção pela intervenção de fantasmas. O fantasma personifica muito bem, com efeito, a filosofia do conto, imersa na massa da fabulação e, portanto, indecifrável. O conto é uma novela mal-assombrada. Assombrada por uma significação fantasmática que nos comove, nos enriquece, mas não nos esclarece: exatamente o que Perrault queria dizer com suas “sementes” que de imediato não produzem senão “movimentos de alegria e de tristeza”. Ora, o próprio mecanismo desses movimentos de alegria e de tristeza nos interessa, e vê-los em ação, no exemplo preciso de “O Barba Azul”, nos intriga.

Esse título já é revelador em si mesmo. Eis que temos aí um poderoso senhor, rico e misterioso, atormentado por uma barba tão negra que tende ao azul asa-de-corvo. Devido a uma “lógica” que com certeza é irracional, senão absurda, essa história horrível não poderia se adaptar, de fato, a um herói louro, rosado, bochechudo e imberbe. É que o homem de barba azul-negra não é um homem comum. É uma espécie de super-homem. Sua força e sua virilidade encontram nessa barba uma expressão ao mesmo tempo repulsiva e sedutora, sobretudo para a moça que ele pretende ter como esposa. Perrault nos visa assim abaixo da cintura, desde o começo, e em nós ele apela para processos psicológicos afetivos, arquetípicos, tão poderosos quanto irracionais.²

Finalmente a moça cede e concorda em se tornar a senhora Barba Azul. Mal transcorre um mês e o comportamento do estranho indivíduo torna-se surpreendente de todo. Ele comunica à esposa que terá de fazer uma viagem. Antes de partir, confia-lhe todas as chaves da casa, não se esquecendo de chamar a atenção para uma delas, que abre certo gabinete

escuro. Proíbe-a de usá-la e, caso ela desobedeça, “você nem imagina”, diz-lhe, “o que serei capaz de fazer de tanta raiva”. Comportamento extravagante que, no contexto de uma novela, teria arruinado toda sua credibilidade. Trata-se porém de um conto. Quer então dizer que aí todas as inverossimilhanças são autorizadas? Por certo que não, mas as regras do jogo são diferentes. No conto, tudo é permitido, sob a única condição de que o autor adquira a cumplicidade do leitor. A verdade é que nós aceitamos o comportamento de Barba Azul sem objeção. Por que essa docilidade? Por causa de um mecanismo análogo àquele que nos advertiu, quando da entrada no jogo, que havia tudo a temer de um homem de barba azul: um mecanismo arquetípico. Porque esse comportamento extravagante de Barba Azul evoca obscuramente em nós o de outro personagem diversamente antigo e venerável – mas talvez também barbudo –, o Jeová que deixa o Paraíso terrestre depois de proibir Adão e Eva de comer a fruta de certa árvore, a árvore que dá o conhecimento do Bem e do Mal. Há nisso pois um fenômeno de lembrança vaga e inapreensível, exatamente de *reminiscência* – a qual, segundo Joubert, é “como a sombra da lembrança”. Reencontramos aqui nosso fantasma.

Sabe-se o que acontece em seguida. Como Adão e Eva, a senhora Barba Azul se apressa em transgredir a proibição. Ela abre o gabinete e descobre os cadáveres putrefatos das seis primeiras mulheres de seu marido. De tão abalada, deixa cair no chão a chave, que se suja de sangue, sendo a mancha capaz de desaparecer quando ela a esfrega, mas apenas para reaparecer logo depois em outro lugar. (Esse é o único elemento “feérico” do conto que impede Perrault de o qualificar de “novela”, como “Grisélidis”). Aí está mais um detalhe racionalmente inaceitável, que no entanto nós aceitamos sem protestar, por ser ele dotado de uma força de persuasão misteriosa e imperativa. Por quê? Reminiscência ainda, menos unívoca sem dúvida que a da fruta proibida, onde entram em causa o pecado original, o desvirginamento e também uma lembrança da mãozinha ensanguentada de *lady Macbeth*, que “nem todas as essências do Oriente poderiam lavar”.

Barba Azul retorna, descobre a desobediência da mulher e a arrasta pelos cabelos com a intenção de degolá-la. Felizmente os dois irmãos dela são aguardados, mas eles chegarão a tempo? Sua irmã Anne, do alto da torre, vigia à espera deles. E é então que repercute a pergunta ritual, comovedora, que não podemos ouvir sem tremer, pois ela encontra eco até em nossa mais tenra infância: “Anne, Anne, minha irmã, não está vendo nada vindo?”. Lamento doloroso que se alteia de geração em geração há milênios e que nos toca o coração porque obscuramente reconhecemos a voz de Madame Bovary a agonizar de tédio em seu chuvoso campo normando, ou a de Samuel Beckett em *Esperando Godot*, e porque talvez ela não seja mais do que a versão infantil do grito de Jesus antes de morrer na cruz. A resposta de Anne não é menos carregada de mistério e de sombria poesia: “Não vejo nada além de sol na poeira e muito mato na beira”.

Chegado ao fim de sua narrativa, o bom Perrault se entrega a uma brincadeira bem instrutiva. Finge ter escrito uma fábula, cuja moral procura desde então. A moral dessa história é que... E nesse ponto o imaginamos com a pena no ar, caído na armadilha do conto que incessantemente nos faz supor uma significação, mas sempre se recusa a passar às confissões. A moral dessa história? Pois bem, nos diz Perrault, é que a curiosidade é um defeito horroroso! É evidente que ele zomba de nós, e que zomba de si mesmo, mas ao

mesmo tempo acentua a própria natureza do conto: translúcida, mas não transparente!

Arquétipos afogados na espessura de uma fabulação pueril, grandes mitos travestidos e despedaçados que nem por isso emprestam menos de sua poderosa magia a uma historieta popular, tal é sem dúvida o segredo do conto, quer ele seja oriental, feérico ou fantástico, e sem dúvida seria fácil destrinchar os mesmos motivos em seu avatar contemporâneo, a ficção científica. Trata-se de um mito que virou pó ao cair ou, ao contrário, em via de formação? O conto é um vestígio arqueológico ou, ao contrário, uma nebulosa onde se procura o futuro? Talvez a alternativa seja por demais categórica. Não há certeza de que nesse nível de profundidade o passado e o futuro se distingam tão claramente um do outro.

¹ Ensaio publicado em: Tournier, Michel. *Le Vol du vampire: Notes de lecture*. Paris: Gallimard, 1983, pp. 38-43.

² Lembramo-nos contudo de que os dois mais famosos assassinos de mulheres nos anais do crime francês, Landru e Petiot, usavam uma barba negra [N. A.].

A DELICADEZA DAS DUAS LÍNGUAS

LEONARDO FRÓES

Falei a uma jovem mãe do espanto que confesso ter sentido diante de certas cenas, aquelas mais sanguinolentas, que me defrontaram nos contos de Perrault. “Ferramentas para salvar as crianças”, disse-me ela, apontando para a situação das crianças que há três séculos se expunham, sem qualquer lei que as protegesse, aos perigos mais horripilantes possíveis. Lembrei-me eu, por minha vez, da constante presença desse tema no realismo dos grandes romancistas europeus do século XIX, como Charles Dickens e Victor Hugo. O protagonista de *O homem que ri*, de Victor Hugo, é um menino roubado e fisicamente deformado para virar atração, exibida em feiras, com entrada paga.

Charles Perrault foi o terceiro autor francês do século XVII, conhecido como o século de Luís XIV, que me aconteceu traduzir. Antes de abordá-lo nestes *Contos da Mamãe Gansa ou histórias do tempo antigo*, fiz versões brasileiras de obras de Jean de La Fontaine (em *Fábulas selecionadas de La Fontaine*, publicado pela Cosac Naify em 2013) e de François-Timoléon de Choisy (em *Memórias do abade de Choisy vestido de mulher*, publicado pela Rocco em 2009).

O século de Luís XIV – caracterizado como nenhum outro na história política e social da França pela riqueza e pelas pompas da corte que o Rei Sol fez girar ao seu redor – coincide, na história literária local, com o período do chamado preciosismo. A literatura então praticada, dirigindo-se a círculos de elite que se reuniam nos salões da nobreza, sobrecarregava-se tanto de salamaleques e enfeites como as próprias madames que entre galanteios e risos a consumiam. Grande parte do que se escreveu nessa época, mesmo que conserve interesse para quem a estuda em detalhes, se tornaria assim, com o passar dos séculos, de leitura bem indigesta.

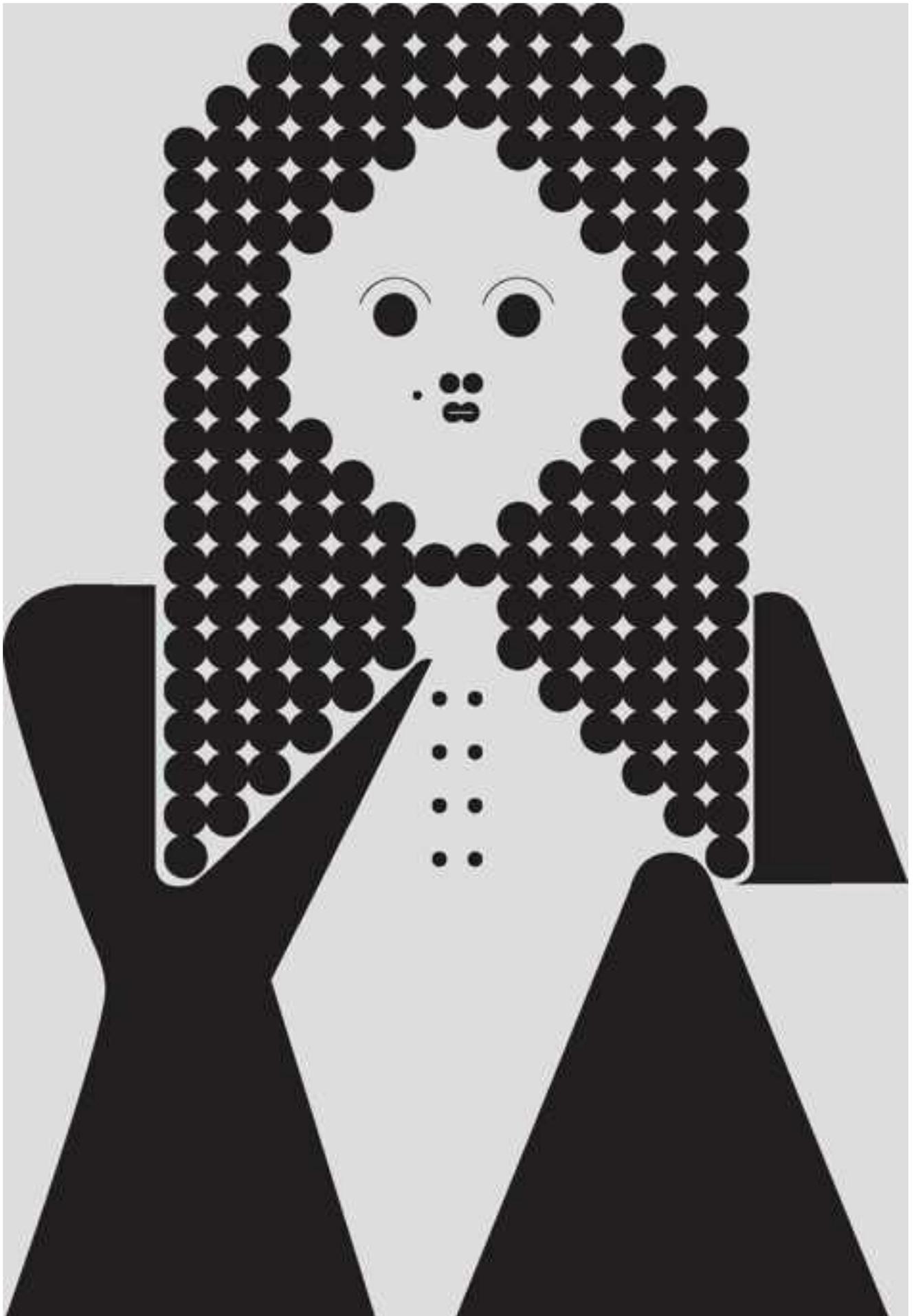
Contemporâneos, Perrault (1628-1703), La Fontaine (1621-95) e Choisy (1644-1724) viveram nesse ambiente, dependeram do patrocínio de nobres para se afirmar como autores e suas obras mais volumosas refletem o peso exagerado do preciosismo em vigor. Os três não só foram amigos como também *habitués* dos mesmos salões literários e confrades que ocuparam cadeiras, por longos anos, na academia francesa. Choisy e Perrault, segundo alguns especialistas, podem até ter sido coautores de um conto que tem o travestismo por tema, “História da marquesa-marquês de Baneville”, publicado anonimamente em fevereiro de 1695, no *Mercurie Galant*, o jornal mais importante da época.

Do ponto de vista literário, um curioso traço do destino uniu esses três autores. Os livros que eles próprios demonstram ter tomado por seus mais importantes, como os contos eróticos de La Fontaine, as memórias e as versalhadas de Perrault em louvor ao rei, ou a *História da igreja* de Choisy, caíram no esquecimento. Já os textos mais circunstanciais dos dois primeiros, as fábulas de La Fontaine e os contos infantis de Perrault, tornaram-se patrimônio do mundo. Enquanto isso, os breves textos pessoais do abade de Choisy, suas

memórias vestido de mulher e o *Diário da viagem ao Sião*, são os únicos que sobrevivem com brilho dentre as dezenas de livrões que ele escreveu.

Além de escritor prolífico, Choisy também foi tradutor. Durante os mais de seis meses da travessia ora tempestuosa ora enfadonha entre a França e o Sião, atual Tailândia, aproveitava os longos dias de ócio traduzindo do português para o francês uma história da Etiópia. Ao comentar esse trabalho, numa anotação no seu diário de bordo, em 18 de maio de 1685, fez uma observação sobre a arte de traduzir que me encanta. Como creio ter seguido, mais por instinto do que por reflexão, neste e nos muitos livros que já traduzi, uma linha semelhante à que Choisy aconselha na sua anotação casual, cito-a na minha própria tradução:

“Quando leio um livro simplesmente a fim de entendê-lo, ligo-me apenas nas palavras; mas é preciso que eu me ligue nas frases, se quiser traduzi-lo. Cada língua tem os seus modos de dizer. E, se eu traduzir palavra por palavra, disso resultará uma linguagem ridícula. É preciso que eu encontre um jeito francês que corresponda ao jeito português; caso de fato o encontre, é encontrando-o que percebo, tanto quanto ao meu alcance, a delicadeza das duas línguas”.



SOBRE O AUTOR

Filho mais novo de um advogado, CHARLES PERRAULT nasceu em 1628, em Paris, onde morreu em 1703. Formou-se em direito, mas pouco exerceu a profissão, e desde jovem se dedicou a escrever. Seguindo o mesmo caminho de seus irmãos, teve atuação destacada no serviço público durante o reinado de Luís XIV, principalmente depois de ser nomeado superintendente das construções reais em 1665.

Em 1672, com 44 anos, Charles Perrault se casou com uma moça de dezenove anos, Marie Guichon, que morreu seis anos depois, deixando-o com quatro filhos pequenos. O viúvo nunca voltou a se casar e cuidou pessoalmente, com grande empenho, da educação das crianças. Os contos populares da tradição oral, que ele contava para os filhos na ausência da mãe, tornar-se-iam a base das obras mais famosas de sua imensa produção literária. Outras criações mais ambiciosas do autor, como um longo poema de exaltação ao século de Luís, o Grande, e um volume sobre os franceses ilustres caíram no esquecimento.

Há três séculos Charles Perrault é universalmente considerado o autor de *Contos da Mamã Gansa ou histórias do tempo antigo*. Mas há uma dúvida nunca resolvida sobre a verdadeira autoria deste livro. Publicado pela primeira vez em 1697, a licença para impressão, ou *privilège*, que então se requeria, foi dada em nome de Pierre Perrault d'Armancour, o filho caçula de Charles, então com dezessete anos. Além disso, a carta-dedicatória à *mademoiselle* Elisabeth-Charlotte d'Orléans – filha de Philippe d'Orléans, o irmão de Luís XIV, rei da França –, com que o livro abre a primeira edição, também está assinada por Perrault d'Armancour.

Muito já se discutiu sobre isso, mas o enigma parece indecifrável. Há uma tendência a admitir, assim, um meio-termo: o filho teria anotado os contos primeiro, tal como os ouvia em casa, e o pai teria interferido depois, dando a eles a forma final e o polimento.

Esta tradução seguiu na íntegra o texto de 1697, com as morais em verso.

SOBRE AS ILUSTRAÇÕES

Misto de estúdio de design e editora, o MILIMBO foi criado por TRINITAT OLCINA BAS e JUANJO G. OLLER em 2007, em Valência, na Espanha.

Trinitat nasceu em 1974, na mesma cidade. Estudou magistério e sempre teve especial interesse pela literatura infantil. Hoje concilia a função de professora com os projetos do Milimbo. “Em meu trabalho com crianças, tento entendê-las e respeitá-las, oferecendo a elas propostas que deixem espaço para a sua própria voz e sua imaginação. No Milimbo, também procuro sempre me colocar no lugar delas.”

Juanjo G. Oller nasceu em Valência, em 1973. Desde criança gostava de desenhar, mas também de brincar com jogos de montar e desmontar. Esses interesses o levaram a estudar design gráfico na Escola Superior de Desenho de Valência. Trabalhou como designer e ilustrador *freelancer* até criar, junto com Trini, o Milimbo. “Sempre estivemos interessados nas diferentes maneiras de se contar alguma coisa, às vezes por meio de um livro, outras por um pôster ou um jogo, uma instalação, uma oficina...”

O Milimbo já tem mais de dez projetos publicados, entre eles *Mi limbo personal* (2007), *Hansel & Gretel* (2007), *Little, little red* (2011) e *Cinderella* (2012). Como se vê, contos da tradição oral são uma constante fonte de inspiração para a dupla. Ilustrar os *Contos da Mamãe Gansa ou histórias do tempo antigo* representou um grande desafio para eles e exigiu um intenso trabalho de pesquisa e experimentações. Trini e Juanjo desenvolveram uma técnica de ilustração diferente para cada um dos nove contos: de desenhos à mão – em lápis de cor, grafite e canetinha hidrocor – a colagens, carimbos, cenários fotografados e ilustrações vetoriais feitas no computador.

Em 2014, os dois estiveram no Brasil para participar da criação da cenografia da Feira Ópera, em São Paulo. Na ocasião, realizaram também uma série de oficinas ao lado de ilustradores brasileiros como Laura Teixeira, Daniel Bueno e Andrés Sandoval.

© Cosac Naify, 2015

Michel Tournier, *Le Vol du vampire* © Mercure de France, 1981

COORDENAÇÃO EDITORIAL Isabel Lopes Coelho e Vanessa Gonçalves

PREPARAÇÃO Cíça Caropreso

REVISÃO Cristina Yamazaki e Flavia Lago

PROJETO GRÁFICO Flávia Castanheira e Paulo André Chagas

TRATAMENTO DE IMAGEM Wagner Fernandes

PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Perrault, Charles [1628-1703]

Contos da mamãe gansa ou histórias do
tempo antigo: Charles Perrault

Título original: *Les contes de ma mère l'Oye –
Histoires ou Contes du temps passé*

Tradução: Leonardo Frões

Ilustrações: Milimbo

Posfácio: Michel Tournier

São Paulo: Cosac Naify, 2015

65 ils.

ISBN 978-85-405-0945-0

1. Ficção – Literatura infantojuvenil i. Título.

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3218 1473

professor@cosacnaify.com.br